



Digitized by the Internet Archive  
in 2016









FIALHO D'ALMEIDA

---

# “BARBEAR, PENTEAR,,

---

(JORNAL D'UM VAGABUNDO)



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA  
DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1911



“BARBEAR, PENTEAR,,



FIALHO D'ALMEIDA

---

# “BARBEAR, PENTEAR,,

---

(JORNAL D'UM VAGABUNDO)



LISBOA  
LIVRARIA CLASSICA EDITORA  
DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

---

1910



## UM JUIZO DO ANNO

---

O horoscopo de 19... é coisa de que eu difficilmente daria conta, se a astrologia dos antecessores me não fornecesse signaes por onde inductivamente tirar a lei spirita que ha de reger a vida d'aquelle grande maganão. Divindades patronas que o recomendem, sei de algumas. Venus para os camiseiros; para as sopeiras, Marte; para os avariados, Mercurio; para as torradas, manteiga; e o Posser para o theatro de D. Maria... O signo dominante todo o anno, é capri-cornio, segundo no matadoiro me disseram, o que até certo ponto harmonisa com a lei do divorcio, pedida no parlamento, e certo visando algum mal social frequente, que será talvez, ia dizer, fazerem poleiro os cucos nas aguas-furtadas dos maridos.

Os que nascerem em 19... serão, por mercê especial do destino, mandriões, batoteiros e mentirosos: em meninos berrarão constantemente por pão com manteiga, e chegados á adolescencia, colecionarão sêlos: e sendo machos terão por ideal

uma bilharista e uma bicycleta, isto é, pronunciadas tendencias para burros: e sahindo fêmeas, porão ovos, o que scientificamente virá a estabelecer grandes confusões entre as especies.

Como este horoscopo deve abranger inumeras consultas, haverei que detalhal-o com methodo, dividil-o e subdividil-o por guiza dos influenciados poderem topar celeremente, cada qual seu vaticinio, de sorte a precaverem-se contra as malarrias torpidas dos astros, cuja infeção mysteriosa os astrologos cada vez menos sabem perscrutar.

Assim, no campo das relações externas, amigos, em que respeite a progresso, este pobre paizito nem sequer merecer póde o ultra-modesto titulo de alavanca, que o *Diario de Noticias* tem dado até ao proprio chinguiço dos galegos.

Falta-lhe tudo: ponto de apoio, potencia, resistencia... Ponto de apoio, oh! oh! quem lh'o dará?—Nações que lhe inglezam as colonias, fazendo-as cahir nas reversaes do tratado de Lourenço Marques, por onde resvala mais que o brio d'uma nação, o brio de duas.—Potencia? não póde aversal-a, *magnum quantitatem*, quem só tem esquadras de botes cacilheiros, e *irózes* que ainda bem não Torre-Espadados, já teem emprego na Companhia de Moçambique. Continuaremos pois a fazer sorrir as nações coloniaes com a mania de civilisarmos a Africa transportando mercadorias á cabeça dos

pretos, e fazendo-os tocar na exposição de Paris, pedaços da *Mascotte*. Continuaremos a ter no ministerio dos estrangeiros, ás quintas-feiras, recepções d'embaixadores que vem aqui fazer economias, tratar de tuberculose uma pessoa de familia, e como *sport diplomatico*, apoiar pedidos d'indemnisação de ladravazes, que vem ao paiz pedir concessões que são verdadeiras armadilhas, e riscar contractos que são verdadeiras emboscadas. N'isto se irão cifrando as nossas relações com as potencias: mandar para lá, em juro de divida, pagamentos de trigo, assucar e outros consumos, os restos do oiro inglez que ainda suamos, e não lhes podermos impingir em troca nenhum dos generos que cá temos pelo mercado, aos pontapés, sem cotação... No artigo representação official, se os *chargés d'affaires* que as potencias nos mandam, lembram diabolicamente, na faceira morta e na impotencia dos bigodes, ruinas de cancanistas, foragidos, por falta de pernas, da berzundéla, na diplomatica, os que em compensação de cá expedimos, não valem mais d'architectura, só os excedendo na parvalheira correcta com que se deixam comer em todas as negociações, e nas curvaturas d'espinha com que... honram lá fóra o nome portuguez. Que hoje em dia, residentes estrangeiros junto de chefes d'estado, são apenas delegados d'etiqueta, fazendo quando muito espionagem, sob apparencias de lisonja, aos pequenos fracos dos presidentes de republica ou dos monarchias. Se por

exemplo a magestade é glotona, a aptidão do embaixador consistirá em não fazer cara aos molhos typicos, nem regorgitar a comida na taça dos brindes, quando a tachada de cerimonia o leve a almudar de mais a magestade do paiz que representa. Ou se em vez d'um principe glotão, fôr um presidente de republica Nemrod, a prova d'embaixador estará em ter da pontaria o preciso tacto para não acertar nas nalgas do chefe d'estado, ou ferir os cães em vez dos javalis, o que poderia agravar a questão dos crédores externos, e dar ao Madeira Pinto o miolo d'ostra de que esses pobres imbecis roem a casca. Demos porém que a magestade nem seja glotão, nem caçador, mas um frécheiro intrepido e incansavel, um S. Francisco de Sade atreito a genuflexões intrajoelhos da beleza, um mordedor de morangos toraxicos, gostando de fazer, como Francisco I, a vindima de todos os fructos prohibidos do seu reino... É a embaixatriz então a « encarregada de negocios », e eil-a que surge na faina intemerata de manter ileso o aprumo das... potencias! Na bohemia diplomatica vem ás vezes, estraviados no geral das mulheres impecaveis, d'estes typos de cobra enroscante, caprichos de pecado, verdadeiras torpiliias do amor sabio, entradas na côrte sem ser pela porta do matrimonio, e que uma vez creditadas, proseguem nas salas o fanico antigo d'asfalto e cervejaria, em que alguma noite as topára o acomodaticio embaixador. *Cocottes* ou

princezas, com mais esmalte na cara e mais agua oxigenada nos cabelos, estas creaturas fazem por via de regra o pictoresco das côrtes de Gerolstein por onde grassam, e tornam-se a nota elegante, o sylpho da bohemia artistica, o idolo da frescata e da ironia, raro sendo que a sua perigosa gentileza não venha a escandalisar as esposas legitimas, e a provocar aventuras de que até ás vezes as proprias monarchias são victimas: testemunha aquele rei que ficou sem penca depois d'uma triplice fomentada com certa ministra, para a penetração pacifica, não me lembro já de que paiz...

Já ha bastantes annos esteve ahi uma que deu brado, mulher ou quer que fosse d'um secretario ou adido, cuja vocação era dizer nos serões, com uma candura besta, monologos d'escandalisar carregadores. Era uma estrangeira gracil e volatil, de boquita pintada e trunfa russa, fina, felina, com pequenos pés que saltitavam como se tivessem azas nos calcaneos, e paradoxos delinquentes tão á Catulle Mendés e á Michel Provins, que quem na escutava perdia o tino, como dizem se dá com os maritimos quando ouvem sereias cantar d'amor nas furnas d'algas.

Seria um puro acaso, a sua vinda entre nós, mas não faltava quem, somando as provas d'agrado insistente do principe com certas concessões do governo a compatriotas seus, pelos jornaes verberadas d'escandalos, inferisse que a sereia fôra expedida de proposito, sabidos os habitos de lamé-

charia do portuguez, pelo geral pouco habituado a ter á mão typas d'estálo.

Bréve, vendo como em S. Carlos o binoculo real fixava com descarado proposito o camarote da estrangeira, começou a maledicencia a suar ditos, a armadilhar e hervar historias perversas que iam pondo a creaturinha no *syllabus* das salas austeras, sem talvez razões maiores para taes furias, pois toda a gente sabia o quanto o principe gostava d'alardear bravuras que não tinha, e fingir que supria exercitos de belas, quando afinal tudo a mór parte das vezes se passava n'uma inofensividade de manobras de refazer a pureza até das mesmas itaïras, e mover riso ao padreador menos infantil da arraia popular.

Chegou o idylio a termos de não haver partida de tennis ou partida de hiate, de que a estrangeira não fosse comensal, e até mesmo n'umas digressões só para homens a casquivana era certa, com o secretario cançonetista, e vasta provisão de remóques ironicos e casquinadas soando a pintos falsos.

N'uma frescata á lagoa d'Obidos, que ficou celebre, o principe antes de lançar as redes, de bordo da canôa coberta de flôres, andou pela areia descalço, em galante comercio co'a estrangeira, que tinha os mais lindos pés da christandade, pouco faltando para que os da *entourage* os beijassem, invertendo assim prá favorita o beijamão que o protocolo afécta ás rainhas verdadeiras.

A festa foi soberba, e singularmente alegre, mórmente quando o príncipe, olvidado das fainas d'estado, e rejuvenescido, mau grado a grande barriga e as nalgas de cervejeiro alemão que Deus lhe déra, tomando a guitarra d'um famulo, cantou de sua lávra, á reçumante franduna, um fado malagueta, onde por entre os contratempos (vá sem dizer) da métrica coxalgica, floria a bretoeja lyrica d'uma alma de colegial cheia d'amor.

Que resultou d'este galanteio muito mais pintoresco do que grave e (pelo menos da banda do príncipe) efemera consequencia do thédio d'uma vida de formulas, esteril, fiscalisada por uma censura mesquinha, n'uma cidade onde tudo é pretexto para achincalhar e poluir? Resultou que desboto das suas côres primaveris, a alma dos dois cumplices desnuda e, na sua deformidade anatomica, posta em espelho uma da outra, breve a fadiga real foi evidente; e que em proporção, ou fosse calculo ou desejo, o exaspero da mulheróta desenvolveu fogáchos de luxuria impossiveis de calmar sem bocagiano expediente. Ora uma noite em que por excesso de precaução o recontro se estava dando em trevas completas, contra o que a secretária esperava, a valentia do agressor subiu de ponto, depois d'uma rapida trégoa em que pé ante pé aquelle se fizera substituir por certo ajudante moreno e com reputação de bravo esgrimidor.

O ajudante, de plethóra plebea, e mais feito a

moer pretas d'Angola e creadas de servir, do que a mascar comida de duquezas, apenas se sentiu ferver junto d'uma mulher d'alta elegancia, taes sorvos d'ar tragou, que desencabrésta, c'os diabos! batendo a fortaleza em sucessivas bréchas e cercos, sendo preciso arpoal-o com ferros, tiral-o da alcôva á força, já lusco-fusco, não fosse a secretária reconhecer a tróca d'armas, e propalar o descredito do seu real esvurmador.

Tão brava a justa fôra, e tão cheia de compensações sensoriaes, que a secretária, resarcida já das falhas antigas, cantava madrigaes á treva benefica, protectora das ancias amorosas, gritando que Portugal volvia de novo a ser povo aguerrido...

De sorte que nas entrevistas, sempre que o principe *blasé* tentava engrolar a musica, mascando a synfonia em vez d'emitir o duo final, dizia-lhe ela com um rizito de pécora adestrada:

—Sire, e se apagassemos as luzes...

Entrados no capitulo das relações internas, fixaremos primeiro a fysionomia do portuguez, sobre cujos destinos nos propomos aqui buenadichar.

A sua má reputação data da historia, onde pela barbaria dos usos e pela vista grossa da moral, algumas das suas prendas más, posto brilhantes, conseguiram passar por qualidades. A pretexto de desdobrar o torrão patrio, e expandir da raça a força aventureira, começou por desapossar da terra

os outros povos, violar-lhes as mulheres, escravisar-lhes os homens, substituir-lhes os deuses, os habitos e os usos, por outros deuses que não valiam talvez tanto, e usos e habitos que complicando a vida, lhes não podiam trazer felicidade. Com um quasi exclusivo fito de cupidez, arvorando a cruz por caduceu, e de que a pretendida fé christã mal disfarçava a furia de riquezas e a estupidez feroz da força bruta, eil-o singrando armadas de naus d'aluguer onde o rei monopolisa o commercio e a preza das batalhas, para c'os lucros costear monomanias de grandeza, e a ruidosa architectura com que se paga a cumplicidade de Deus nos morticínios de toda a costa do Indústão. Uma vez provado este favô das conquistas, perdido o medo ás lendas tragicas da agua, adeus virtudes primitivas do lar! —o portuguez, de não caber no estreito torrão patrio, desencadea em piratarias magnificas, em canalhices unicas e heroicas, a inquietação maritima, ancestral, que em epochas confusas lhe transfiltrára o argonauta mythico e barbão. Desde esse dia começa a avolumar-se n'ele um egoismo de dono e *souteneur*, que lhe faz vêr a terra como usufructo opimo para costeio do seu orgulho, e o trabalho das gentes como seu tributo logico, natural, que lhe paga o universo assombrado do seu heroismo bronco e da sua falta de pudor. Da persistencia da sua fortuna guerreira, resulta acentuar-se-lhe mais no espirito esta visão de feudo sob que lhe aparece o mundo conquistado—

d'onde o concluir que essa insolita fortuna colonial, em vez da revelação d'um predestino evangelizador da fraternidade christã e da vida livre dos povos, seja simplesmente o preparo d'uma especie de panria, de que a fase definitiva fosse sybaritar na ociosidade, cahir de braços no vicio, e « começar a viver á custa alheia ».

E é o que ele faz d'ali por deante, esse portuguez falador que se impinge aos rajás indianos como representante do mais poderoso monarcha da terra, esse intrujão d'olhos molhados, vivo de gestos, imaginativo, brilhante ao primeiro arranco, mas sem persistencia no esforço, sonhando coizas de que só realisa o principio, cavalheiroso ou vil conforme os ventos, e de que uma espantosa fortuna subservia os caprichos, e epopeïsa as mais ingenuas aventuras. É o que elle faz, viver á custa alheia. Primeiramente, do confisco dos judeus e carregação das naus da India; das naus da India e capitancias do Brazil, seguidamente; logo d'emprestimos inglezes e francezes; do brazileiro, apóz; e agora da Africa, se lh'o tolerar a espansibilidade robusta dos visinhos que de todas as bandas começam a faina de transformar essa lande esteril, em jazigo opiparo de riquezas, emquanto elle dê pápo, toca viola, a fazer mulatos que são, socialmente, da raça humana, a vergontea maldita, e a gizar arroteias que ainda não mondadas das primêiras hervas, logo cahem nas garras do Banco Ultramarino.

Emquanto esse espirito aventureiro poude embrulhar em romances d'espadachins e bandeirantes, o quantum de parasitismo desfructador e de gandaia que faz a vasa profunda do character lusitano, lá podémos guardar publicamente uma tal ou qual linha distincta. Mas resumido a circuitos reles o giro d'ação dos grandes inquietos, aburguezado o soldado, resvalada a vida ás paisanerias triviaes da paz, a lenda historica ruida, o que do politico resta é simplesmente um intrigante, o que fica do açambarcador de riquezas é um madraço simplesmente, e o que resta do heroe não passa afinal d'um intrujão. Intrigante, madraço, intrujanete, eis os tres dentes de forcã d'onde esperneia o antigo terror dos mares orientaes, o capitão famoso d'Ormuz, o bandeirante audaz da grande America. *Viver á custa alheia*. Das mil maneiras que este pictoresco encosto reveste, para, abolida a responsabilidade e dispensada a iniciativa, podar o homem das independencias redemptoras que fazem d'ele o nobilitador da vida mascula. *A custa alheia!*—aceitando sem reluctancia, do estrangeiro, em *brevets* d'industrias, emprezas concessionarias, livros d'estudo, auxilios de dinheiro, monopolios, obras de luxo, todas as papas feitas que o dispensem de trabalhar e de pensar—organizando desde o berço, legiões de parasitas, para a exploração do emprego publico—recorrendo sem repugnancia a expedientes financeiros escusos, casamentos, calótes, falsificações de firmas, lote-

rias, velhas ricas, subserviências, piranguices... Com a vergonha acomodaticia, o descaramento jovial e a imaginativa cabeça em cata sempre d'entretengas futeis e pascigos faceis para o sonho, estando bem onde não está, envergonhado sempre do que é, gastando o dobro do que tem, ele a mentir, a fingir que é muito mais — se é trabalhador, fingindo-se patrão: se é enfermeiro, fingindo-se doutor: fazendo d'esperto se é parvo, e de sabichão, se inculto e leigo — com todos estes stygmas ancestraes, estas táras de raça, varado na vida moderna como um casco podre de galeão, o portuguezito liquida afinal n'um sacripanta nostalgico, um rato d'armazem vivendo de gaspilhar migalhas d'outrem; e quanto mais abjecto se torna, mais patifarias acumula, mais pontapés no cu apanha, tanto mais parece jactar-se de ter sido cantado por Camões e descender do Gama e d'Albuquerque!

Vae passando na rua aquele homensinho glauco e mal vestido, o chapéu alto n'um figo, joelheiras, suissas, e um completo de diagonal surrado em todas as juntas. Levá pelo braço uma especie de madama-la-princeza, em plumas toda, saia bordada, camiseta de seda, relógio, luvas, braceletes bizalhados de guizos e medalhas... Logo se vê que os dois não fazem todo: o sebento é que paga, a magalona é que estroinea: não dão palavra, nem

se olham, d'onde adivinhar-se que a mesma canga do matrimonio os tem, sem nos juntar. Preso por um cordão cheio de lacinhos, vae deante do par um cão fraldeiro, que parece puxar os dois, guiando-os pelos desconhecidos da vida, emquanto atraz uma especie de janota dá d'olho á dama, que o concita d'esguelha, no perfeito quietismo do marido. Vegetando entre o adulterio e o calote, tem este curioso casal seu que de symbolo: é a familia lisboeta n'um dos aspectos typicos, actuaes — venho a dizer, precisando sempre d'ajuda, como o Barjona dizia dos ministros, quando se trata de provêr necessidades...

Apostar em como o ventre da dama não dá fructo. Pois que admira? N'esta cidade onde o amor é pra toda a gente um passatempo, deve a prenhez considerar-se uma vergonha. De feito, vae sendo rara a bela coragem das mulheres passearem na rua os refens da geração. Não ha grávidas na rua! Ou o amor, por quaesquer manobras viciosas, prevarica, tendendo a lisboeta, por um espirito d'elegancia e terror gynecologico, á estylisação da Venus franceza, vampirizante, insexual, de Catulle Mendés e Jeán Lorrain; ou a familia luza, ferida d'impotencia, só raramente espiga n'alguma vergonhea gracil e doente... Qualquer das duas hypotheses, apavóra, e mais se ha-de tremer, considerando-as juntas a trabalhar na extinção da raça e da familia. Vae em quinze anos pôz-se pedra n'um certo processo de partei-

ras, acusadas de transformar em bistouri, a agulha de crochet: duzentos fetos picados, toda uma geração á pia da cozinha... Agora, segundo vóz, herdaram doutoras a clientela das comadres, e eil-as medrando no bom mister de não deformar o ventre de madama — de madama que só quer do amor, o pizzicato, e se consentiu em ter um filho para assegurar a herança dos sogros, foi mistér tirar-lh'o sem dôr, cloroformal-a, como se esse filho fôra... um dente.

Como hygiene moral inda se sustaria o flagelo da mulher esteril por chic; quanto a estancamento de gerações por vicio organico, faça-se como para os cavalos, potris de racionaes, onde os ninhos inferteis venham buscar o que lhes falta.

Ora eis ahi, cavalheiros e madamas, madamas e cavalheiros — uma das supicazes surpresas do novo ano: acabarem os casamentos de conveniencia, serem os noivos casados pelo medico, em vez do padre, irem-se emfim estabelecendo pelo reino, postos de padreação, que ofereçam vacinas fortes para a reconstituição da raça nacional.

Estamos d'aqui a vêl-os funcionar pelos processos de reprodução já conhecidos, desde o processo d'Adão, até aos processos recentes de Pasteur; e nós estufins dos institutos microbianos, culturas de loiros, culturas de trigueiros, soros de propagação já complicados e infaliveis, para produzir ganhões do campo, intellectuaes, homens de negocio e de officina; e ensaios de cruzamento — tres

quartos de inglez, dois terços de teutão; e leveduras exóticas para, em procreadoras nacionaes de varias provincias, gerar por exemplo o hespanhol, o japonéz, o scandinavo...

Os imprevistos, depois!

Certa noite d'inverno, n'um cazal de loiros quasi albinos, reconhecida a inaptencia d'um conjuge, iria o outro, ao posto próximo, buscar garantia á geração; passado tempo, appareceria no lar um mulatinho... Com a pressa do remedio, a dama, em vez de pedir vacina ingleza, aceital-a-hia talvez... colonial. Terror dos sogros — o que foi isto?

Explicação verosimil — foi um susto! Seria susto. Porque não ha-de um susto fazer o filho preto, quando por um abraço só do marido muita vez a mãe se vê azul?

Ahi vem o pequeno a troche-moche: e agora não é só o cão a guiar a familia, é tambem o creanço, que transtorna logo o equilibrio do lar, no sentido de ralar a mãe, não deixar dormir o pae, e alterar para horas incomodas as entrevistas secretas do *monsiú*. Vae ser necessario meter ama, o que supõe o sustento d'um municipal ou d'um policia, quando não é dos dois, e ter astucias especiaes para evitar que a domestica nova suspeite que o *monsiú* toma rapé da caixa do patrão. Tudo isto redundando em novas despezas, novas chaves do

trinco, novas gorgetas ao guarda nocturno, tapetes grossos no corredor, escolha de quartos perto da escada e com portinha de salvação, para surpresas—e resultado?—o marido cada vez mais porco, o *monsiú* cada vez mais insolente, a dama cada vez mais descarada, e cada vez mais gordo o cão que aguenta.

Ahi começa a odyssea do creanço, que lesmento e escanifrado, filho d'um beijo sem amor e d'uma prenhez sem contentamento nem ideaes de felicidade, mais parece evoluir d'uma cibala, que d'um ovo—o que lhe explica o typo estercorario.

Fazem-lhe absorver leites estranhos, da ama ou d'uma cabra, o que é o mesmo, por um bico de peito murcho, por um cachimbo de borracha ou *biberon*: e da cabra lhe vem talvez, sobre o futuro, o prognostico de bode, e do cachimbo a «fumisteria» que é a sua característica moral a quando homem. Quando já o menino engatinha, em vez de o fazerem digerir pelo seu estomago, dão-lhe peptonas e outras drógas por onde se acostuma logo de principio a importar nutrição já laborada; e eil-o medrando artificialmente, como um monstrosinho de vitrine, té que aos primeiros passos se reconhece ter as pernas tortas, moles as articulações, e ser preciso escorar-lh'as com aço, pôr-lhe mólas nos tornozelos, para o obrigar a parecer gente. Vae assim claudicando até aos doze, tardo da fala, urinando na cama, com impingens e ferunculos, as orelhas despegadas, os olhos mortos,

a cabeça glabara de vitela: quando a mamã, uma emancipada, sectaria do « movimento feminista », risca ao marido as carreiras dos pequenos.

—O Arthur, que é debilsinho, para artilheiro; a rapariga, essa ha-de ser medica; e o mais parvo, que és tu, p'ra bacharel!

Com a primeira carta d'empenho em que se salva n'um exame, se lhe confirma essa grande lei do bem viver em Portugal, que é não contar com a justiça para nada, e ser coleante como as canas que o vento roja ao chão, nos lamaças. Tem o primeiro fracasso amoroso aos quinze, a idade em que nos paizes do norte inda se traz palmito de açucenas, e este fracasso em vez de lhe reprimir por tempo, a curiosidade do vicio, liberta-o ao contrario das ultimas fachtas infantis, fazendo-o *chulo* de camareiras, frequentador de bilhares, batotas e prostibulos, heroe de retiros e esperas de toiros, onde á guitarra conta soldadescamemente a origem das suas pápulas e rouqueiras. É n'esta altura que elle recebe da claque as primeiras senhas para dar palmas, e que, se é escolar, puxa os primeiros cavalos d'uma Sarah Bernhardt que a Providencia lhe manda para experimento d'assignaladas vocações. Por estes cotovelos d'estrada se vem então definindo e precisando o viandante; começou por não digerir com o seu estomago, ensinaram-lhe a não pensar com o seu cerebro, acabou por não trabalhar com os seus musculos; e por outro lado tem exigencias de quem digére,

pensa e produz força; sob apparencias d'estudante ou pratico d'escriptorio, janota, artista e homem valido, forra-se ás responsabilidades por um parasitismo que tem synthetico lema no pregão famoso dos cauteleiros—ser rico sem trabalhar! E é no que ele pensa, ao que ele aspira, em detrimento do mais que lhe não serve: ser rico sem trabalhar!—Para as hespanholas, para as tipoias, para as toiradas, para os alfaiates, para os theatros, para as frescatas nos restaurants e nos retiros... Que, como as riquezas não cahem do ceu, nem ele as buscaria tam pouco pelo processo porque estas superfluidades tiram aos donos vontade de as gastar, forçoso vae ser que alguem l'has largue—de que maneira, não sei!—mas é no que ele escogita, a vêr se topa.

...E aqui as ideias estrombolicas de lhe sahir a sorte ou maridar velha opulenta, as sordidezas moraes de roubar o pae, falsificar uma letra, intrujar um amigo, fugir com o cofre da repartição, os desgovernos imbecis d'empenhar a legitima, pôr no prego o relógio, vender o sobretudo, crucitam em círculos baixos de expedientes, arranjos, planos, de roda d'essa cabecita impulsiva, já hereditaria e historicamente propensa ás aventuras, e cada vez mais prometida, pelas asneiras feitas e pelas asneiras a fazer, ao capuz da Penitenciaria e aos zagalotes d'um revolver.

O que n'estes dez annos de crise se tem feito em Portugal das taes asneiras, e as quantas, mercê

dos impunes exemplos, pelo tempo fóra, se virão a fazer, quasi justifica o que uma vez, lendo jornaes portuguezes, dizia um inglez para outro, ao pé de mim:

—Hoje, quem a um portuguez confia um cofre, tem de lhe pôr ao lado um municipal. A primeira imaginação do portuguez ao pé do cofre, é persuadir toda a gente, e persuadir-se, que está rico, e a segunda é safar-se com ele, se a ausencia do municipal l'ho permitir...

E ainda n'estes que palmam, matam, intrujam ou safam-se, ha uma tal ou qual indomabilidade de sangue, uma *vis* determinista a revelar o homem: energias degeneradas, mas energias, pondo em scena força ou intelligencia, resuscitando os ancestraes nas veias dos parentes.

Mas os de juizo, os regulares, os de bom porte?

Psychastenicos, impotentes para traduzir a ideia em acto, loucos de duvida, parésicos, a sua correção resulta do medo e dá abolia do querer que estagna os fracos; na degenerescencia que os mina, o senso moral, intacto, não lhes apruma a linha do caracter, nem serve á colectividade, porque as faculdades d'ação, atenuadas, e as da intelligencia, abolidas ou regressas á puericia senil, apenas entreteem no pobre diabo uma especie de vida vegetante, d'emprehendimentos futeis, molezas, bagatelas...

Quando começaram entre nós as primeiras febres d'exploração na costa d'Africa, appareceu um

projecto d'empreza, *A Africa para todos, A Africa em fasciculos*, ou coisa assim, onde se exhibiam tenções de pedir terras n'uma extensão de todas as provincias do reino juntas, afim de colonisadas serem com subsidios de duas qualidades. *Primeira*: quotas de tostão, mensaes, que verteriam os socios n'um cofre, como as do cyrio do Cabo ou da Atalaya. *Segunda*: colonos europeus (preferindo-se, dizia o prospecto, sempre os patriotas) a quem nos territorios da grande concessão se dariam courelas, pagando eles a passagem, levando consigo aparelhos, sementes, e construindo lá casas a seu gosto e á sua custa. Prescreviam os estatutos que os trabalhos ruraes começariam apenas houvesse um conto; e para chamar concorrência ao *guichet* dos escriptorios, e lisongear perante os socios a magnificencia uberrima dos terrenos, seria distribuido como premio, pela loteria da Misericordia, um tigre empalhado, que o concessionario adquirira n'uma barraca de féras em falencia.— Eis um exemplo de grande iniciativa. Mas lá vae outro.

Um amigo meu, agronomo bem conhecido pelos seus artigos agricolas, *de que toda a gente elogia o caracter pratico*, herdou da tia sua herdadóla de schistos, nos descampados malsãos do Alemtejo. Ideias lhe vem de por ali estender vinha modelo; e eil-o aferrado ao projecto, falando a toda a gente na vinha, gastando tempo em dis-

cussões de surriba, compasso e escolha de vedonhos. Encontrei-o uma tarde no escriptorio da fabrica de garrafas, a escolher um typo gargaludo, em verde palido, sobre que mandara gravar floreado monograma. Quatro milhões de garrafas para vinho! e saca d'um rotulo, onde, ao travez, letras esculpturaes diziam typos de vinho especial, da herdadóla armada em quinta: *Valenzóla-clarete*, *Valenzóla-branco*, *Chateau-Valenzóla* . . . uma inferneira de marcas, apuramentos de sumos, que logo me cresceu vontade d'ir visitar granja tão fertil.

—E tenho ahi no centro da cidade alugada já loja para a venda.

—Mas em que alturas vae a plantaçoão?

Encolhe os hombros.

—Não dá cuidado. É o mais facil.

Quatro mezes depois, indo á feira de Castro, diz-me um companheiro de diligencia:

—Este pastio aqui é Valenzóla, da D. Anna, que ficou ao sobrinho, um de Lisboa. . .

—Valenzóla! onde começa então a grande vinha do *chateau clarete* e mais do *branco*?

—Vinha? diz o outro. Piorno e estava, amigo, uvas não dão. É certo que o homem veio ahi uma vez falando em vinha, mas molhou os pés, e virou a espirrar para Lisboa.

A pequena iniciativa agora.

«Clemente José, diz o *Diario de Noticias*,

quando hontem passava na rua Nova do Almada, quebrou o nariz. Foi conduzido ao Hospital de S. José, onde lhe pozeram outro. O mesmo anuncia uma cura radical prás homerroides...»

Podera! com um nariz novo.

O homem é como vêdes. Não ha então motivo para que a mulher seja melhor. Se é costureira ou cigarreira, querendo-se passar por senhora ou filha d'empregado; se da burocracia ou do commercio, querendo passar por dama da alta; se da alta, fingindo-se princeza; se princeza, aspirando a devidade—nunca a lisboetasinha está quieta na cathegoria social que Deus lhe deu, e tudo é basofiar grandezas que por hereditariedade historica o sangue lhe concita, dar-se a transferencia de personalidade tão cara á sua indole de comediante hysterica, filha digna dos paes, irmã á altura dos irmãos... *Mademoisele Hortence* é a interessante mana do franchinóte esboçado ao travez d'este estudo picaresco, e filha diléta do *par a tres* que o cãosinho, dissémos, vae puxando. Fez a sua educação no collegio de *Madama Ostra, élève du Sacré Cœur*, e dizem que modista infeliz do *Moulin Rouge*, posto refira ás familias das suas educandas ser viuva d'um capitão francez morto em Tonkin, Madagascar, ou lá onde costumam espichar os maridos das cavalheiras que não casam.

O collegio é n'um terceiro andar da Horta

Sêca: por baixo uma cocheira, onde por causa das pulgas do gado, um carneiro lanoso dá ás pequenas uma ilusão de parques e escampados: por traz uma nesga de rio, para a sugestão das atmosferas de mar, revigorantes—o que faz com que o programa site a casa « n'um sitio saluberrimo, lavado d'ares ». Ao recreio as rapariguitas põem alcunhas nos homens da vizinhança, fazem adeusinho para as casas fronteiras, saltam cordas nos corredores, dansam ou gritam na casa d'ê jantar, meia ás escuras; as maiores teem paixões pelos professores novos; langorosas, outras, copiam versos em albuns e cadernos, ou desenham paysagens exagerando as fórmas do camponez que vem pela azinhaga... A clausura, cansando na sua impulsão virginal as amorosidades da primeira adolescencia, fal-as roçar de leve em tresvios lesbicos, de que as mais velhas enférmam, fazendo olhadas de rã prás mais novitas.

Aos domingos, por volta da missa, nos jardins publicos, d'olhos baixos, tranças cahidas, o livro, a duas de fundo, dão uma ilusão de virgens em salmoura.

Tres dias por semana fala-se francez—alemão e inglez nos dias restantes; de sorte que portuguez só nas raras relações com as creadas, ou co'a familia nas férias, *se não é gente da sociedade*, sob a noção porém de ser lingua *ordinaria*, e nunca lhes vir a ser precisa. Não ha duvida da educação ser primorosa, e d'aquelle terceiro andar sahirem verdadeiras *grandes damas*: bordar em espelho, comedia

de salão, piano e harpa, inclusivè dansar a pavana e «todas as demais prendas do sexo», as gatinhas borralheiras sabem tudo—bem entendido, o superfluo—e de tanto saber é que resulta gastarem os maridos o decuplo, terem elas mais o feitio d'amigas que d'esposas, e parecer a casa mais um coté que ũma morada... Se em lugar de colegio laico, é casa religiosa o *magazin* d'educação onde mademoisele Hortence abebéa a sua morbidez artritico-alcoolica, tuberculo-sifilitica, ou lá como séja o tempero que os estimaveis progenitores houveram dar-lhe, em pouco mais ou pouco menos diverge a resultante educativa: mais missas, comunhões, meditações, e menos valsas; fatos simples, gestos de benção seráfica, doairo copiado dos serafins fylarmonicos que cercam a Virgem, no fresco da capela; o mesmo erro de querel-as fazer a todas duquezas e lhes inspirar o horror da vida pobre; o mesmo sonho de vida artificial, pueril, que as põe cá fóra em conflicto de crenças e illusões com o papel d'ação que o mundo lhes destina; e enfim, pairando a tudo, uma religiosidade que aproxima Deus té materialisações carnaes de figuras comesinhas, a ponto d'algumas terem paixões por Christos de barba em bico, e suporem outras os santos como vem pintados nos quadros, e lhes escreverem cartas de namoro.

No recolhimento ou no colegio, paralelamente á vida d'olhos candidos, bôca cahida aos cantos, ademanes infantis e palavras de *Flos Sanctorum*,

uma outra vida intuitiva, prohibida, que elas ocultam com sutilezas de criminosas natas, insinua-se e liga em maçonarias felinas, por classes, edades, analogias, symphias, todas estas flores adolescentes. Nenhuma pécha intima que elas não sondem, nenhum gesto d'homem que elas não espreitem, nenhum diagnostico amoroso que elas não façam!

N'um canto brincam, por exemplo, *às visinhas*, pequenas de familias burguezas, e diz uma:

— Eu cá sou a mamã.

Diz outra:

— Eu cá sou o papá.

E desdenhosamente, para uma terceira por quem tem secreta emulação:

— E tu havias de ser a creada.

Então a mais petulante do rancho:

— E eu cá sou o alferes. E venho visitar a mamã...

Mas a que falara primeiro:

— Não póde ser! Então o alferes vem visitar a mamã sem o papá ter ido prá repartição?!

Logo procuram distribuir a sena segundo modelo que sem duvida lhes é familiar. A familia ao almoço: o papá que se ergue preocupado, dizendo, *ai! já dez horas... Joaquina, o guarda-chuva!* E dá um beijo na testa da que figura d'esposa, e finge sahir fazendo *troc! troc!* para imitar o ruido das botas na escada, e pouco depois: *bons dias*

*senhor Manoel*, que é o momento de topar á porta da rua, o guarda-portão.

Imediatamente a que representa d'alferes simula o tocar da campainha—*Delinlin*.

A Joaquina abre, e o alferes, torcendo os bigodes, finge que entra e vae á senhora.

— Não é assim, não é assim, diz a censora. E de mão no quadril, gingona, depois de fazer com os dedos o momo d'um monoculo na orbita, sae fóra da imaginária cancela e puxa a seu turno o cordão da campainha.

— *Delinlin!*

Vem a creada.

— Bons dias pequena; e faz-lhe uma festa na cara.

— Não póde ser, não póde ser! grita a que faz de mamã, e lá terá razões pra saber mais que as outras duas. E dogmatiza: saibam, meninas, que festas a creadas não se fazem nunca na cara. Nem se lhes chama pequenas. É ordinario.

E retomando o lugar da contra-regra: *delinlin!*

A Joaquina abre, e o mafarrico, d'entrada, atira-lhe logo um beijo á queima-roupa, cinge-lhe a cinta, faz-lhe no peito o gesto d'alguem que apolga melancias; e de mão na ilharga—adeus ó pente!

Aquela vida secreta, *prohibita*, embrulhada em mysterio, que a crise da adolescencia exaspéra, dualisa o anjo que é mademoisele Hortence, n'um

demonico burlão cujo olhar vára consciencias e vê atravez corpos opácos.

Este demonico mascarado na puericia beatifica do anjo tem um dom de clarevidencia que vae ao infinitamente recondito das coisas, sondando-as na proporção do pavor com que lh'as vedam, e perante o qual nenhuma alma pecaminosa tem segredos.

Ele perscruta com hermeñeutica venenosa, atravez os mais perfeitos disfarces, as reservas mais fortes, os calafrios mais pudibundos, quantos pecadilhos de *flirt* ou desejo frizam na charca das almas ás vezes o sitio onde a vaza de lodo é mais densa, e a profundeza abyssal mais perigosa.

— Mamã, dizia uma, é verdade que não pões nunca pó d'arroz?

— Nunca.

— E miss Simson?

— De leve, quando sáe, por causa do calor.

— Miss Simson dá pelo meio do braço do papá, pois não dá?

— ?

— É que antes de hontem miss Simson sahiu, e o papá trazia pó d'arroz na manga do casaco...

— ?!

— Miss Simson esteve todo o jantar muito vermelha e desviando os olhos do papá...

— ?!!

— E o cheiro do pó d'arroz do braço, é o mesmo do da caixa do toucador de miss Simson...

Para este poder d'adivinhação tudo concorre: o instinto da fêmea pubere, que é uma especie de sexto sentido, de guarda á vida da especie, por onde a mulher vive n'um perpetuo aliciamento ao peccado da carne: as citas de certos fenomenos que anticipam na virgem o angor de mysterio nupcial, muito primeiro que n'ela talvez se esbocem o character e o sexo: finalmente as sugestões envolventes do meio, romances, reportage de jornaes, theatros, certas exposições de pintura e certas conversas indiscretas de gente grande, que são verdadeiras chamadas a terreiro do inconsciente, por onde a alma pubere grava, em grupos lubricos, hallucinantes kermesses, essa enervancia malsã da vida secreta que a educação tem tanto interesse em occultar.

Sobretudo o museu da rua, n'aquela estranha confusão de typos e de senas, oferece á viva assimilação moral da virgensita, reservas de perversão que lhe grelham os nervos e põem a cabeça em trato de longas e perigosas reflexões. Das vitrinas das lojas, solicitações turbantes fazem chacota á modestia, concitando a beleza a se arrear co'as extravagancias do luxo, e a dispersar a mocidade nas seduções da vida louca. Sedas d'oito reflexos, lhamadas d'ornatos, estólas d'archidunqueza, veludos de relva profunda, plumas e gorras entre que as bonecas de cera, semi-nuas, evócam na surpresa mimosa de mademoisele Hortence como a telepatisação da sua vaidade e o kaleidoscopo da

sua propria tentação... Joias, mobílias, arbustos, quadros, bigigangas de sala, lustres, tapetes (a exaltação do retrato enfim pela moldura), tudo isto, da barafunda ardente das montras, ao passar lhe envia citas, gritando pelas mil bocas do superfluo a necessidade impreterivel de ter oiro, e a obrigação de tudo, absolutamente tudo fazer para o ganhar.

Na mesma feira do asfalto, que violação estupral da candura infantil, que provocações ao pudor, que intercambio sexual por todo o preço! Os cartazes d'esquina, com mulheres nuas, pintalgados n'um fracasso de tintas, sob a duche lunar dos fócios electricos. A barafunda dos trens, a barafunda dos autos, uivando, sob um fedor abortivo de gazolina, o rapto das Venus mercantis joiadas de carbunculos: logo, nos rodilhões da turba pedestre, entre rizadas e gritos, pregões de jornaes, silvos agudos de comboios, esses formigueiros de vidas impulsivas, que vão e vem, uivam e suspiram, num'ancia d'acazalar-se, que é, c'oa do crime, a grande sugestão noturna das urbes cansadas de fingir civilização contraria aos instintos da besta, e a occultas buscando resarcir na voluptuosidade e no sangue, os excedentes de crapula afflorantes na sua alma eternamente feróz e troglodita. As fachadas obscuras, as fachadas negras de seis pisos, ouriçadas de trapeiras, póchadas de varandas, cuspidas de taboletas e gárgulas, confundindo no ceu bochornoso os tetos

esquinados, perspetivando da rua os imensos funis catacumbaes... Que tragedias occultam? que abominações orgiasticas disfarçam? Pelos betons das ruas mais escusas, formigas negras divergem, seguindo-se, perseguindo-se, e que logo sem ruido os portaes dos prédios pápam, como se toda essa gente entrasse n'uma maçonaria dissoluta, com palavra de passe para alguma abominavel missa negra.

São formigueiros e formigueiros: e então nas frontarias, algum stóre que acende e apága, com alguma sombra desenhando-se em gestos de preza e tentaculisações d'abraço e manicómio...

Esse fluido seminal, letal, que as multidões desagregam por contacto: essa chorêa da carne que a fricção exaspera, e pelo frenesi da qual tudo se olvida! Concitações, citas, ofrendas: cotovelos freneticos que se roçam, olhos delinquentes que se buscam, bocas afonas que se apelam... E na luz crepuscular das salas d'animatografo, agilidades de mãos que fazem patas d'aranha em coxas tibias: afrodisias de corpos, reçumantes d'essencias, tocados de relentos secretos de remedios, cheirando á vida dos prostibulos e dos carceres: logo o rictus macabro de certas aparições de mulheres sós, brancas de pós, com bocas d'ulcera, e que ao voltarem-se na sombra, subito, aparecem de caveiras, com um fogacho azul nas orbitas vazias.

Imaginae agora o quanto, de volta a casa, as

cabecitas marulham, passando e repassando os casos vistos, e que horas corridas no coxixêo dos dormitórios e das aulas, a comentar e evocar todo esse walalla de vizões pecaminosas, de cuja malevolencia alacre os cerebrosinhos tiram as respectivas synteses conclusas!

Ás quintas-feiras, parada das familias n'aquilo que a directora chama pomposamente o *hall*; como quem diz uma sala grande formada de duas menores, conjuntas por um arco, tendo á róda dos muros guerdões e sofás de reps cinza, colmados de camizetas de renda e tiras bordadas, amostra das prendas colegiaes; e pendente d'escapulas, por cima, porção de quadros onde o pincel, a tezoura e a agulha das damizelas completam a revelação d'estrabismo estético das chamadas artes femininas, e a ridiculez manifesta da nossa fórma d'educar.

Esses dias de visita são uma nova iniciação das virgens loucas nos mysterios da vida extramonjil a que as sequestram. Mamãs e manas, de raça em geral besbilhoteira e exhibitiva, fazem d'esses recontros uma especie de feira franca de denguiques e módas, onde os preciosismos e mômos da frioleira mulheril, as exhibições de chapéus e trajés, as reverencias á côrte e as vózes contrafeitas, como se as flauteassem bôcas em cú de franga homerroidaria, buscam intrujar outras mamãs e outras manas, a seu turno empenhadas em fingir posição social que lhes não cabe, for-

tuna que não teem, e trem de vida e habitos que nem hereditaria nem educativamente lhes com-pétem.

*Madame* Vinhos e *Aguas Ardentes*, *Madame* Emprestimos Sobre Penhores, *Madame* Léva as Cascas... A baroneza de Lopes em Comandita, a viscondessa Simão, Simões, Sobrinhos, fidalgas de grossaria e linhagem, conforme os titulos atestam... Consórtes de mercadores, de majóres do ultramar, de professorécos, de capitalistas... Economicas donas de cása, quadradas mães de familia, honestas, trabalhadeiras na vida sem testemunhas, mas que não pódem estar reunidas sem logo lhes picar o gorgulho aristocratico, origem de todos os seus ridiculos e desaires, começando então a gabar-se das fidalguias dos avós, da riqueza dos sogros, da antiguidade dos solares, a alardear dos *tu cáas*, *tu lás* com marquezas e condessas, de quem, escusado dizer, só terão ouvido falar por alguma creada de refugio, ou algum cão na loja dos maridos.

As *mademoázéles* (como elas chamam as filhas umas das outras) todas com nomes de devindades e cadelas francezas: Diane, Junon, Suzon, Sarah; e até uma, cavalona, ricaça, derreada d'um braço, e que as outras conhecem pela Venus de milho...

Nos grupos pintoréscos que pelo *hall* se distribuem, ao acaso dos moveis, todas as linguas da Europa teem livre curso, o ponto sendo que

ninguem se entenda, e n'essa Babel possa madama Ostra fazer alarde do seu grande metodo d'ensino, e trombetear os primores da « educação verdadeiramente aristocratica (palavras do prospecto) que ás educandas se propina ». Na chalra polyglota que as familias mais candidas escutam, bendizendo o dinheiro gasto e a amargura de tanto tempo se verem separadas das filhas, várias madamas finas intervem, dizendo *yes* ou *oui* segundo a lingua basica da chalra, repetindo alguma frase feita das guias, com o ar de ser improvisada de momento, ou entabolando por sua conta acervos de sandices que a directora chama derretidamente, *petits bouts de causerie*. Ora vereis a desopilante comédia dos segundos e terceiros andares com barril de lixo á porta, desplicando-se em arremetidas de *struggle for... high life!* A Lopes em comandita, que diz *auga tivia* e tem chalé na Porcalhóta (vila Procópia) a falar francez com a viscondessa de Simão, Simões, Sobrinhos, que vem do *convoio*, e trouxe ao marido a fortuna, da Beira, onde largo tempo viveu garça de cura.

Tenta a conversa dar á fulgurante assemblea uma alta opinião sobre a roda mundana de *ces dames*, e consiste em deixar araviar n'um *argot* dos bairros baixos de Paris a directora, estribilhando as duas o monologo, com alternados:

— *Oh madame, oui, oui, oui*, da viscondessa,  
e — *Oh mon Dieu, non, non, non*, da baroneza:

o que positivamente, diz d'olhos no ceu madama Ostra, torna a conversa *un vrai charme*.

As flatulencias d'algumas donas edosas — *douai-riéres*, como elas gostam que lhes chamem — que antes de lhes forçar os colons a uma opressão systematica e indiscreta, os espartilhos não consultaram, não fazem senão rolar d'uma ansa a outra, por toda a canalisação dos baixos, barulhos d'explosão que elas oprimem em si, com medo de borrar os pergaminhos.

— *Choveràt'il, baronne?*

E a Leva as Cascas e a Emprestimos Sobre Penhores, cujo genio autoritario não póde sofrer supremacias, de tal maneira, face ao dialogo francez, se sentem n'um chinelo, que a pouco trexo contra as interlocutoras começam a ejacular patifarias.

— Se estarão a fazer pouco de nós, regouga uma.

— Não lhes caia a fidalguia na tijela da casa, enpésta a outra.

— Fidalguia? sabe Deus quem lhes terá ensinado o francez que gósmam, e adquirido a riqueza que estrondeam.

— Uma dizem que não é casada...

— E a outra que teve filhos antes de o ser...

— Será verdade?

— As caras não são d'outra coisa...

— E a maneira de vestir, então...

Por ordem d'afinidades moraes, fortuna e ge-

neros de má lingua, acantoam-se e ajoujam-se os cenaculos de tecedeiras d'enredos, para o pratinho dos comentarios burlões sobre os vestidos tingidos d'uma, os casacos voltados d'outra, as joias falsas d'esta e os chapéus cabazes d'aquella, por entre cujas misérias madama Ostra desliza, com graças de toutinegra, fazendo *petits mots*, de lornhão enristado nos dedos secos de pécora, onde unhas socraticas, lilazes, estriadas d'arestas, avisam da compleição morbosa e do seu passado talvez, archi-suspeito.

O pipiar dos leques, o tréme-tréme das plumas, o ruge-ruge das sedas... Certos meneios rythmados de cabeça, certas olhadas languidas a tres quartos, certos gestos de caganifancia bical d'onde se evóla o séstro de macaqueação da fêmea contrasinando sem personalidade uma vida de spasmos e gatices...

E quasi todas, como os vestidos Directorio são de meia cauda, dão uma carreirinha para os moveis, e com uma brusca meia torsão das pernas á volta dos rins tentam espiralar aos pés o rabo da saia, como nos catalogos do Grandéla «os grandes modelos de Paris».

Então se estabelece entre aquellas senhoras, cumpridos os cerimoniaes dificeis de mundanismo, em que como vimos são eminentes, e entregues ás Mimis e Lu-lús da clausura os pacotinhos de pasteis e bon-bons que dão o estalão das saudades da familia: entre aquellas senhoras, todas mais ou

menos peixeiras e esfregonas, o verdadeiro tom natural das suas chalras, e se humanisa o méτρο das suas preocupações moraes quotidianas, aquele em que elas dão a redondilha pifia dos seus gostos, e corriqueiramente tratam dos seus áches e casos interiores.

A Lopes e a Simão Simões deixam de parte o francez macanjo com que em si mesmas entretinham os donaires de gralhas palreiras e impostoras. A Léva as Cascas e a Emprestimos Sobre Penhores, rendidas ao vicio porco d'amarfanhar vidas alheias, pouco tempo estão que não venham ás bôas com aquelas suas rivaes aristocratas, olvidando allim os preconceitos de classe perante essa força maior da bisbelhotice que é na portugueza o primeiro e talvez unico plexo do prazer espiritual.

E em panelinhas começa a consabida permuta de ditos e mexericos, novidades, malsinações, hypoteses, calumnias, visando revolver as moradas da carvoeira até á sala, conspuecar as familias, meter o naris na crassa das roupas, fiscalisar as dividas e passar revista ás doenças e nodoas vergonhosas...

—Que o marido da D. Izaura, senhor de respeitaveis decénios e situação social proeminente, tem a mania de despucelar creadas interessando no jogo um filho inberbe, que é para o preservar de certos morbos; e ora acontece que o lyceano, pela cornucópia da moça, acaba de contaminar toda a familia...

—Que o sogro da Micas Alves, que todos supõem riquissimo, e tem na praça credito ilimitado, trata de fazer aos genros vendas simuladas de bens, e pôr em nome da esposa consideravel massa de papeis, sem duvida na previsão d'uma bancarota ou quebra, pois não se explica d'outro módo esta estranha conduta, que mais parece a d'um escróc, e está dando que falar na sociedade.

—Que o velho da D. Berta, confesso alcoolico, e membro de sociedades sabias e archeologicas, possuiu-se de paixão senil por uma filha, e são batalhas domesticas por a consórte se atravessar no incésto, e todas as noites fechar á chave a geração...

—Então a Laurita Afonso?

Encetada, parece, por dois noivos, consegue alfim topar marido comodo nos cafés e cacáus de S. Thomé. Tres mezes vem a professora de beleza, Madama Salsa Pitósga, revirginisar a nubente com massagens e loções adstringentes; e em abono da sua grande pericia se diga que ficou tudo em Laurita como novo, a ponto de na noite do casamento ser necessario cloroformal-a.

Risos em puf, imposições ciciadas de silencio.

—Na sociedade já ninguem a conhece senão pela Dona Virgo Virginis, diz uma menina mui loira, co'a sua vóz serafica e cantante.

—Pois tudo parecia sanado, o váu perigoso transposto, a familia da noiva exultando, quando certos zun-zuns levam o roceiro a fazer analysar

chimicamente os restos da grinalda de lorangeira que, segundo praxe, o sarrabulho da noite nupcial pozera em estilhas...

Novos risos em puf, imposições ciciadas de silencio.

—...e respondem do laboratório que em vêz de sangue, eram nodos de boga, ou cochonilha.

Em volta o gesto atonito de bichanas gulosas que meteram o focinho em coiza quente, sublinhado por certo espremer de labios, certa olhadéla obliqua sob as palpebras pudicas, batentes, que se os namorados a vissem, não casavam, e quanto aos maridos, ficariam a suspirar pelo divorcio.

N'outro ajoujo da sala a conversação versa vestidos, chapéus-cabazes, mantos, e cada qual com gestos d'extasi vae descrevendo as *toilettes* que viu, ou que supõe. *Toilettes* de manhãzinha, d'alta manhã, de começo de tarde, de tarde velha, de *soirée*—para ir ao banho, para ir ao Campo Grande, para ir ás lojas, para ir ao medico, para ir ao tenis, para ir ao picadeiro... D'andar a pé, d'andar em auto, d'andar em trem. Cavalear, fivócloquear, soirétear... Quatro, cinco trajos por dia, com outros tantos chapéus, luvas e echárpas, enquanto os maridos rebentam, os amantes falsificam letras e os *souteneurs* batem as palmas.

Debicar, descrever todas estas maravilhas, é para elas um gozo sobrenatural e comovido, onde o seu sexo exulta e a sua excessiva sensibilidade esfoguetea.

Que feira da ladra de bugigangas superfluas, que antagonismo de farraparias abstrusas sae dô mistifório portuguez-francez com que elas falam de trapos cosidos e penduricálhos d'estofo a fazer rir<sup>a</sup> qualquer negralház meio nú da Africa ou da America!

— *Tablier, volant, traine, manchon, corset...* a cada passo estas palavras pretenciosas sibilam, como se pelo facto de chamarem *corsage* ao corpete, e á saia *joupe*, logo ficassem vestidas de veludo e cobertas de rendas d'Inglaterra.

As vózes de garganta com elas debitam estes estrangeirismos pifios, em cavacos de bonecas e modistas! O que se sentem crescer e afidalgar, franciúzando!

— Não imaginas o chic da Dona Arcanja... que bem, que bem! Levava um amor d'estóla de péles, um chapéu *panier*, e a saia em *cloche*, e no *corsage* um *grand décolleté á la vierge...*

Suponham um desenhista querendo esquissar n'um album a figura suggerida, só pela literatura oral das narradoras: que diabisa de caverna, hein? que passaroco macabro esquissaria!...

Uma senhora d'estóla como os padres, de cabaz á cabeça como as vendeiras de hortaliça, e para espição dos seus pecados metida n'um sino, e com um grande decóte de gualdrana, logo para arreliar chamado, á *Virgem...*

Em todo o paiz de gente culta onde a edu-

cação e a intuição artisticas supéram, a arte de vestir é para a mulher fina uma como exteriorisação das cambiantes estéticas do espirito, uma clara expressão do seu gosto pessoal e do seu estylo. Madame Roy Devereux acha uma tão estreita coherencia entre o delicadamente intimo da mulher e o seu gosto de vestir que, diz « a mulher é o traje », como o outro dizia que o estylo era o homem; e certo psychologo de miudezas francez citado (ou inventado) por Gomez Carrillo, escreve que a ação do vestuario sobre a mulher é culminante; começa influindo nas pessoas que a cercam, e acaba por influir sobre ela mesma, parecendo haver entre pessoa e traje um magnetismo reciproco, só comparavel ao das relações entre o fisico e o moral das creaturas.

Modistas e alfaiates como Redfern, Paquin, Beer, Doeuillet, não fazem senão lançar na móda trajos-typos, padrões avulsos tendentes a fixar para cada quadra, as linhas geraes da *toilette*; entanto mulher alguma de gosto deixaria de pessoalisar e corrigir esses padrões n'aquilo em que a sua figura, o seu gesto, o seu typo, o seu rosto, o perfil da sua face e a côr dos seus cabelos, poderiam ser chocados pela adopção integral de modelos sahidos de tezouras mercenarias.

Aqui se atinge quasi a era d'ouro sonhada por Ruskin, que exprimia o desejo de n'uma epoca em que o sentimento d'arte fosse comum de todos, a mulher desenhar e aguar ela mesma o modelo

dos seus trajos, fazendo-os executar depois pela modista com a flexuosidade de linhas e a fuzão de meios tons conexos á espiritualisação do seu typo de beleza e academia de figura.

Seria este o inicio d'uma elegancia nova, assente em depoimentos d'estética pessoal, fixando para cada mulher seu typo raro, e tornando a reunião de todas n'uma flora fantástica e deslumbrantemente original.

Não assim em berças de saloismo bisonho, como a nossa, em que a mulher sem personalidade e sem cultura não póde irradiar do trajo o que não tem. Assim o culto da *toilette* é para a mór parte uma especie de carnaval de tafularias e exageros, pelo qual gerações sensaboroñas de fêmeas uniformisam, em figurinos de refugio, as suas graças previstas, nem mesmo deixando ás de character rebelde, sequer a ineciativa da escolha; d'onde afundarem-se em sombretas ratonas d'almanak a juventude e mimosas graças de muitas, e n'uma concorrência de portuguezas não haver ás vezes duas deseguaes—senão na fealdade.

Quem frequenta missas elegantes, salas de theatro e tardes do Campo Grande e da Avenida, para logo infére como á nossa mulher senhori-teando por figurinos francezes falta essa estética nativa (áparte algumas patricias figuras das classes altas), esse instinto superior das elegancias delicadas com que tão gentilmente exultam as mulheres d'outros paizes, para quem a beleza, em

vez d'apanagio de raça, não passa muitas vezes d'uma flôr de civilisação acessivel a todas pela fantasia e pelo espirito.

Bom numero de portuguezas nem sequer mesmo reflete um segundo no que melhor lhe vae ao genero de figura: enfiam o primeiro traço extravagante, sombreiram-se com o primeiro cachinho de creação, cerejas ou girasões que as montras colgam, e eil-as arreadas para a festa bailunda d'arrastarem ainda mais a reputação de malfeitona e feia que a mulher nacional tem lá por fóra.

Figurinos — um exemplo — para magras, em Portugal as gordas adoptam-nos, e vêem-se gorgeiras e corpetes colados té ao queixo, e que o costureiro certamente inventou pra disfarçar o esgrouviamento das gorjas, o esbrugado das clavículas e a exagerada altura sobre os hombros, de vertebraes cervicaes pouco musculadas, postas em donzeletas que já nasceram sem pescoço e supõem que andar á móda é viver assim de garróte ás guelmas, purgando o crime da sua natural falta de geito.

Papos de renda ou surah, cahidos sobre o cinto, bolsando entre os rebordos do corpinho ou do bolero, e que a modista creou para fazer peito de rola ás chatas de seio, arredondar o busto, *drapando* o sitio dos meios limões ausentes, logo se generalisam ás mamudas e roliças, que ficam assim co tronco em terrina de familia, e a cabeça

emergindo sobre uma especie de Calçada da Pampulha.

Para as escorridas de nalga e rabo cerce inventou-se a saia de prégas, bem cingida ás cadeiras, modelando quasi por completo a tulipa das coxas, e no posterior refluindo por uma especie de mólho d'estofo que se pendura dos rins, sobre alguma almofadinha de vento ou colchão d'arame, para assim dar á cavalheira os relevos d'estatua que lhe faltam.

Pois as culatreiras, naturalmente senhoras do *quantum satis* d'alcatra exigido pela móda, nem por isso deixam de sobrecarregar d'accessorios esse promontorio dos restos digestivos, e vêem-se as ruas cheias de Venus calipigias, sobre cujo verso, para atenuar o escandalo, talvez cahisse bem pousar um espelho e duas floeiras de porcelana.

Certos cabelos de loiro claro ou castanho cendrado, em maciezas de seda, para assim dizer com luz propria, e que espumeam da mão quando premidos, começou a móda de os vaporisar a ferro quente, rissando aos cantos da nuca, na frente, ou sobre as orelhas em concha de nacre e petala de roza, uns como turbilhões de sol palido que em certas mulheres acabam de lhes subtilisar a fresca juventude, dando ás cabeças qualquer coiza de serafinesco, de maripozante, d'alado, com que a beleza se espiritualisa da transcendencia de certas pinturas de primitivos, retratistas unicos entre os

que souberam dar na candura mystica, a perversidade sorna e viciosa.

Pois inda mal as loiras e mui jovens não apropriavam a si estes inventos dos creadores d'encantos novos, já as trigueironas de crina malaia, as maritornes de madeixa gordurosa, alcatroada, retorsa, a pele do pescoço e braços eruptindo sob uma hyper-nascença de pêlos, o sobrôlho acintoso, se apoderavam da sugestão para ultrajar-lhe a poezia, aparecendo penteadas de Gorgonas, e com verdadeiros ninhos de serpes barafustando-lhes do turbilhão de frisos iracundos.

Fizeram-se os vestidos colados pra revelar corpos perfeitos e academias impecaveis. Bustos d'anfora d'onde como grinaldas caem braços. Cabeças de perfil celeste ou desdenhoso, olhos de fatalidade, d'imperio ou de sarcasmo, gestos endecasylabos, rimando os tempos n'uma maravilhosa mimica poemática, figuras de caneforas valsantes, de cuja cadencia helenica brótam hymnos; espaldas, pescoço, seios de linhas puras, ancas e coxas de corretissimo canon e aprumo egrégio, pés estreitos e chatos, formados como os alicerces d'um templo, do luminoso marmore pentélico! Oh esculpturas humanas! Oh modelos supremos da estatuaria viva e imorredoura! Em vossos corpos d'assombro as roupas que vos vestirem dirão apenas como uns accessorios da beleza, mantendo as linhas mães da estatua arfante, como no galbo d'um vaso a decoração do ceramista, de sorte á

figura se revelar sem obstaculo: o estofo moldando da fôrma os trexos raros, e flutuante envolvendo, como nos mysterios d'um zaïmf, os que melhor resultem, sugeridos.

É não perdendo o senso d'esta teoria do traço femenino que costureiros de genio chegam á virtuosidade de despir um corpo sem o expôr demasiado aos riscos da exhibição lasciva, e bem ao contrario mostrando, completamente castas, quasi todas as flexuosas curvas da mulher.

— Quanto mais um corpo é lindo, tanto mais é preciso fazel-o vêr como se estivesse nú, diz o modisto Redfern a um reporter do *Figaro*. E com a soberba d'um Taine, ouza juntar — Sou um apostolo da linha! No teatro como na vida, pelo que respeita a elegancias femeninas, a linha é a minha unica preocupação.

Bem entendido que estes vestidos colados só sejam bainha e luva d'olympicos corpos, e só constituam typos d'elegancia quando o que esteja por dentro faça inveja, nas maravilhas do galbo e proporções da graça vigorosa, ás mais peregrinas creações do escopro ou do pincel. As sem cintura e de bacia em pera murcha, as de garganta afogada no adipo flacido de nutrições balofo-sedentarias, as de nalga peixeira e joelho de boi, unindo as rotulas; as de pés de comoda, estravassando os calcanhares sobre os tacões, n'um claudicar de joanetes doridos que imprime á marcha saracoteios de fado e jingos de maxixe: essas prin-

cezas o que devem é atenuar no possível suas imperfeições em trajos que as disfarcem, sem recorrença a moldados que lhes dão a apparencia de verdadeiros sacos de batatas.

O mesmo para a escolha das côres e riqueza ou modestia dos tecidos, para o uzo ou não uzo das joias, e applicação de cosmeticos e rebiques.

Nada que tam subitamente traia a mulher deseducada como um rapido exame á chromatica de cambiantes e tons em que se veste. A arte de cazar as côres em geito de se fundirem n'um nimbo lisongeiro para a figura da mulher, é das de mais difficil censo, e que só de raros póde aceitar veredictos: alguma pupila mui culta, algum instinto estético archi-sutil...

O que sob a direção dos mestres coloristas a industria de tecidos rebusca pra nuançar a formosura d'um estofo té dynamisações de tons miraculosas! O que por exemplo Sarah Bernhardt tem trabalhado para encanecer as cabeças dos tintureiros e *broxadores* das fabricas de veludo e sedas de Lyon! « A artista, diz Jean Lorrain, revelou-me a transformação do seu veludo côr de hortencia murcha, com reflexos d'azul, veludo que parece uma illusão. Para obter-lhe as cambiantes teve ideia de fazer macerar uma peça de veludo de Veneza, côr de roza auroreal, batendo-a ainda humida, ás marteladas, e logo sujeitando-a a fumigações d'enxofre e açafraão, para lhe dar uma tinta jámais vista. Sobre essa côr, um pintor

aguou arabescos e flôres de sonho, animaes heraldicos e sombras perversas, com um vaporizador especial...»

Com a aparição da luz eletrica e a possibilidade de chapar as côres, fundindo-as ou variando-lhes as mutações instantaneas, projetando-as em feiche, no todo ou em parte, sobre as figuras e acessórios d'um proscenio, possibilitou-se essa maravilha da dança serpentina, e foi Loie Fuller a borboleta-fada dos trajos inarraveis, a fiandeira de lua e sol com que se arachnisa a trama vaporosa de certas gazes d'antenas, certas alvas e samarras de cambiante inverosimil, certos nimbos d'aurora lançando a perturbação prérafaelitica moderna nas artes d'estylisar e *smorzar* o espétro té tenuidades de chama arqui-sonhaveis.

Não mais bastaram, para o luxo das fêmeas, as tonalidades fixas e firmes dos setins e das sedas, dos veludos e pelucias, dos foulards e musselinas bordadas e pintadas com que desde seculos a megalomania humana veste os idolos e suntualisa as festas e cortejos. Alguma coiza d'insolito foi a se exigir do pincel dos ornemanistas d'estofos e dos teares dos tecelões. Hieraticas flôres d'aza farpada e juba em frisos, contornando as ramas em parraes de *SS* simbolicos, especies de vegetaes meio hipogrifos, como se vêem nos *ex-libris* e brazões da Renascença. Reflexos, claridades, tons, quanto mais singulares, mais aplaudidos. Fundos desfalecentes, luzeiros nunca vistos, combinações

de tonalidades agónicas, surpresas de se encontrarem juntas copulando. Côres de delirio e sonho — delirio tyfico e sonho toxico, como os da beladona e do opio — côres d'estranheza e spasma, d'antes não conhecidas nem chamadas para enprestar-se a vestuarios: poentes de sangue sêco e d'oxidos metallicos, acharoados de conchas, fosforencias de poiza-loizas e de vermes, pratas de ventre de carpa, tigrados de verdomãs e de lampreias, amarelos de rezinas e d'enxundias, verdes de bagó d'uva, lilazes d'olheiras, violetas cendrados de bubas e de chagas, brancos de marfilenas mãos cadaverosas, vegetações, florações de morgue e furnas abyssaes...

Na confeção mesma do estofo, tramas estravagantes caçando o raro, na carapinha do pêlo, na macieza ou estranheza dos contatos. Certas telas que parecem feitas de cabelos torcidos em madeixas mui fôfas; certas que se levantam sem pêzo, voando de roda dos corpos, com um pudor feminino de lhes tocar; certas que parecem gazosas, e os fios do luminoso metal solar quando na aurora, e os furtacôres como esses da lua dezembrina no mar azul das costas algarvias.

Pela pupila de Sarah, e mais que tudo pela fascinadora quiméra da dança serpentina, se revelou ao mundo essa prodigiosa sciencia dos desdobramentos chromaticos té infinitamente pequenos d'aquatinta, que foram o signal d'uma revolução na estética do estofo, e inicio d'uma

elegancia intelectualisada e instrumentada como a musica, nas desinvoluções da melodia continua, que outra coiza não é o processo de vestir um corpo nas mil cambiantes d'uma côr unica (ou seus derivados proximos na série espétral), em termos de o tornar á vista uma obra prima de harmonia e uma maravilha de frescura.

« Os trajos de *soirée* das senhoras, escreve Ramiro de Maeztu, vão atingindo agora um ideal bem estranho. É questão de as vestir de teias d'aranha capazes apenas d'aguentar por uma noite ou duas os pezados adornos de cadeias, placas, brocados, bróxes... Essas teias d'aranha são naturalmente tecidos custosissimos, e os proprios adornos se encarrégam de as rasgar, quando se não despedaçam a qualquer simples meneio que façam sentando-se. O resultado d'este luxo é tão funesto para as que o gastam, como imoral para os que o vêem. Sugére o pessimismo, a desesperança, o vicio, o desengano respeitante á efficácia do ideal. Convérte os ricos em vitrines, os pobres em lacaios, em adutores os artistas e em inbecis os adulados... »

Não é para discutir a moralidade d'esse luxo ultrajante, provindo da accumulção da riqueza em poucas mãos, e fonte d'injustiças sociaes, musas de crimes. Por mais que os puritanos façam e os moralistas perórem, nem por isso o seu despotico inperio deixará d'ir impondo a lei despótica, que faz trabalhar tantas fabricas e imaginar

tantos artistas, e seguirá deslumbrando mulheres e arruinando maridos enquanto o hymen fôr o Molok punico das urbes, e a sensualidade o primeiro gesto das civilizações chegadas ao apogeu.

Faziam escandalo em Roma as quinhentas burras com que todas as manhãs se enchia de leite a banheira de Popêa, amiga de Nero. Pobre e ingenuo Suetonio! que se viesses á Lisbia verias que hoje nem tres mil burros chegam para as necessidades leiteiras de qualquer Popêa d'africanista troncho ou moageiro telefonista!

Homens que ainda sentis d'instinto o subconsciente alacrisando em voss'alma sonhos de beleza pura e isenta de postigos! Vesti essa beleza de panos simples, e procurai que ela seja antes um dom natural, em vez d'ir-se dobrando ás convenções efemerias dos tempos.

Não olvideis como a saude do corpo, a alegria do espirito e a frescura da carne juvenil sejam as quasi exclusivas condições da elegancia verdadeira; como nem *toilettes*, nem módas, nem joias, nem tinturas, valham coiza que não seja avivar, sublinhar, fazer valer a obra triumphal da natureza, servindo para assim dizer a mulher sem mais preparo—como, *verbi gratia*, nas mezas, uma narceja gorda sobre uma codea de pão frita no pingo.

Reparai como para as autenticamente belas a vitoria não está no preciosismo ou riqueza insolita dos trajos, mas outrosim resulte da vivacidade do

sangue, do corrêto das linhas, da esquisitez escultórica dos detalhes, coizas comuns de resto a princezas e a ciganas, factos de hereditariedade ou de raça, quando não maneiras da graça espontanea ou transitorios bens da adolescencia.

Vêde esses cações de velhas ricas, ainda em simulo de cachondas e gadeiras: veludo e sedas não servem senão para lhes pôr d'escabêche as carnes flacidas e as enxundias viscosas d'alforrécas. Filhas de milionarios e barões, serpiginosas, tísicas, rachíticas: quanto mais musselinas donairam, mais como indigestos buxos nauseam, e sulfidrosas nauseas provócam. « Mulheres, moscas e gatos, dizia no seculo passado um ironista francez de pena toxica, eis quem mais tempo perde na *toilette* ».

Eu sobre gatos e moscas não tenho letras por onde lhes poder cantar vida e milagres. Acaso n'estes animalitos a teimosia briosa d'estarem constantemente a lustrar e escovar com lingua e patas, a roupa, afinal seja, em vez de garridice, um fundo d'instinto hygienico, em cuja pulcritude certos gazeteiros devam aprender a limpar-se da crassa fetida que os cobre, e n'eles figura, mau grado farroncas catónicas, como a cuticula exterior do ser moral. Quanto á mulher, vestir, despir, caprichar, variar a cada instante de côres, módas, e adornos—hoje de fraldas curtas, ámanhã fraldas compridas, sem mangas no dia seguinte, no outro com mangas de mais, na rua erguendo as saias,

té se lhe verem as pernas, em casa deixando os vestidos arrastar, sobrando-lhe dos calcanhares e faltando-lhe nas dianteiras e trazeiras do busto, completamente á véla, «ao quem mais quer» — quanto á mulher, esta exhibição fragrante d'antagonismos e caprichos, filial-a devemos na sua condição de «besta divina», como brutalmente lhe chama a escriptora Delarue-Mardrus, e consequentemente na especie de chantage estética de que é vitima, resultado do seu papel d'amor nas sociedades. Essa chantage exerce-a principalmente o homem, tornando-a na juventude em objeto d'arte e de volupia, antes d'ajustar com ela a sociedade ofensiva e defensiva que se chama familia, n'esse reduto sagrado, que é o lar.

Vêde a mãe Eva com a folha de figueira na linha de cintura, interrompendo o trafego dos... trens. Esta aquisição ornamentista, inicio do avental — o aventalinho dos *soubrettes*, moços — na perversa elegancia femenina, supõe em germen já na primeira fêmea coqueterias de quem não fia só d'encantos nados, e bate o *record* de cubrir precisamente o que mais proposita deixar vêr. Deve ter sido uma sugestão do marido, se o episodio da maçã não foi a fórmula biblica, velada, d'aludir ao primeiro amante. A tendencia do homem é impôr á mulher os seus diletantismos d'arte voluptuosa. Por isso nos vestidos femeninos cortados por homens, domina a preocupação pagã da estatua, e d'ahi as fórmulas *tailleur* e *princesse*, onde linhas

venustas forçam as telas a moldarem-se como se estivessem molhadas sobre os corpos. O costureiro moderno tem hoje, na arte de render preitezia á mulher, preocupações eguaes ás do escultor e do pintor. No traço a linha capta-o muito antes da expressão decorativa, e eis a razão do gosto contemporaneo pelas côres *d'atelier*, pastosas, que drapejam, e pela sobriedade escultórica que não deixa perder o menor rythmo á ondulação serpentina da figura.

Aqui vem o papel dos enfeites metallicos e das pedras, perturbar ainda mais a conceção da beleza *ao natural*. Primeiramente as joias, que para adornar corpos profanos descem da estatuaria dos idolos e dos attributos mysticos dos padres, participaram d'esse character religioso e hieratico, dando á mulher aspectos de sacerdotiza, deusa ou cortezã. As joias são n'aquellas longinquas edades, amuletos e mascôtes, ou na fórma de pequenos cofres e medalhas servem para guardar reliquias e orações. Na epoca arabe, grosseiras filigranas, ornatos de placas arabescadas, com bizalhos de flores, estrelas ou manilhas. Cascos com vizeiras de cadeítas tintinando guizos, moedas ou crescentes, que se deixam pender sobre a testa e as tranças do cabelo. Taças d'incrustações rudimentares de vidros córados ou de joias, algum triplo colar de siglas formando sentença koranica, algum punho d'alfange ardendo pedras, algum rude joyel guardando talismans.

Logo a joalheria wisigoda varia d'estylo, amalgamando o bysantino ao romano: chapas de rozetões abertos a punção, ou batidas a molde e bosseladas de relevos, com olhos de gemas, e que se applicam a fôrmas de peitoraes, cintos e corôas; grossas manilhas imitando serpentes, algemas, bragas; copas ou taças para estojas de seios de mulheres, tendo na ponta tetas de rubis... É preciso passar o gotico flamante, tão delicadamente ornamental, deixar que ele se esgôte em prodigios d'ourivesaria religiosa, até que empobrecida, a Igreja desocupe os lavrantes, e venha a reação da Renascença, os seculos da Encyclopedia e da Revolução verter sobre o luxo da joalheria profana os caprichos da sua admiravel fantasia.

D'estes tres ultimos cyclos, as joias são obras primas de ligeireza mundana e graça futil, tão finas, tão caprichosamente elegantes, tão espiritualmente arabescadas, que os olhos n'elas poizam como em borboletas raras, fixando hypnotisadamente os sitios da carne (e é este o papel da joia) que elas são chamadas a avivar.

Não sei se por móda, se por alvitre economico visando tornar-lhes o uso corrente na *toilette* de todas as classes, o certo é que dos seculos XVI té ao XVIII se cinzelaram frequentemente em prata, metal de brilhos dôces, d'uma rara sedução decorativa, e que ao contrario do oiro, sofre o brilho das pedras sem nas ofuscar nem denegrir.

As pedras tiveram na joalheria d'este tempo,

em que tudo brilha, da conversação ás *mouches* nos seios, e aos *pendentifs* dos toucados, papel tão exclusivo, que bem se póde dizer que os metaes servissem apenas como rocalha d'engaste, e armação de montagem, apagando-se traz d'elas como no proposito de lhes deixarem toda a responsabilidade e toda a gloria d'iluminar e florir a formosura.

A variedade de fócios, luzernas, chispas fulgurantes! Os fogos fatuos de côres, as tremulinas de raios intermitentes! A mór parte das vêzes, salvo pessoas mui ricas que fazem gala de trazer fortunas ás costas, pouco importam preço e qualidade das pedras; tudo que fulgura serve á monomania febril do adorno simitilante: polyedros de cristal facetado sobre placas d'espelho ou folhas coloridas d'estanho, minas novas, topázios, jurgões, sardónias, crysolites, aljofres; ou quando não diamantes rozas e berylos (a módos umas esmeraldas baratas, d'agua marinha ligeira), assim como esmeraldas verdadeiras, de verde liquido profundo, em grande abuso ao tempo, visto a sua inquietante reputação de pedras magicas. Eil-as cobrindo de poalhas astraes, de florescencias de luz, as clareiras de carne ou estofos que a móda expõe como taboletas d'elegancia, hombros e braços, orelhas e mãos, os peitoraes do corpinho e os panos dianteiros da saia, os pufs das anquinhas, os apanhados das mangas e as complicadas serras do penteado... Alguma vêz, n'alguma inovadora mais urgida de

chamarizes secretos, por sua vida d'alcôva, aquela satyriase das pedras irá subindo té regiões convencionalmente furtadas á adoração dos circunstantes; e fivélas de sapatos e fechos de ligas, circumferencia de tornozelos e dedos de pés, revestir-se-hão d'um duplo ou triplo aro de diamantes e safiras, de manilhas arabes acabando n'um pedaço de cadeia, que telinta e arrasta, relembrando a servidão da mulher ao desejo despotico do homem, ou enfim d'esses aneis de *chaton* oblongo, poalhados de chispas, com que a Recamier e a Tallien gostavam de se mostrar aos amigos, estendidas em otomanas, de sandalia e pés nús, enjoiados como montras, e com taes tunicas de gaze transparente, que o que se não tirava ao claro, era peor, e d'isto pintores e gravadores nos deixaram sugestivas telas e gravuras.

Os ultimos dias da Convenção e os primeiros do Imperio acabam e começam com a predileção das opalas, das ametistas gravadas, dos camafeus e esmaltes cingidos de pequeninas perolas e brilhantes, muita vêz falsos, mas nem por isso menos ardorosos.

Restam ainda no reino, de todo este arsenal de sedução femenina, e masculina, toneladas de *bijoux* mostrando as qualidades mães da joalheria esplendida dos tres seculos.

Quem percórre os museus das nossas cidades grandes, vae aos tezouros das Sés, visita igrejas, examina imagens milagrosas, assiste a procissões

m que figurem virgens e anjos, ou enfim se faça  
brir as reservas de certas velhas familias morga-  
ias, vê verdadeiros Perús de preciosidades, mon-  
anhas de metal, rios de pedras, e pode avaliar  
ue alfobre de riqueza sumtuaria teria sido este  
Portugalsinho luxurioso e beato, da Renascença  
té quasi ao saque constitucional—que ficou cele-  
re entre as malandricas com que os libertadores  
ancionaram a conquista da sua tão apregoada  
liberdade.

Joias, sobretudo as de prata e pedras falsas,  
em valor bruto, colchas de damasco e seda, uma  
ou outra peça rara de mobilia, eis os objéto que  
s familias velhas alienam só quando tudo o mais  
rdeu, e bate á porta a miseria e a derrocada.

Apezar dos Hamburgers e das numerosas  
uínhas de bric-á-brac que constantemente vão  
elas provincias, á coca das ultimas reservas d'arte  
ntiga, ainda por lá restam profusos e valiosissi-  
nos exemplares das nossas industrias de luxo,  
estos da era frivola em que a arte buscava envol-  
ter carinhosamente a vida, e mesmo na classe  
nédia, o superfluo é que era o necessario.

Que capricheira de módas, que barbaria feróz  
loirada de requinte, que molicia de habitos d'en-  
re côrte e convento, d'onde essa arte sábia d'efe-  
ninar a vida sem na fazer descer a uma luxuria  
xhaustiva e a uma desmoralisação descabelada!  
No seculo xvii, *bijoux* ornados de divisas, aneis  
diferentes para cada dia da semana, braceletes e

colares realçados d'esmaltes; broxes de chapéu, de bofes e de espada; fivélas de sapato, de joelho e de cintura: os homens usando brincos, as mulheres ardendo em cabochões de pedras e pingentes; até os soldados com grilhões grossos ao peito, a ponto de os falcatruar de latão quem não póde ter oiro de verdades. Um ritual de pedras, de leitura difficil, por onde se pódem vêr as preocupações, as superstições, os desejos, e até as bostélas físicas e os pavores atavicos de quem nas usa... Por exemplo, umas pedras que servem pra tirar dôres, outras que protégem d'olhados, livram de doenças estas, trazem aquelas a mulher á fidelidade e constancia amorosa que não tinha.

A safira é a pedra da pureza, o rubi do valor, da fortuna aventureira o diamante. Como ainda hoje, pedras na bexiga são indicios de máles de rins—tate!—e pedras no sapato emblemas de prudencia... Quem léva uma joia de certa fórma, pretende sarar máles ocultos; quem em certo sitio põe outra, dá *rendez-vous* a alguem n'um certo ponto; os que as tiram do seio e põem no cinto, quer dizer que pela paixão se rendem, e querem dança; quanto ao uso d'aneis em serpentina, é superior talisman contra inimigos, principalmente se a serpente tem olhos, e nos buracos dos olhos esmeraldas ou agatas facetadas.

Mas ao serviço d'estas superstições imbecis e d'estas manias *rastas*, que habilidadesinha felina, viciosa, capciosa, de combinar os fogos das pedras,

desenvolver as fôrmas gracis da placa (cartuxos, volutas, chicóreas, flexas de carcáz, pontas de laço, cascátelas de pingentes) conforme o estylo e o destino ornemanista da joia; que inponderavel técnica sutil de dispôr os enrocamentos metallicos de sorte que apenas alguma sintila rapida, da prata ou do oiro, emoldure, sublinhe a vida propria, fulgurante, astral, da pedra cravada, por fôrma a esta parecer suspensa na' péle, como um grão de beleza, uma tatuagem do capricho — sequer a floração singular d'uma herpes rara...

De todas estas bugigangas, as montagens artisticas, sobre oiro e prata, são maravilhas em que o seculo XVIII excedeu todos os mais, e ainda hoje fazem com que os colecionadores lhes dêem caça, extasiados da sua fragrancia decorativa, da sua alegria fresca e viva, e da sua incomparavel moicidade. O que sobretudo a arte d'estes seculos tem d'intensamente belo e superiormente moral, é a coherencia, a subordinação a um unisono estético prendendo entre si, como as engrenagens d'uma machina, todas as manifestações da sua *vis victoriosa*.

A arquitetura d'um salão onde em vóz baixa palestre meia duzia de homens e mulheres, diz rigorosamente não só com o estylo do mobiliario, a decoração das paredes, o genero dos quadros e a borboleteante talha das madeiras, senão tambem com a estatura, a fisionomia, a filosofia e a religião dos personagens, o estylo dos seus gestos e a

mordacidade engenhosa dos seus ditos, a suntuosidade e elegancia dos seus trajos, o ponto das rendas e o molde das joias, a psychologia dos vicios e a linha estética e moral das distrações: a tal ponto, que apesar de ser esta uma arte de detalhes, cada coiza quasi que por si só não tem vida distinta, sendo preciso vê-las nos conjuntos pra se lhe comprehender então a harmonia admiravel, a concordancia perfeita dos motivos, a synfonia de beleza enfim que a creditou entre os momentos divinos do genio, n'uma hora de minuscula elegancia, ironia frivola e vagabundagem delicada.

Por isso nas danças do tempo, a pavana, o menuete, a gavóta, que a alta roda d'agora macaquêa pondo sécias de barriguinha dando a mão a muscadinos de marréca, com focinho de padre e gestos de lacaio, a impressão recebida é a d'um todo plastico indissolúvel, da ponta do escarpim aos laços do catogan e *aigrettes* do toucado, tanto a indumentária é criação d'um costureiro sedento de beleza, enamorado da linha, sabendo como um escultor a lei do movimento e o equilibrio instavel da attitude.

A arquitetura da musica diz com a dos trajos e a dos gestos; a arquitetura dos grupos com a decoração polycroma das passamanerias, das joias e das sedas: um laço harmonioso prende o estylo da decoração ao typo do edificio, o personagem á casa, o manequim ao costume, resultando para a

*mancha* que todo este quadro pinta na retina, uma afinação saborosa d'obra mestra, que banha de caricias o espirito, e inpéle para uma sociabilidade nobre e fina o sentido vegetativo de viver.

A recente fase da ourivesaria, incursa no movimento inglez e austro-alemão conhecido por « arte nova », mistura de japonismo e naturismo, vae n'um proposito de fazer diferente do antigo, e crear joiaes dizendo com o canon artificial de beleza femenina, creado pela móda, e as preocupações d'elegancia diversa que consequentemente esse canon exotico está pedindo.

Encontral-o-ha, duravel? ou como as outras industrias suntuarias da « arte nova », estará esta da ourivesaria propondo-se a dar só caganifancias de bazar e pacotilhas chinfrins de bric-á-bac?

Percorrem-se as vitrinas das lojas, vae-se ás exposições das cidades joalheiras: que desvairo d'invenção, que frenesi para estripar, sumir na tréva o inconsciente estético, causa d'este eterno repizar de fórmulas velhas que é a falencia da arte contemporanea!

Parece que o demasiado saber do nosso tempo asfixiou nas leivas do cerebro o germinar d'essa planta d'ar livre que se chama a ideia original, e que não póde haver creação espontanea em cabeças pejudadas do patrimonio artistico de todas ou quazi todas as edades anteriores. É qual se volta prá natureza, onde já tantas bocas ancestraes sa-ciaram sedes, sorvendo a haustos um ideal que

supunham eterno, e as subsequentes gerações usaram, fanaram, consumiram. É qual apéla para as concéções abstrusas da fantasia, e cura travar combates quiméricos, combinações inverosimis de linhas e de fórmás, sem melhor exito e mais duradoura posteridade.

No campo da invenção artistica todos os sendeiros estão percorridos, todos os filões preciosos explorados, todas as combinações de formas feitas. Nada de novo sob a arte enquanto a educação archeologica envenenar no cerebro do artista o poder da força creadora.

Quando muito, os rebeldes, desviando de cima dos hombros a pezada coluna das aquisições mentaes anteriores, suporão que é triumpho o introduzir algumas modificações engenhosas no detalhe, alguma variante pueril, mais bonita que forte, filhas da perfeição tecnica do ensino, por completo ignorada dos artistas antigos; tudo porém coizinhas móles, riqueza pobre, revolução conservadora sem recorrencia ao crescendo avassalador d'uma ideia-força, d'alguma concéção original d'ambito vasto, capaz de na creação d'um estylo novo suprir o trabalho lento e anonymo dos seculos.

Porém de todo aquele esforço frustrado, d'esse galope tragico nas nuvens, quanta falena rutila o genio solta, quanto bolido espargindo-se em fulgurantes estrelas sobre os joiaes da móda feiticeira! Por exemplo, estes pentes d'adorno, cujas cabeças imitam em verde palido, algas e varéchs,

sobre um fundo d'oiro arrefecido, tendo nas ramificações bexigas natatórias feitas d'esmeraldas e rubis.

Este bróche de seio, que parece d'um Benvenuto enamorado das causas primárias: um craneo de platina, com os buracos dos olhos fosforeos, dentes de perolas, e por frontal uma perola oblonga, de purissimo oriente, que alvitrarieis humedecida pelo suor d'um pensamento. Na base do craneo, uma serpente de solitarios maravilhosos, uma serpente enroscada, colando á frente da caveira a sua cabeça chata de monstro, como a seguir-lhe os ultimos écos da ideia arrefécida... E por cima, com sembrias azas d'esmalte, um mocho d'olhos longinquos, duas penas mefistofelicas na gorra, o peitoral de pedras lividas, as unhas esgatanhando a cabeça do ofideo — na attitude de Maria mystica sobre o globo do mundo, esmagando a cobra do pecado.

Que estilisações d'orchideas, fuchsias, heras, folhas de castanheiro ou de carvalho, em morrentes esmaltes, oxidados de syncope, onde pousam inséctos cujas patas de platina e elytros de pedras vibram uma especie de fremito vital!...

Esses medalhões d'onde em meio relevo riem mulheres misteriosas, Ariadnas, Omfalias, com seus peitos de fonte, seus braços de caneforas, seus sorrisos androginos de simbolos, e os murmurantes sexos á copula com monstros d'armorial careteando cóleras quimericas — as azas fazendo nimbo, as

caudas cingindo da mulher as coxas palidas — e tudo em escamas d'azul, roza, laranja, enquanto a guela esbrazêa rubis, e se lhes escapa das patas algum pingente barbaro e japonéz!

Bugigangas de sala, joietas de vestuario e de vitrina... peza-papeis, sinetes, firmaes, botões, agulhetas, *lorgnons*, afogadores, pulseiras, brincos, aneis, fivelas, tiaras, corôas, *chatelaines*, *aigrettes*: quantas obrinhas de fatura rara e virtuosidade admiravel! Uns *pendentifs* d'oiro verde, com pingos de rubis ou d'ametista reproduzindo cáchos de cerejas, pon-pons de miosote e de glicinias! Aqueles broches d'esmalte, imensos como escudos, aqueles aneis de cãriatides e mascararas, aquellos fivelões d'amores mugindo cabras, de satiros colhendo driades; aquellos aspides d'Amneris, Theodora, Cleopatra, dando a volta das crenchas, e sobre a frente alçando a cabeça de gemas, com uma expressão de colera silvante!

Diadema para alguma cantora das operas de Strauss, alguma rainha enigmatica de Dante-Rosseti ou Turner, alguma heroina de Wilde, Anunzio ou Maeterlinck: ao centro um grande nenufar de perolas oblongas, cercando um monstruoso diamante amarelo, que faz as vêzes d'estames, e por fóra sépalas d'oiro verde; a cada banda, lianas d'esmalte verde, aqui e além avivadas d'oiro e cobertas de brilhantes cahindo em pingos d'agua, estilisando-se d'envolta com cobras d'agua, cujo dorso é todo de safiras, e os ventres d'aguas mari-

nhas mui claras... Estas lianas amoldam-se ao meio hemisfério da cabeça, terminando em nenufares abertos por entre folhas d'esmalte, sobre que rãs d'esmeraldas espreitam, pondo uma reminiscencia de pégo e de malária, e assim compondo nas temporas uma grande rozacea ornamental. Este firmal para decote: cabeça de Gorgona com olhos de rubis ou d'esmeraldas, e os cabelos esparsos, estilizados ao derredor d'um travessão de platina terminando em duas azas de morcego, ondatas e farpadas, em furtacôres d'esmalte azul, verde e violeta, sobre que se espalham, em divergentes estrias, caminhos de poalha de brilhantes. Por traz da cabeça um nimbo ou sol nascente, tendo como raios, serpentes de pedras, em attitude de morder ou de silvar...

Não teem estes artistas modernos a *vis* espontanea e a candura dos instinctivos, analfabetos quazi, dos seculos mortos; porém a cursagem regular das oficinas escolas, o martyrisado estudo da modelagem e do desenho, a cultura mental pelas leituras, e enfim o *frou-frou* da civilisação tentacular que atmosphera as cidades d'estudo, lhes foram dando coiza melhor e mais adequada ao nosso gosto: qual um rigor d'observação completamente feito ao metodo scientifico, uma ternura pela natureza flagrante e variegada, uma especie de dupla vista vidente, mercê das quaes certas obras fumégam de nervosidade pictórica, de movimento alucinante, d'intensidade expressiva e pitoresca; e tudo

isto ligado á perfeição dos acabamentos, á graça japonizante, arcaica, da fantazia, á sabedoria e frescura dos detalhes, fazem da arte de hoje, senão um periodo que marca na cronica do genio, ao menos uma tentativa viril para quebrar os ferros da educação classica, e fugir á imitação do antigo rutinario.

Aqui duas meninas vão abrir o piano, e desinpedida a sala, arrumada a gente pelos sofás das paredes e entrevãos das janelas e portas, o menuete de Bucherini ordena as educandas n'uma especie de cortejo a duas de fundo, começando uma série de reverencias e requebros de bonéas, algumas das quaes, hieratisadas pelas cadencias da musica, são verdadeiros Saxes, melindrosos de fórma, e como suspensos em azas invisiveis; enquanto as que não dançam — pouco méstras ainda na giria d'anforisarem o tronco e moverem rytmicamente o saracoteio dos tacões — vão mostrando ás familias seus progressos de bordadoras e pintoras. Aquilo faz como uma feira de prendas femininas, no *hall* que parece um bazar d'escravas, sob as vistas senhoris de madama Ostra, que no meio do tumulto recompõe do menuete as figuras symetricas, e vae regendo as cadencias com um dedinho em gancho na ponta d'um braço tísico, semelhante a uma antena de cigarra.

Madama Ostra parece recordar-se dos seus

tempos de dama de Versailles, tal o donaire com que reviravolteia sósinha o açafate de mimos que a lingua pórcia chama de trazeiro. A sua elegancia de silfide, o seu vaporismo poetico de burrié com azas, o seu sorriso de chromo, espremido aos cantos para fazer valer a meia cereja dos beiços gretados, como se vê nos Watteaux, tudo isto dá um realce aos *plongéons* que ela faz, conforme as marcas da dança, pra um cavalheiro imaginario.

Intrométem-se na festa alguns mocinhos, que a pretexto de visita ás manas, vão metendo memorial de noivos prás educandas ricas ou bonitas, mercê d'aquello instincto das familias-formigas que nunca estão sem dar grangeio á prehensibilidade dos calculos videiros.

Alguns são cavalheirótes taludos, estudantólas de péle livida e d'olhos sêcos, em cuja adolescencia cogumélam já bolôres de crapula, em cujo rosto estúam não sei que descáros cinicos e estanques. Os de mais exito trajam com garbo andainas de cadêtes, coladas como espartilhos, curveando suspeitas redondezas, pondo em valor graças reconditas; e são estes a coqueluxe das senhoritas mais velhas do collegio, Claudinas de narisinho vicioso, cariócas de péle cuprica e olhos de braza, que um precóz bater de palpebras sexualisa, mulatinhas lividas d'Angola, negretas de S. Thomé e Cabo Verde, filhas de traficantes e roceiros, futuras *declassées*, onde a pelintrice alfacinha farisca o

vulto dos fardos de cacáu e os pingues dotes d'engenhos e sanzálas.

Logo se esbóçam *flirts* e namoros que a precocidade da raça e a morbidez do exemplo encaravilham. Em torno a galeria comenta e acha graça: as proprias familias tratam d'acazalar os pares e fazer combinações e permutas de fedêlhos, como quem fórma bonecos n'um taboleiro de xadrez. E entretanto o menuete singra as suas bichas ligeiras, procissionando todas essas graciosas figuritas, cujos mômos bicaes, vénias, motêtes, enpertigamentos, rizótas, teem um chic airado d'estatuetas, uma quebreira gracil de *bibelots*.

Nada tão lindo, na quazi geral bancarota da beleza adulta, como essa dança peralta de Pierrots e Colombinas de Willette, alácre, vivaráz, com a perversidade das bôcas e dos olhos, os sobresaltos d'azas calcaneas, e as incitações ao vôo nos movimentos. Mui petulantes eles, pondo em publicata um tenorismo arrufado de faizões, proprio da idade — mais disfarçadas elas, com olhos matinaes d'Evas surtas do Genesis, a bôca cheirando a leite, e no todo uma innocencia aperitiva d'angelótes já sábios no papel d'atrair e envolver, como *soubrettes*. Que appetite de caritas rozadas, côr de petala de pecego; ou moreno-cinzentas, da saburrosa côr sem transparencia das mestiças d'Africa ou do Brazil; ou lontra-roza, da côr sanguinea das caboverdianas fortes, cuja beleza supéra a de certas raças continentaes! O microcosmo dos gestos, a

melosidade cantada dos sotaques, o pueril dos rizados, o charivari das mascarêtas garotas e picanetes!... Focinhos, fossêtas, rofegos, lobulos, frescuras de capulo, carne polpa de fruto, vidas raio de sol e mariposeo de colibri, tudo, tudo isto ri de garotice ironica, clownesca, quando as rotulas mui finas, os flexiveis artelhos, o galbo virginal das pernas coreograficas, os pézitos que chanfram como os das divindades rusticas dos bósques, as mãos que atiram beijos, mas já com o gesto eliptico de correr laços e estrangular por passatempo: quando todo este aparelho de sedução desequilibra, nas atitudes d'elas, a architettura de lyrios e palmeiras, restituindo-a, conforme os tempos da dança, o preciosismo das vénias, a afétação libertina das pontes de braços, abobadas, meias voltas, em porção de clichés de humorada infantil, a recordar o Bougereau dos anjos travessos, a Kate Greenway das ranchadas bébés inda sem fórmulas, e o Willette enfim das Colombinas que martyrisam corações na circumferencia enigmatica de luas alvaças.

É a hora culminea do *five-o'clock*. Madama Ostra faz senhorilmente o chá n'um samovar de cobre trazido em procissão por dois creados, e cuja caldeira canta, com pequeninos jactos de vapor. Os olhinhos suinos da franceza; bridados de vermelho, mais uma vêz remiram na elegancia e animação juvenis das suas quintas-feiras, quanto lhe poderá render uma bôa noticia da festa no *carnet mondain* l'alguns jornaes. Adoravelmente, as notas do

piano perlam as fases do menuete que espiritua-  
lisa os gestos dos pequenos, e faz deslizar na alca-  
tifa os páresinhos de pés com graça miniatural.  
O numero tem successo; exclamações d'enlevo,  
monosylabos de mimo, e todas as pessôas grandes  
babando risos d'assumpção perante a deliciosa  
comparsa dos páres dansarins.

Lentamente, madama Ostra, e uma que outra  
discipula mais lépida, sêrvem a cházada mijona e  
os estafados bolos sêcos, com toda a sorte de que-  
bros e alifáfes.

— *Du sucre, encore, ma belle?*

— *Ce mignon gateau... lá!*

— *Et vous, chère madame, qu'es'ce que je vais  
faire pour vous?*

*Madame*, no mesmo tom versalhesco, diz pelo  
crivo dos labios que só tomará meia chicàra e um  
tosquiado, mas vê-se pelas rubidezas da penca que  
melhor lhe cahiria uma fevera de paio com quatro  
do Cartaxo, á valentona.

De novo os grupos chegam-se, aglutinando-se  
em panelinhas d'escandalos e confrarias chinfrins  
de coscovilhos, á proporção que aumenta a con-  
correncia, e pela porta da escada outros temas de  
chalra vão passando. A uma cazada de tres anos,  
pergunta outra, se continúa indã sem filhos. A in-  
terpelada faz um gesto de testa melancólico.

— Que ha-de ser, se meu marido não tem se-  
guimento em coiza alguma!...

E logo aparece de crêpes, resoluta e mui palida

uma grande estatua dolorosa, arrastando os seus  
ós como um figurino de jazigo.

— De luto carregado... Que foi, minha filha?  
quem te morreu? quem perdeste?

— Perder, não perdi nada. Muito simplesmente  
vivi.

— Coitado, era um estoura-vergas, teu marido.

E a dos crêpes, com um clarear de rancôr nos  
olhos sêcos:

— Ao menos, d'aqui por diante, sei onde passa  
as noites.

— Resigna-te, resigna-te, diz com seu ar cate-  
drático uma velha que parece ter esgotado os  
mysterios matrimoniaes. Nenhum resentimento  
pedirá que tornes a cazar dentro de pouco.

— Primeiro me cubrira Deus de pustulas!

— Não digas isso. Na tua idade. Não se foge  
às inposições da natureza. És uma viuva ainda...  
consolavel.

— Os homens, os homens, meu Deus! Que  
corja de porcalhões, de satiros, d'egoistas! Só o  
prazer os doma. Só as suas comodidades lhes dão  
benas.

— Beijam-nos os cabelos no quarto, e se os  
vêm na sopa, vomitam.

— E alguns nem para amar servem.

— Os loiros. Que móles! Vae-se todo o tempo  
em pizicatos.

— Nem todos, nem todos, contravém, media-  
neira, a senhora edosa que falára. Olhem vocês o

meu marido. Toda a sua vida foi um homem. Quatorze filhos me fez, e d'alguns dezoito dou fé nas raparigas que me sahiram de casa embaraçadas. Agora mesmo, depois de cego, em sentindo mulheres, não faz senão beliscar e apalpar quanto lhe chegam.

— É a sua maneira d'olhar para nós.

— Se ao menos soubessem ganhar dinheiro, se fossem ricos..

— Qual! Ainda pra nos amarrarmos a muitos, temos de pagar com o dote essa longa vida de martyrios.

— É um exagero, um exagero, diz uma optimista gorducha, e que parece extinta de sentidos. Ele inda ha maridos bons, fieis...

— Ah, certo. O meu. Quatorze anos com a mesma creada.

— Nenhuma mulher se devia cazar sem o marido lhe ter assegurado primeiro um rendimento. Era uma garantia para o matrimonio.

— E para eles.

— O meu é segundo official das contribuições directas. Cincoenta mil réis por mêz. Com cincoenta mil réis, quem é que póde ser honesta?

— Chapeus de quinze mil, vestidos de trinta mil, camisas de noite tão cáras como os vestidos...

— Sim, sim. Forçoso será recorrer ás indirectas.

— Mas com por baixos de trinta mil réis, algumas quazi que só arranjarão dinheiro para as camisas.

—O caso da Mimi Soares, que dizem os amigos do marido, ha muito que por casa não traz mais aias.

—Essa não é por falta de dinheiro, mas por falta de tempo.

—Pois ha quem diga que todos, absolutamente todos os filhos que tem, são do marido, e parece que ella mesma se gaba d'esta inverosimil probidade.

—Será então como os teatros, com uma frente para o publico, e entrada especial para os artistas.

—Que francamente, dormir trinta anos com o mesmo homem...

—E para semelhante martyrio, exigir o homem que vamos para elle, como diz o Bourget, onze mil vezes virgem!...

—A nossa alternativa aproxima-se, diz entre o grupo uma voz chasqueada e vingativa. Leram vocês *MADemoizelle Chiffon*, da Gyp? Ha uma manicpada que exclama: «tempo virá em que nós, mulheres, só nos cazaremos depois d'experimentada a nossa aptidão procreante, em aventuras de solteiras».

—A desavergonhada!

—Terá que vêr se, fóra de horas, e de charuto na bôca, encontrármos uma amiga e lhe dissérmos: vem d'ahi a uma casa de moços, fazer sala...»

Áquella ideia estroina, frouxos de rir convulsam as gargantas de rola das alegres libertárias, que paladeam um momento a occorrença drolatica

da colega, enquanto duas ou tres sectárias da patriarcalidade burgueza, das virtudes bisonhas da róca e do estrado, buscam atalhar o escandalo com reprimendas acres e indignadas.

—Essas femenistas devia o governo mas era assentar-lhes praça.

—No batalhão de Citéra, vamos.

—Qual! n'um regimento de dragões.

—Creaturas meio mulheres, meio sargentos, esquecidas da maternidade e aspirando a uma vida contra que a sua propria organização visceral se insurge a gritos...

—E sem idade, e pela mór parte incompletas de sexo, histerisadas por delinquencias moraes d'arrepisar...

—Tres eu conheço, que nenhuma se láva, e uma até fuma cachimbo, e as outras vão ao barbeiro escanhoar-se.

—Perto de nós vive essa Dona, Dona... a que é escriptora e faz discursos nos clubs, a quem cortaram o utero no hospital... Não teve emenda e de queda em queda acabou por viver com um *chauffeur*, que se enbebéda, e lhe báte... e ate dizem que Deus a castigou, pois com um desmancho que teve, pariu um chibo...

—Canalha! Uma canalha! rompe uma matrona febril, com gestos de homem. Nem com um coração sanitario se evitaria o contagio de tal gente

—Mulher, á antiga, diz outra. Na sua casa tratando do marido e dos filhos, vigiando a

readas, com bôa roupa lavada nas comodas, e a alma entregue á sympatia de viver obscura ao pé dos seus. O mais — typas!

E uma feia diz esta coiza mimosa e mulheril:

— Para mim, a missão da mulher está toda n'aquelle verso de Baudelaire « *sois charmante et tais-toi* ».

Vae para o piano uma senhora elegantissima, alhe de vespa, deixando atraz de si como um murmúrio d'invejas e d'aplausos. De rôda são insensarios comovidos á beleza, calunias galantes revelando o ciúme que ás gargulas das cathedraes inspiram sempre as estatuas aladas dos pinaculos. Esposa d'um director de jornal muito na brécha, pianista de fama, numero obrigado de todas as festas filantropicas...

— Ai, é das caras mais lindas de Lisbôa!

— Onde ela passa, as outras enegrecem.

— E toca Wagner d'um modo!...

De perfil, a mascara é preciosa, de cortezã-rai-nha, sob a massa de cabelos retorsos, côr de mogno loirado, corridos de frizaduras que dir-se-hiam esculpidas por algum mestre imageiro da Renascença. Faz um bocado do *Tristan e Izeult*, pondo esculturalmente as mãos, cheias de joias, e deixando os dedos cahir, coléricos ou lentos, sobre os teclados que parecem vibrar unisono com a pletóra d'amor que os seus gestos de gata diagnosticam. As notas vão, profundas, em cavalgadas de mantos e de cascos, no claustro verde de sinistras florestas milenárias,

onde o estro das legendas heroicas se desgrenha. Mas logo aos primeiros arrancos se vê que a elegantona tóca de cór pedaços retocados pelo ponto, que a execução é apenas chic, e o seu sentimento de Wagner sôa falso. Entanto a fama não deixa de, por entre a bacoqueria dos grupos, soprar pre-gões enfaticos sobre os talentos musicaes da pianista.

— Que o Viana da Mota tem ciumes, que o Rey Colaço diz que não ha outra, que o Rubenstein e o Padrewsky ao ouvil-a, julgaram-na estrangeira...

— E não só wagneriana consumada. Tambem como compositora, é d'alto lá. Uma inspiração! Uma fantasia!

— Parece que é um alferes de lanceiros quem na instrumenta...

— Isso que importa? Certas creaturas fazem-se perdoar quantos defeitos, só pela compensação do luminoso talento ou da bondade altruista que irradiam. E a sociedade inda fica de ganho, sem que a moral maiormente se lastime.

— Esta é verdadeiramente uma adoravel emancipada, uma doidivasas sahindo branca dos preconceitos da burguezia formalista. Tem seus defeitos, tem. Um coração vasto de mais pra monogamo. Mas que alma aliciante e lilial!

— Aqui ha uma educanda a quem á bôca pequena chamam *menina sem mãe*, pois a mulher que a gerou é uma marchante de carne branca,

uma Celestina d'amor, celebre em Lisboa, devassa, porém com um instinto de maternidade augusto, qual o de ter posto a filha a educar sob um sigilo tal, que ella propria resolve subtrahir-se aos seus carmes, mandando ha tres para quatro anos persuadil-a da sua morte. Apesar da pequena usar d'outro nome, e ser um correspondente ou procurador quem ás semanas vem ao collegio, informar-se, tudo aqui sabe a historia da *menina sem mãe*, e provavelmente lh'a lança em rosto, visto a expressão concentrada, grave e triste que a orfãzinha mostra em toda a parte.

Isto, e o seu comportamento sério e pulchro, a sua beleza d'iluminura, o seu character de rozita murcha e violeta, tal impressão fizeram na pianista, que subitamente um louco amor maternal se lhe gerou pela creança, e d'espontaneo resolve defendel-a e tratál-a como filha. Dito e feito! Vae procurar a megera ao proprio alcouce, expõe-lhe o seu desejo, pinta os horrores que sobrevirão á adolescencia da pequena quando ella um dia sáia do collegio, e acaso venha a saber toda a verdade; e horas e horas se engalfinham as duas em lutas e disputas, durante as quaes nenhuma cede, e ambas invócám direitos, em jogos de persuasão qual mais frenetico: até que por fim a mãe verdadeira tem um assomo divino, e cahida em si, no limiar do seu castigo tremendo, tudo deixa fazer, consente em tudo: deixar-se-ha desapossar dos seus direitos, sacrificar-se-ha, desaparecerá, para que a filha

um dia possa cazar e viver sem ignominia, usando o nome d'uma familia respeitavel.

A loucura da outra, quando a mulher soluçante no chão, lhe beija os pés! A grandeza d'*consolatrix* magnanima com que levanta a si esse pobre farrapo amoral, pela primeira vêz tocado d' remorsos, ao ouvir jurar pela cabeça da filha, nova mãe! Por uma hora as duas mulheres abraçadas lastimam-se, cercadas da pupilagem da casa que faz caudal com elas, sem ao certo saber d' que se trata.

Enfim, quando a promessa da mãe verdadeiramente se chancela, á força de supplicas, na aquiescencia d'um tratado legal, com testemunhas, e a pianista volta a casa para informar o marido da resolução heroica, tomada, este, homem de teatralidade vistosas e admirador de lances altruistas, com pouco tempo além d'isso que dar a bagatelas d' mesticas:

—Pois sim, pois sim, diz á mulher. Acho tua ideia bonitinha, de quem tem na alma muitas janelas floridas, por onde assómam rizados de bondade. E guarda a pequena, que é um canário mais que Deus nos manda. Até agora tinhamos duas filhas. A fortuna nos reméte mais essa, d' França, e sem ninguem lh'a ter encomendado..

E o marido consente, e a menina sem mãe fica com duas: em lugar de duas mezadas no collegio, a pianista paga tres; e o mais bonito é que nunca mais aceitou real da traficante de branca

e salda ela mesma do seu bolsinho todos os gastos da pequena.

— Não haja duvida, é mui bela, a generosa ação d'esta senhora. Não lhe aceita dinheiro! Mas o fortunão da mulher, para quem fica?

— Isso eu pergunto. Que ás vêzes estes atos de desinteresse andam mas é a fazer juz á sorte grande...

Enquanto o rancho das admirações circuita a bela pianivora, e o circumflexo das sobranceiras e das bôcas externisa o extasi que em sociedade é de bom gosto affectar perante coizas que nos são indifferentes, um cavalheiróte vem-se insinuando, negro vestido todo, e com o olhar parafusante dos que já tiveram co'a policia algo complexo. Tem a tinta da pele morena e flacida, as canafrexas dos pulsos esbrugadas, aggressivas as cabeças dos ossos, e as mangas curtas deixando os punhos sahir com botões d'osso. Um pouco vendido, o cavalheiróte sauda em circulo, mirando de soslaio a fatiota preta que o continuado uso e as nuverinas da rua vincáram de rugas e bosseláram de póchas sedentárias. É o novo professor de literatura e poesia.

— *Un poéte charmant, a ce qu'on dit. Il m'a été recommandé par Mr. d'Albuquerque, le mari de la très grande pianiste que voilà...*

— Será algum filho novo da nossa condoída wagneriana?

— Pagará ella tambem do seu bolsinho as despesas do novo *menino sem mãe?*

—O caso é que a continuarem as adopções, a frente de *Mr.* d'Albuquerque não chega prás co-rôas... civicas.

É uma telegrafia d'olhares quando o poeta, em saltinhos de lado, como os dos corvos gotosos, procura chegar-se ao piano para voltar a folha á pianista.

A das indignações puristas, mal os olhos lhe deita, logo categoricamente declara que *madame* d'Albuquerque é por força vitima de calumnias, pois seria injuria supôl-a depravada ao ponto de ter por amante um sujeito, que além da sua estrutura de tísico rachítico, nem aparenta sequer cuidados de roupa compatíveis com a frequentação de mulheres de certa ordem.

E como quem codifica mundos d'experiencia:

—Hum! pela roupa se matam logo os que teem de se despir sem prevenção...

—Rato de cano! Porco. E ridiculo! Versos, aquilo? vermes.

—E não é verdade? uma cára assim d'arbusto que só com tutor levanta a grimpa.

Apar do grupo, outro de parcas funebres desfia a meada economica dos *Fonsecas*, que trajando do bom e do melhor, teem apenas um pae com setecentos mil réis no Arsenal. Uma creada que lá esteve, contou que com meio kilo d'osso e meio de carne, passam sete pessôas e tres gatos. Ao erguer da praça vae a mamã com uma rêde recolher por dois patacos as hortaliças velhas das vendeiras.

Os ovos da omelete são já chocos, e tal fétido tre-sandam que mais parécem postos pelo pae. A casa, um antro: afóra o corredor e a sala, diz que não ha senão moveis partidos, saias pingonas e catres de hospicio miseraveis. O piano é fingido, e perdeu-se a chave sempre que alguma visita quer tocar.

A *Léva as Cascas* ouviu dizer que compram a uma creada de D. Maria Pia lotes de vestidos velhos, com que tafulam depois pela Avenida.

—Ai! e onde morará essa creada?

Mas a Simão Simões sabe mais coizas: tem uma engomadeira ao Cardal, que lhe contou que a mais velha vae todas as quintas-feiras vampirisar um conselheiro, que provavelmente virá a ter o fim de Felix Faure. E quanto á mais nova, a que deu escandalo em Vizella com um padre...

—Nem tanto! Nem tanto! E a prova é que um negociante acaba de lhe pedir a mão.

—Vão lá saber para que!

As filhas do secretario da Camara, sempre de seda granada e veludo rubi, fazem uma dizer que é para aproveitar o docel da abertura das côrtes, em que todos os anos o pae põe mão sacrilega.

—Digam o que dissérem, a mais velha é muito bôa menina. E tão religiosa! Ha quatro anos tiraram-lhe um Christo do ovario.

—Que Santa Thereza! Eis talvez a razão porque não cása.

—Não é por não fazer deligencia, opina outra. Agora *filtra* com um rapaz da Escola Naval.



## LISBOA MONUMENTAL

---

As provas d'architetura patentes em duas das exposições abertas este ano, a dos trabalhos dos alunos da Escola de Belas Artes, e a da Sociedade Nacional de Belas Artes, pouco devem botar de pratico e viavel para o quotidiano architetonico da terra. Na exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, uma igreja romanica, com dois coru- cheus e um duomo ou zimborio em barrete de noite; um jazigo de familia; um circo equestre, com as inevitaveis reminiscencias das ruinas do Colyseu romano: um batisterio romano bysan- tino: e enfim, um projeto de viaduto para a Ave- nida Ressano Garcia, lembrando a ponte d'Alexan- dre III e outras pontes, e que a camara de Lisboa fez mal em não ter adoptado, como muito bem diremos mais além...

Todos estes planos chegam infelizmente já de- pois da necessidade d'elles ter passado. A igreja romanica, destinada ao culto da Imaculada, prefe-

riram outra, que naturalmente se não faz, por os padres do Espirito Santo terem sequestrado a Camaride, tomando para si o espolio que a comissão namorava para o custeio do monumento. O circo equestre não tem mais viabilidade, pois temos em Santo Antão colyseu para dez ou vinte gerações de titeres e palhaços. O baptisterio romanico não é feio, posto vulgar para quem conhece os admiraveis modelos de bysantino-romão que ha pelo mundo—sobre o mau séstro de vir n'um tempo em que o homem carece de se baptisar todos os dias, o que faz da casa de banhos contemporaneamente o unico baptisterio a abrir n'esta terra de gente por lavar. Quanto a jazigos de familia, uma vez o forno crematorio decretado, traremos para casa em boiões as cinzas dos ancestros, com que bordaremos as letras do arroz doce, nos festivos jantares d'aniversario.

Ora isto tudo dá a essas laboriosas provas dos jovens architectos, pobres Solness sem barba, que inspirará uma ou outra Hilda da Barroca, um character melancholico de labor perdido, de talento sem clinica, de força humilhal-os dolorosamente, na quadra em que mais precisavam ser mimados.

Na exposição dos alunos da Escola de Belas Artes, ás provas d'architetura, modestas, d'um character mais estudantil, menos formal, chegam-se para assim dizer melhor a um proposito d'arte applicada, se lhes tirarmos um projeto que lá ha,

de palacio para comicios publicos, que parece um tumulo romano, engalanado de fachadas e templetes da ultima exposiçao de Paris.

Ha, por exemplo, o projeto d'um pequeno edificio para dispensario medico... Um projeto d'escola de desenho...

Vamos ao pratico, e posto que isto não é cidade para baptisterios ou basilicas bysantinas, nem tão pouco circos colossaes, consideremos este garrano e sympathico projetosinho d'escola de desenho, para mim, de todas as provas expostas, a de mais logico aspecto e agradavel doairo, e que melhor seria modificando-se-lhe a parte central, em termos de ficar o tympano mais leve, e menos grande a placa ou quadro que encima a porta, e se destina a letreiro ou inscriçao.

Os governos que teem sempre a construir, por essas terras e vilórias, edificios pequenos para escolas, crèches, etc., acho deveriam fazer executar de quando em quando algum d'estes projetosinhos sahidos das provas escoláres, e que o respectivo jury, reforçado por elementos das letras, todos os anos levasse á atençao das obras publicas e municipios. O mesmo para projetos de casas particulares, em estylo moderno, ou estylisação sobre o que, para não estar agora com explanações, chamaremos o antigo typo portuguez.

Estimulavam assim a iniciativa e faculdades creadoras dos rapazes, que sempre receberiam pela idéa algumas centenas de mil réis (na quadra da

vida em que espórtulas d'essas são milagre) e livrava-se a gènte da monotonia de vêr por toda a parte reproduzido o mesmo modelo official d'escola, o mesmo typo de crèche, o mesmo cazarão de paços de concelho, traça de méstres d'obras bossaes e engenheiros arranjistas, acanhada, falcatruada de proposito para a mariolice das *luvas*, chocando os olhos pelo seu ar d'obsessão palurdia, de gebice esquimó, a encher o *touriste* de nauseas, a dar a média dos vãos sociaes e mentaes da população.

Ha muito até que para travar o genio porcáz, desorientado, idiota, que por esse paiz alástra em materia architectonica, todos os edificios publicos ou privados, em edificação ou restauro, deviam ter um conselho artistico por cujo voto os respectivos projetos passassem, e isto para tirar ás vereações e comités locaes, a brazileiros e mercantes cuja unica função social é ganhar dinheiro, a intervenção nefasta que, em nome d'uma liberdade de que não sabem usar, se lhes tem dado na estética urbana do paiz.

Em nacionalidades pobres como esta, onde construções monumentaes são raridade, o labor principal do architecto que se destine a fazer vida pelo officio ha-de ser sempre erguer pequenos edificios para moradia de burguezes, ou assistencia e séde de modestas corporações e sociedades. Incitar aqueles artistas logo desde o inicio da carreira a aplicar a estes typos d'architetura pacata o melhor dos seus disvelos de imaginação e fantasia con-

ptiva, deve ser um dos principaes ardores da pinião auctorisada, *a que tem situação official e a ue não tem*, pois esta propaganda da beleza é uma as maneiras nobres d'amar a patria e ajudal-a aahir da morrinha bronca em que ainda está.

Em vinte anos, que série de' bairros novos Lisboa e Porto teem desenrolado! Vae por eles, bitor, e lá has-de vêr palacetes em theatro de rovincia, e predios d'aluguer em fabrica de moagem! Na ha terra de Hespanha ou da Galiza, por mais recuada para o fundo dos soutos e dos breços, que não esteja entendendo a arte de construir, o gosto moderno, e integração delicada de modelos novos nos typos tradicionaes da architettura o paiz. Correm-se as ruas de Vigo, Orense, de Pontevedra e da Coruña, vae-se ás cidades da Cataluña e ás mesmas ásperas Castelas, e lá vemos, melhor ou peor, o esforço heroico dos architetos para, aproveitando a emulação dos capitalistas, aperfeiçoarem e variarem ao infinito os seus modelos de paço, de palacio, de casa e de *zucha*. Sob este ponto de vista, Vigo, na sua arte moderna, é um museu. Quantos milhões e milhões em pedra talhada! que profusão de gostos, desde o *belo horrído*, ao belo incondicional, cheio de elegancia! Pois sem duvida ha por lá tambem muita pacotilha por oiro, muita casa d'estuque e

pedra, literalmente avergada d'ornatos, kiosques, balcões, platibandas, colunatas confusas, dando ao todo um ar de feira de vaidades e pagode indiano, e quasi sumindo no bazar dos detalhes as linhas monumentaes, primaciaes, da frontaria. Mas apar d'essas, que de palacetes deliciosos e galantes, que graça madrigalesca de janelas, que arte risonha, senhoril, de bolear quinas, de instalar a torrela de canto em termos de fazer resahir duas fachadas, de perspetivar com pilastrilhas e resaltos os corpos d'um *hotelillo* de ricaço, de dar enfim ao edificio qualquer coiza da fysionomia pensante do architecto, da verve do dono, do pictoresco da raça, em guiza d'ele ser na continuidade da rua, na quina da praça, na folhagem perspetivada do parque, no fundo do jardim, não como entre nós, uma nodoa de muro esburacado, em fascias, mas uma aleluia opipara, gloriosa, da arte para a luz, um halali da ventura humana, contente, *chez soi*, para a magnificencia faternal da natureza.

Nem a Camara Municipal, nem sociedades artisticas e literarias, nem isoladamente algum sonhador chimerico de perspetivas, fachadas, illusões, alguma vêz pensaram em interceder pela beleza, n'este periodo fecundo de reedificações e ruinas que em Lisboa vae desde a derrocada do antigo Passeio Publico até ao monumento fenicio

ue em S. Pedro d'Alcantara celebra a bene-  
erencia de Coelho e o futuro minaz da sua  
gencia.

Cada brasileiro ou rendeiro rico teve licença  
erguer a casa a esmo, conforme planos do mestre  
Antonio ou mestre Izidro, e isto sem a Camara  
hes pedir outras contas que não fossem alcaválas  
ributaes—sua apoucada e cerdosa occupação.

Comissão tecnica atinente ao' inquerito das  
onstruções sob o ponto de vista da beleza, da  
rchitetura da casa considerada em si ou no con-  
nto perspetival da rua, praça, quarteirão, bairro  
u macisso maior de monte, vale ou promontorio  
a subordinação do elemento residencia, enfim,  
(um todo monumental, decorativo) onde é que  
xiste? ou quem deu aqui por ela alguma vez?  
m ruas, quarteirões, massas inteiras de cidade,  
urgidas em folha, da terra inculta, e que pode-  
iam ter-se delineado em conjunto, calculando  
antemão o efeito architetonico sob os aspe-  
os da magnificencia ou graça senograficas, dei-  
ou-se completamente o capitalista á solta de re-  
orrer ás sabenças de mestre Izidro ou mestre  
Antonio, ou aos projetos de Frangipana archi-  
eto, mui perito em palacetes-curraes e predios-  
omodas, prototypos de morada do lisboeta imbecil  
ue paga de 300\$000 a 700\$000 réis por cada  
ndar—venho a dizer o juro do capital com que  
ualquer artista lhe haveria feito um ideal de  
alacino esbelto, *entre cour et jardin*, e numero

unico, que não reprodução banal de cadernos francezes do *Perfeito Constructor*, n'algumas d'essas avenidas novas que, com outras casas, outros municipios, outras gentes, seriam paraizos de elegancia e de bem estar.

Que barbaridades, que bestealidades, que escoicinhar de burros no bom gosto, que crimes insolvaveis de beleza, sem freio singram, a capricho da manteiga e do arroz endinheirados, do vinho a copo, da agiotagem podenga, da carne sêca e da *loja d'armarinho* volvendo á patria abarrotando d'oiro em burras prenhes! E como a mediocreira dos intellectuaes, a inprogressividade dos ricos, a ignorancia e a inação dos dirigentes, até na architectura d'esta pobre Lisboa, rezumo do reino, deixam seu rastro nefando, e vão contribuir centenas d'anos (pois nem em todos os seculos se fazem reconstruções em massa de cidades) para o atrazo da terra, para a execração dos posteros e para a nausea colerica dos *psychologicos patriotas!*

Aquela rotunda ou grande praça de Pombal, á entrada d'um parque, no extremo terminal d'uma grande avenida... Feita para coração da Lisboa nova, da Lisboa do periodo cooperativista e colectivista, em que as associações pretendem fixar as prerogativas do direito, e são a força, essa praça devia ser o Terreiro do Paço socialista, d'uma Lis-

boa socialista, o coração proposital da nova vida cívica, como o outro ficou, da burocrática.

Estaes a vêr o que seria n'um plato de terra franceza, n'um acrescimo de bairros de Paris, essa rotunda symbolica, tendo ao serviço da sua monumentalisação todas as artes aristocraticas do seculo. A municipalidade a haveria mandado planear d'um áto (assim como a nossa o deveria ter feito) e pouco a pouco realisado á guiza d'ela ser na estética d'ar livre, não uma circumferencia de casas em beleza symetrica, nem ordem, mas algum galhardo cantico de pedra ao triunfo imortal do pensamento, alguma peça d'efeito, integrada n'um todo architetonico. Nos quatro pontos cardeaes, palacios de cupulas, torres, colunatas, que escuavavam ser imensos, e seriam construidos pelas associações p'ra sua séde: a das Sciencias Medicas, a dos medicos portuguezes, a dos pharmaceuticos, a dos enfermeiros, a das parteiras, n'um grupo: a Industrial, a Comercial, a dos Lojistas, n'outro grupo... Logo, os intervalos ou bandeletas do circulo, preenchidos por palacios de comicios, exposições de pintura, produtos agricolas, industriaes, coloniaes, conferencias, concertos — e no que obrasse, residencias privadas, todavia mantendo o seu typo symetrico, relacionado no *ensemble*, obedecendo a alguma bela traça decoral...

Estão d'ahi seguindo, não é verdade? a longa carreira, alta e camposa, fazendo o circulo da praça Portugal parou no typo d'arcada ou suportal do

Terreiro do Paço, cuidando se esgotára este admiravel motivo architectonico!) as escadarias d'acesso aos palacios dos pontos diagonaes, as colunatas solenes, as torres gracis, de varandins, pinaculos, tympanos; logo, no fundo, o parque, com a rica grade forjada, os belvederes e cascatas de fontes que poderiam opulentar-lhe, solenisar-lhe o acesso (n'este paiz de canicula onde burrifos d'agua são medicamento e não deleite), e fugindo á direita e á esquerda, em rampas longas, em cobras perspectivaes, as duas avenidas, que bem podiam deixar a architectura da praça por via de porticos cobertos, ou simplesmente, aos dois lados, estatuas de contemporaneos, não postas ao centro da via, mas nos cantos cortados dos predios-topos, e com integração no todo architectural, monumental.

Ao principio da calçada do Salitre, onde hoje sita o palacio Mayer, que o premio Valmor tocou, como vae tocando outros casarões, parece que de proposito escolhidos entre o mais gebo e peor que as artes de construir teem deitado, estava a casa da marquezia d'Alorna, que lá morreu, e foi da familia Krus até á feitura das ruas novas e bairros jacentes á Avenida. Tem essa casa um pedaço de parque marginando o jardim da Polytechnica, e houve falas de vir a ser adquirido pela Camara, o que não teve logar por uma diferença ridicula

le vinte ou trinta contos. A casa velha em terra, seríamos aberta, da Patriarchal á Avenida, atravez dos jardins da Polytechnica, uma sahida rica e aristocratica, por onde as carruagens subissem e descessem, sob as arvores ligadas dos dois parques, a que se fabricaria, sobre a Avenida, sua entrada l'estylo *grille*, um hemicyclo d'estatuas ou columnas, onde muito bem podiam estar Brotero e Garcia da Horta, por exemplo...

Imaginam d'ahi um pouco a perspectiva: a grande montanha calma, descobrindo-se toda da Avenida, envolta em verdes, rica de tons, como um bosque de templo japonéz: clareiras de jogos, macissos de hortos, murmurios de correntes — profundas ruas de palmeiras e magnolias, que por uma banda e outra meandram e se perdem... Depois, a cavaleiro da montanha, a Polytechnica, branca e monacal, de severos perfis, as torres do Observatorio, destacando-se no verde; d'ahi, nas tardes de sol, sob o recolhimento das rondes, a bicha surda dos carros estalando na areia da descida, confluindo em ribeira, entre os labelos das palmas, para o grande rio da Avenida...

Não era esplendido? Não tinha sido um beneficio para a circulação crescente d'esses bairros altos e distantes, approximal-os da Baixa por essa lamedada de luxo, estragada quazi para a vida? Hein?—E completar a escoante com as projectadas e nunca realisadas pontes de S. Pedro d'Al-

cantara ao Campo de Sant'Anna, por cima da Avenida, e a de Sant'Anna á Gráça ou ao Castello, sobre a rua da Palma, em vez da população dos bairros excentricos continuar a enxurrar e confluir aos focos de vida, atravez antigas ruas ladeirosas e miserrimas do *Monge de Cister* e da *Mocidade de D. João V.*

Para que lembrar outros embelezamentos de que já hoje se deixou ou está deixando passar a oportunidade? A praça Saldanha, que no mesmo caso da Pombal, foi planeada d'um bloco, e podia ficar sendo um dos encantados sitios da Lisboa recente, caso o municipio tivesse levado os constructores á adopção de certos typos de casa integrados n'um aro ou todo architetonico, lá está cheia de cazarões e cubatas imbecis, com um jazigo bacoco ao centro, onde me dizem vão pôr o marechal—ponto é que o Senhor dos Passos, a quem ele ficou a dever quarenta contos, não determine penhorar-lhe o poleiro e a vera efigie, com o que nada perderiam as artes monumentaes d'este paiz.

Sae d'essa praça uma avenida imensa, *Ressano Garcia*, que entra no Campo Grande em linha réta. N'esta tambem, o cazario que por lá se ergue historia o gosto caraíba dos architetos e dos donos, a inconsciencia acobardada da camara, o estado de selvageria boçal em que isto está. Não houve quem

se lembrasse de fazer d'esse *corso* uma coiza magnifica, creando typos de predios-quinás, com resalto de tétos e de fórmás, regularisando as fachadas dos intermedios, de sorte a esse imenso corredor ser um agradavel deleite dos olhos e do espirito. No ponto em que a Avenida Ressano entra no Campo Grande, dizia bem um arco de triumpho ou um grande hemicyclo d'estatuas e cascatas, por cujas pontas as carruagens curvejassem, deixando um *salon* no concavo, para *terrasse* de restaurants e de cafés, e que ao mesmo tempo servisse de palco ou fundo sobre que fazer convergir as ruas do parque, e destacar perspetivas de macissos.

Vão mais exemplos?

—A Avenida da India, que, ao iniciarem-se os trabalhos, propozémos se aproximasse do rio, o mais possivel, e com o triplo da largura que tem hoje, fosse enfileirando no relvão central, por ali fóra, a começar d'Algés, até Santa Apolonia, estatuas de todos os heroes das descobertas e conquistas, o que daria ao estrangeiro que entrasse o rio, com essa fileira de colóssos, uma ideia senhoril do povo luzo, e á beira-mar lisboeta uma cara soberba de receber visitas... e as pagar...

—E ainda, seguindo a mesma ideia de metodo, proposta, enquanto a Avenida da India fosse a galeria dos ancestros cyclopicos, dos ferrabrazes lendarios, bem podia a da Liberdade servir de salão contemporaneo, ir recolhendo nos seus relvões, d'ambos os lados, todas quantas gentes merecessem

da gloria, e valesse a pena fixar na perpetuidade cultural das gerações.

N'esta seriam só monumentos pequenos, de busto e sóclo, na base alguma figura symbolica ou beniterio para flores nas datas biographicas. Todos os modernos imortaloides da vida burgueza, todos os heroismos vegetes da recente epopeia ultramarina, todas as celebridades minusculas enfim, um pouco feitas d'aquilo que chamariamos o Kosmos nacional contemporaneo—philantropos, politicos, comediantes, poetas, pintores, *irózes* d'Africa, almirantes de lanchas-canhoneiras—ali poderiam defrontar, adentro do impassivel bronze, os juizos da historia, pela bôca cynica dos passantes. E por ventura isto inteletualisaria o ar, tão denso de matitez palurdia, crearia, quem sabe! no subconsciente da turba, o mundo de viricultura e espiritualidade estética, e hiperesthesia moral, de que tanto ha mister essa canalheta futil que faz o substrato da cidade, e tem nas cagádas dos passaros da Avenida principal recompensa dos seus ocios.

— Com os grandes alagadios que as obras do porto de Lisboa teem comido ao rio, da banda da cidade, avançaram as muralhas-caes té um plano anterior ao do embarcadoiro central da Praça do Comercio, resultando esta ficar no fundo d'uma

especie de dóca, porque com o correr-se o aterro, não fosse perdida a maravilha principal d'essa construção suntuosa, qual a de baterem-lhe as marés do Tejo os fundamentos.

Á data d'este escrito andam a erguer de novo as colunas de pedra, de 8 metros, que na ponta do embarcadero faziam parte do plano primitivo da praça, e a desprumada lenta do caes, pelo embate das aguas, haviam derribado e submerso ha alguns anos. Ora a reposição das colunas, que era medida d'acerto antes do embarcadero do Terreiro ficar no fundo da dóca, agora acho-a de mui apoucada comprehensão decorativa para esse recinto marinho algo vasto, que recúa o panorama da praça, visto do mar, e por isso mesmo reclama monumentalisação mais teatral, e uma a modos antecamara que desbanalise a insulsez da dóca, que em pouco tempo terá o encardido ar d'uma latrina.

Direi agora como eu em conjunto vejo, estando na agua, a quarenta metros do caes, erguer-se ante mim essa suntuosa Praça do Comercio, unica coiza grandiosa que á beira Tejo sita, de quanto a chamorrice da gente edificou n'este caravanserail imenso de Lisboa. Toda á beira da dóca uma balaustrada de marmore, alta e severa, aberta de balaustres, no estylo da praça e mais dos bancos de pedra que lá pozeram ha pouco, sob as arvores. Em toda a muralha e rampados do embarcadero que lá vêmos e pertence á primitiva traça

pombalina do Terreiro, balaustradas do mesmo typo correriam por todos os rebordos, seguindo os muros parapeitos, bordando as rampas das escadas lateraes e plano inclinado central; e essas balaustradas interrompidas em pontos symetricos por macissos pilares empoleirados d'estatuas colóssaes, sentadas e agrupadas, ao gosto dos rios da Avenida, ou dos grupos alegoricos do pedestal da estatua de D. José—e que alternariam com outras, sustentando, em lanços de bronze, gigantescos faroes d'electricidade ou gaz, conforme fôr. Entre esses grupos seriam mais fornidos e d'expressão apotheotica (elefantes, cavalos, vitórias trombeando, genios meduzares correndo á agua, lutas athleticas de leões e de centauros) todos os que, defrontados do rio, canalisassem os olhos do turista para a contemplação da praça em bloco; *verbigratia* os que sobre a correnteza da muralhaes, marcam a reintrancia ou inflexão d'essa muralha para a dóca, e os que ás bandas do plano inclinado central fizessem avenida até ao terrapleno do Terreiro.

O recinto iluminado e magnificado de obras d'arte, a praça com mais luz, e autorisada uma tenda e *terrasses* para cervejar e sorvetear nos mezes de calor, ahi tornaria o lisboeta a tomar fresco, pelas noites e tardes, n'esse Terreiro do Paço famoso outr'ora, em tempos de D. Maria 1 e D. José, quando era móda *fazer a lage*, como então se dizia, sem nenhum synthaxico pegar, como hoje

péga, quando alguém diz que vae fazer o Campo Grande.

—A ponte sobre os vales da Avenida e rua da Palma, ligando S. Pedro d'Alcantara a Sant'Ana, e esta á Graça ou Monte do Castelo, era uma obra de seguro efeito senografico, gigantesca e pernalta, barrando o ar n'um salto audacioso. Sobre o facto d'estabelecer entre bairros periféricos uma grande circulação, rapida e mais curta, tinha ainda o predicado raro de cortar as casarias monotonas d'esta cidade sem cupulas nem torrelas, com um magnifico jogo de obras d'arte.

Percorrer em manhãs e tardes essa avenida a 80 metros do solo, bordada de passeios e refugios suspensos sobre misulas, vendo por baixo vertiginosamente ferver a bicharia dos bairros pobres, a avenida estender-se em regueiros brancos e verdes, d'asfalto e folhas d'arvores, na estonteação do ar livre, com horisontes de vôo de aguia, seria um d'estes prazeres sybariticos que os cogitadores de chimeras agradeceriam a Deus, como antevisão do paraíso dos maduros. Que vagabundagens por ali, nas noites quentes, perorando no ar pulchro, sobre a madorna bronca do burgo, as velhas questões que fazem chispar o olhito rugoso, de papagaio, de D. Gualdim!

Que curvejos de quedas d'ali a baixo, quando ás aproches da canicula estuga o suicidio os cerebros fracos, a pretexto d'uma firma imitada n'uma letra, ou d'um *monsieur* topado na alcova conjugal

em suspensorios! Essa ponte, sobre os seus pégões de pedra, cyclopicos, cingidos de elevadores para o formigueiro maluco das subidas e descidas, marcaria nos fastos da cidade o advento d'uma epoca novissima, agitada, em que se confundiriam as linguas, como em Babel, sem receio da colera do Senhor!

E como seria forçoso arranjar coração para essa aorta, no ponto de chegada da ponte, adentro dos muros da alcaçova ou cidadela da Lisboa historica, veriamos levantar-se — a vêr o que? — nada menos que um palacio da Alcaçova, não o antigo palacio dos kalifas mouros, remendado e acrescentado desordenadamente pelos reis portuguezes, até D. Sebastião, conforme se lê nos sugestivos apun- tos da *Lisboa Antiga*, mas alguma coiza ofuscante, assim como um gigantesco solar de polychromias e de rendas, ferro e cobre dourado, faiança e mar- more branco, o quer que fosse da cabeça d'esta cidade imensa de colinas, d'esta rainha deitada em que tudo são hombros e joelhos, por falta d'uma corôa heraldica que sobre um morro classico alti- vamente a sagre e lhe dê brilho.

Para que serviria o tal palacio da Alcaçova? diriam.

Para tirar noites e tardes de Lisboa (as do ve- rão principalmente) da pacatez provincial em que os estrangeiros ano apoz ano veem topal-a. Todos dizem que a terra é linda e o clima voluptuoso, apesar da nortada bronchitica e da imundicia le-

vantina; mas que fazer ás noites n'uma terra de gente mazombia e mulheres feias, em que a magia das noites não póde mais gozar-se em esplanadas de cafés e *music-halls*, á beira d'agua, ou ante panoramas exaustantes, sobre corôas de colinas, atirando dinheiro sobre roletas—ou em circos de verão, ouvindo concertos e fundindo na bôca gelados, sob arcadas de colunatas e velarios, em cadeiras de verga polychroma?

Evidentemente falta brindar a cidade com os atrativos e vicios que a gente culta e rica tem por passatempo, pois, além das capitaes não engordarem hoje de virtudes, é certo que um pouco de deboche ativa a civilisação dos povos bisonhos, e é um maravilhoso fator de sugestões. Roleta, mulheres, circos de verão, teatrofones, musica classica, athletica, mascaradas, festas de character pictoresco e popular, tudo isto poderia incluir-se n'um *Yoshiwhara* feerico e colossal, casino e circo, biblioteca e restaurant, velodromo e frontão, hall de concertos e teatro d'opera, n'esse recinto do chamado Castelo de S. Jorge, adentro da cinta de muros onde foi outr'ora o rouqueiro da cidade (e isto sem lhe bulir nas pedras historicas) e hoje gorgulha uma inféta caserna de soldados.

Vestir a montanha toda de cyprestes, cujo destaque decorativo, sobre a casaria, era soberbo, abrir elevadores da cidade baixa até ás portas historicas da muralha, e nos terraplenos erguer o monumental palacio, que fosse uma maravilha d'elegância e

de riqueza, com torres, cupulas, eirados, galerias abertas, varandins, extensas esplanadas; e n'esse isolamento do ar, com toda a cidade em plano inferior de roda da montanha, encher o paraíso de fogos claros nas noites estreladas, de musicas e ruidos festivos, inaugurar n'esse castelo a era da vida alegre, da elegancia copurchic, da chimera azul, do *farniente* intelectual que o forasteiro necessita e o portuguez ignora, e a que se prestaria maravilhosamente a situação unica d'esse morro mirando o deslumbrante estuario do Tejo, a suntuosidade do ar, a diafaneidade do ceu e dos contemplativos montes da outra margem.

Com um Estoril e um Cascaes estação d'inverno e batota cosmopolita, privilegiada conforme o typo da proposta franco-belga de ha seis anos, que afugentou a *pruderie* d'umas pessoinhas tão virtuosas quanto estupidas; com um palacio da Alcaçova subsidiar de diversões menos ruinosas e mais finas: com dois ou tres *corsos*, praças, parques, ageitados mais ou menos á traça monumental, architectural, que deixo dita; com um municipio menos sujo e habitantes mais ciosos do lustre da sua cidade, Lisboa entraria de vez no armorial das capitães vertiginosas onde deliciosamente a vida se grelha no estonteio das quotidianas sensações, e só então haveria motivos para chamar o estrangeiro e reclamar as scintilações do belo sol, que nós não inventámos, e do belo clima, que afinal, cavalheiros—*es una broma colossal*.

Entre os comerciantes, movidos por dois ou tres agentes secretos da Companhia Real, e os engenheiros da direção do Sul e Sueste, pende uma guerra contenda, respeito aos aterros fronteiros da Alfandega, que tem impedido a construção da estação terminal, fluvial, d'estes caminhos de ferro ao governo. Os commerciantes não querem a estação terminal sul e sueste nas trazeiras da alfandega, em terras do esteiro marinho, terraplanadas e amuralhadas pelas obras do porto, á esquerda do Terreiro do Paço, pois dizem que esses terrenos devem povoar-se de depositos alfandegarios, fazendo com o edificio velho da alfandega e anexos jacentes um grande reduto ou cidadela centralizando o trafego e a alma da duana.

Os engenheiros do Sul e Sueste replicam que desde os projetos primeiros d'obras no porto de Lisboa, a estação fluvial da sua linha vem marcada como a construir-se em aterros da alfandega, e não póde sahir d'ali por fórma alguma, já pela comodidade central do ponto, já por os terrenos do Caes do Sodré, para onde os commerciantes querem que a estação vá, não possuirem espaço para os desenvolvimentos e larguezas que uma estação ferro-viaria deve ter. D'ambas as partes mexem-se influencias e ha folhetos e meetings onde cada grupo tenta pôr de seu lado a opinião. É esta a desinvolução surda e malevola d'uma rivalidade que, desde a cessão, á Companhia Real, da linha do Cetil a Vendas Novas, e da frustração de certos

planos d'açambarque, traz a Companhia Real de má vontade contra a sua collega do Sueste. A Companhia Real não póde vêr que o Sul e Sueste avance e pareça ter topado alfim gerencia intelligente. Afizera-se á ideia antiga de a absorver n'uma liquidação ruinosa, a que necessariamente levariam os processos d'administração parada dos seus antigos directores.

Contava com a concessão Cetil inutilisar parte da zona de trafego do Barreiro; e não se cança de, ante o projeto de certas anastomóses da Sul e Sueste, paralelas a linhas suas, protestar e gritar que lhe usurpam direitos e cerceam esferas d'influencia.

A ideia inadiavel da prolongação das linhas do Barreiro até Cacilhas ou Almada, trazendo os comboios á parte mais estreita do Tejo, frente a Lisboa, a 10 ou 12 minutos de travessia maritima da capital, necessariamente desperta na poderosa Companhia Real os antigos rancores, pois, realisada a obra, os sonhos do Cetil carriando a Lisboa a mór parte das mercadorias do Alentejo Medio e Baixo, em fumo vão-se, e visto o desenvolvimento espantoso que este acrescente trará ao Sul e Sueste, não haverá mais meio de pensar em o arruinar e adquirir por tuta e meia. É natural portanto que a pertinacia escandalosa e singular dos commerciantes em não querer a estação em terrenos da alfandega, sirva, sem eles darem por isso, os interesses politicos da Companhia Real, e que mesmo a tei-

nosia dos ministros não tenha outro argumento, sendo a questão dos armazens apenas um rotineiro retexto de gente tarda de ideias e burrialmente ferrada a tradições.

N'uma cidade com fachas de caes que vão desde Belem até Santa Apolonia, a alfandega quazi que não precisa de ter casas, pois ella está, ou deve estar, onde o navio acosta, e rapidamente o aduaneiro corre ao seu mister. Formalidades cumpridas, direitos pagos, não ha depositos do Estado senão para mercadorias não reclamadas, ou de retorno; o commerciante leva a mercadoria para casa, e a deixar a cargo da Alfandega semanas e mezes, como habitualmente succede, por falta de celeridade nos serviços, ou fonce do particular que não quer ter depositos seus... Em verdade iremos que é esta a hora de levar o mercante á orlista e repontão aos bons costumes, e fazer dos serviços alfandegarios alguma coiza de rapido e preciso, segundo o exigem as dispendiosas obras do porto, e o almejado destino de Lisboa cidade-aes da America do Sul; ou se deixamos subsistir a preguiça chamorra da antiga aduana lisboeta, e consentirmos que o mercante prosiga na velhacaria hypocrita de recolher sem dispender, de nada então nos terá valido gastar 20:000 contos, na aspiração de fazer a capital empório de commercio maritimo, visto não sabermos aproveitar despezas feitas, nem transformar os costumes em face das exigencias novas do tráfego commercial.

Mas se é certo que a teimosia dos commerciantes, por bronca, faz suspeitar que por traz d'ela alguma trama a Companhia Real fomenta e móve, não menos descabida parece a ancia que teem os engenheiros do Sul e Sueste em querer já construir a estação terminal nos aterros do caes jacente á Alfandega, sem primeiro trazerem a linha a Cacilhas ou Almada, sem prolongamento logico e natural. Pois verdadeiramente se antolha que a pressa grande deva ser completar quanto antes a linha ferrea entresenhada, vazar as mercadorias d'embarque em caes fronteiros a Lisboa, pôr n'esses caes navios acostáveis desembarcando artigos que se destinem ao interior das terras d'além rio — dar pretexto enfim a que a nossa capital pela outra margem se desdobre, e uma nova cidade, abrangendo desde o pontal de Cacilhas á Trafaria, lentamente alastre á beira d'agua, primeiro em armazens e fabricas e oficinas, logo com casarias e ruas moradias, trepando as lombas dos morros, pinchando aos cimos, quando á affluencia de gente que necessariamente o caminho de ferro trará comsigo, se juntar ess'outra que a mudança do Arsenal de marinha e oficinas subsidiaries, e ainda a da Escola Naval, sua consequencia immediata, n'un futuro mais ou menos proximo certo virão a concentrar na margem esquerda, frente á capital.

E tudo isto daria já para a nova cidade uma migração muito importante, que somada com a

visinhança das vilas e logares que enxameiam no rio d'entre Trafaria e Cacilhas, pôde determinar robustamente o inicio do faubúr novo, da outra grande Lisboa de forjas e martelos, a Lisboa fabril, errissada de chaminés e fumos londrinos, mirando ameaçadoramente, do outro lado da agua, a cidade-côrte em seus volvos d'orgia, seus arcos de gaz e de festanga — do outro lado d'agua, em cujo espelho o labyrintho dos steamers, ao nugir cavo das sereias, encheria de grandeza o porto formidavel.

Acumular portanto na outra margem a Lisboa commercial e fabril, de grande labuta e grande trafego; ir para essa margem empurrando, á formiga, muitas industrias que por Alcantara e Poço do Bispo funcionam no meio de bairros, por elas infétados; desobstruir por uma gradual e lenta transferencia, a beira-mar da Lisboa velha, dos mangares, barracões e feios depositos de mercaderias que ali se ajuntam, vedando ao lisboeta de gemer a margem do seu Tejo: tudo isto significa um desiderato maravilhoso para a beleza da terra e metodisação hygienica da industria, ajudando o desenvolvimento rapido d'uma cidade que com pretensões a chave do Atlantico e paraíso de touristes, ainda não poude sahir das virtudes prohibitivas e velharias confusas de qualquer terra espanhola ou brazileira. Só quando a *Lisboa da outra banda* tomasse desenvolvimento uniforme de cidade, e as duas Lisboas, direita e esquerda,

desenroladas pelas margens do rio, proclamassem urgencia da sua homogenisação n'um todo edilico, é que a ideia da ponte ou pontes monumentaes de 9:000 contos (que já começa a endoidar bestuntos da puericia mandante, amiga de exhibicionismo) deveria ser posta a amadurar, conjuntamente com a do projeto de estação fluvial sul e sueste, cujas obras, a contrario do que oiço, não parecem por agora tão urgentes como a conclusão da vida ferrea até Cacilhas ou Almada (1). Quanto mais présto

(1) Varios, e em epocas diferentes, de 1880 para cá, teem sido os projetos de pontes sonhados para ligar a capital com a margem esquerda do Tejo. É do folheto « Ainda a estação fluvial das linhas do Sul e Sueste » do sr. engenheiro A. Santos Viegas, que extrato a enumeração d'esses projetos:

Em 1888, projeto do americano Lye; vinha a ponte d'Almada ao Thesouro Velho, e ahi ficava a estação de passageiros e mercadorias do Sul e Sueste, com entrada pelo Largo das Duas Igrejas. « A este plano, acrescenta o sr. Santos Viegas, alvitra-se agora acrescentar elevadores que nas alturas do Caes do Sodré transportariam vagon, entre a linha superior e a estação da companhia ». Custaria de 8 a 10:000 contos.

Em 1889: projeto de Bartissol e Scyring, fazendo da estação do Rocio a testa das linhas Sul e Sueste, quando ainda a Companhia Real pensava d'açambarcar os caminhos de ferro do Estado. Custava 9:000 contos, a que opições meticulosas ajuntam mais 1:000 para expropriações.

Em 1890, projeto do engenheiro Proença Vieira, que iria d'Almada a um ponto ao norte da rocha do Conde d'Obidos, seguindo a linha ferrea até cêrca de Campolide.

essa via concluída, mais cedo começará, frente a Lisboa, o centro de crystalisação da nova cidade comercial e fabril que tanto urge. D'ahi, se o Arsenal de marinha sae, como pretendem, do seu

Custava 7:500 contos, mas é possível chegasse a muito mais, visto haver sitios no rio onde as fundações dos pilares iriam até 60 metros de fundo, e no projeto não se faziam calculos explicitamente rigorosos ácerca d'essas fundações.

Depois de 1891 houve mais dois projetos. Um, do fallecido Miguel Paes, de todos os expostos o mais sensato sob o ponto de vista da ligação ferro-viaria, vinha do Pinnhal Novo, onde toda a rede do sul se acha reunida n'um tronco unico, ao espigão do Montijo, e d'ahi, por uma imensa ponte, aos Grilos, fóra da zona da grande navegação do Tejo. N'este sitio, teria a ponte muito menor importancia para a viação ordinaria. A construção seria mais facil, mas a extensão muito maior, devendo o custo exceder pouco mais de 4:000 contos.

Finalmente, o ultimo projeto de travessia do Tejo era a concessão a uma empresa americana, d'uma ponte para peões, carros, « tranways » electricos, e caminho de ferro, entre Almada e o bairro da Lapa, sem bases porém que permitissem avaliar da sua exequibilidade. O sr. Santos Viegas opina (e nós tambem) que a ideia Julio-Vernesca da ponte sobre o Tejo deve deixar-se ás futuras gerações. Não que ela não represente um arrojado e utilissimo melhoramento, mas por ser devorante o custo, e não se deverem adiar outras obras mais urgentes, como a da trazida do caminho de ferro do Sul a Cacilhas ou Almada, e fundação da nova cidade da margem esquerda, em que urge desdobrar, o mais rapidamente possível, a nossa actual Lisboa fabril e comercial.

forte edificio pombalino, deixará disponível um cazarão enormissimo onde em qualquer canto os engenheiros do Sul e Sueste pódem talhar estação avondo, e em ponto centrico, correndo-se por deante do edificio, desde o Terreiro do Paço, como alguém já propoz, uma arcada que alargue o transito da rua do Arsenal para peões, sem ser necessario recorrer a qualquer construção moderna especial.

Não são das menos desagradaveis coizas da grande enseada maritima de Lisboa, essas montanhas pardas da Outra Banda, sem arvores nem casas, e de cujas vertentes a cada passo esbarrondam terras contra o mar. De ha muito, n'outro paiz, essa margem sinistra estaria embelecida e arborisada, cortando-se nas gredas soltas, tratos de terra plana onde correr caes e fazer instalações, cintando de muralhões o resto, e escalonando até ao cimo as terras altas, para as encher de zig-zagues d'estradas, entresachados de residencias de campo ou grandes fabricas. A cordilheira núa, com meia duzia de cazebres branquejando no amarelo ruim das gredas soltas, tem uma apparencia de Africa maldita, que ignobilisa o panorama, encarióca a cidade, dando dos instinctos paysagistas do lúzo, uma ideia das mais frigidias para o conceito d'européu civilisado que ele se dá ares de merecer.

N'este plano de arborisações e plantações florestaes no aro de Lisboa, estariam ainda outras obras pacientes, metódicas e bem largas, com visio a destruir a nota d'aridez que os campos e montanhas melancholicamente põem na paysagem suburbana.

Hoje será um pouco menos sensível a mancha de nudez saharina d'esse aro ou cinta da cidade, desde que os novos bairros esquadriem, pelas courelas e lombas cercanas, os seus retangulos de ruas, espaço fóra... Mas é ainda doloroso e dá uma nota de miseria, sobretudo no verão e primeiros mezes de inverno, esse mapa infindavel das amarelidões da terra ardida do sol, metade sem cultivo, outeirões, valeirões sem arvores nem casas, onde a poeira inféta remoinha, algum canal marca os valados, e só nos talwegs dos montes, como Bemfica, Lumiar e algumas baixas da Penha e Campo Grande, dúzia e meia de hortas e quintarólas burguezas fazem exceção paradisiaca. Essa zona de terras, tão vasta, jacente a uma capital tão populosa, onde abunda o dinheiro, e os comerciantes são quazi todos camponeses, filhos e netos de agricultores, parece incrível não esteja já completamente retalhada e povoada de grandes e pequenas hortas e quintarólas agricolas, de granjas modelos, muradas e cultivadas a primor, quanto o permitem este clima benigno do mar, a facilidade de colocação dos productos hortícolas, e enfim a abundancia d'agua, cuja pesquisa mui rapida se faz com furos artezianos, que da-

riam para irrigar ricamente tão dilatado circuito de campina. Ao redor de Lisboa, kilometros e kilometros, o mesmo abandono da terra melancholisa e choca o viajante. Que absoluta carencia do instinto pantheista, que inconsciencia grosseira do papel da arvore na vida, que ignorancia desdenhosa dos beneficios moraes e estéticos da cultura! Nem grandes parques, nem grandes olivaeas, nem grandes pomares de fruta, ás portas d'uma capital que tudo gasta a preços fabulosos, e por cujo porto os paizes frios lhe poderiam esgotar milhões e milhões de toneladas de frutas e hortaliças! Certos arrabaldes que antigamente foram quintas e explorações agricolas rendosas, como Xabregas, Sacavem, Olivaeas, baixas do cemiterio de S. João, vales de Chelas, Lumiar, Porcalhota, todas as extensões que vão até para além de Loures e Odivelas — Linda a Pastora e Linda a Velha — todas as terras da beira-mar até Carcavelos e até Runa, actualmente, com pequenas exceções, jazem pela mór parte abandonadas e desertas. É uma agonia percorrer as pulverulentas azinhagas caracolando entre essas grandes fazendas taladas e malditas: muros cahidos, oliveiras resecas, casas abandonadas, adegas sem telhado, abegoarias ás figueiras bravas e ás silvas, d'onde parece que alguma guerra civil ou tragedia domestica espectralisaram o horror d'alguma bruxaria ou lenda sanguinaria... Quem entra pelo caminho de ferro a cidade, ou pela via de cintura a circumtorna, é que recebe

em cheio no peito a impressão d'essa aridez desmazelada e marroquina. Ás portas da primeira cidade, tanta fazenda que presumo rica, e que deveria ter acompanhado de perto a evolução agrícola, na elegancia das instalações e modernidade dos aparelhos de cultivo, eil-a ahí jaz entregue a saloios sordidos e rendeiros desamoraveis, sem a exploração direta dos donos, e atestando o quanto ainda mal o portuguez resiste ás indolencias do oriental e do negro, seus ancestrós, e sabe adaptar-se ao seculo europeu!

A arborisação rarissima e nada progressiva, a horticultura cahida e abandonada, pesquisas de agua feitas a medo e pelo processo cachético da nora mourisca, tudo isto revela a rotina rançosa d'uma gente que foge ao trabalho de resultados longinquos, e afeita ao egoismo do lucro immediato, evita por todas as fórmás fazer obra de futuro.

Vae, não seria apenas questão de riqueza productiva, a arborisação e horticultisação de grande parte das terras circumdantes da capital, bem como o parcelamento do que n'elas é grande propriedade, a beneficio das pequenas granjas e granjeios. Era tambem, no ponto especial que nos ocupa, uma questão de hygiene e de beleza.

Não poderão os municipios, nem os governos interferir eficazmente em coizas da administração privada dos cidadãos, e por isso só nos resta aguardar que os donos das terras um dia acordem luci-

dos para sentir de repente a nodoa d'essas stépes quazi tão miseraveis como as de Madrid, e a cercadura de deserto que elas põem n'uma paysagem que, com obrigação de ser encantadora, é das mais solitarias e tristes do paiz.

Entanto certos bocados haveria onde fazer chegar sem perda de tempo, pela ação governativa, a influencia redemptora, civilisadora e benefica da arvore. Esse palacio da Ajuda, no seu alto espriado, mais com o ar d'um quartel, do que afeiçoado a solar de principes e reis... Que mole desgraçosa é aquella, com uma aza incompleta, que ficou de se lhe pôr desde o principio — no meio d'uma aldeola indecente, ao alto d'uma calçada de cazernas, dando sobre descampados onde caducos moinhos servem de montureira a vagabundos? A architettura fria e burocratica, a massa geometricamente enfadonha e sem surpresas... É um palacio real? Por consequencia, logo a primeira coiza seria achar-lhe outro destino, mais actual e social do que esse de servir de sepulchro a uma rainha disponivel. Seguidamente viria completar o palacio, segundo a traça dos architetos primitivos, por fugir ao séstro porco de não acabarmos nada, e serem os edificios publicos umas como atestações morosas da nossa descoordenação moral e social.

O palacio completo, urgia limpar a visinhança

dos casebres e crapulosos pateos que o bordejam, expropriando e demolindo á volta o necessario para ficar o edificio no centro d'alguma esplanada vasta, ou bracieira, que anexada ao Jardim Botanico seria depois murada e gradeada, fazendo-se um parque o mais possivel amplo, com entradas monumentaes aos quatro ventos, a fim de se regularisar depois em volta o terreno para edificações particulares, em vez d'estarem a consentir no sitio ruelas e becos, sem regularidade nem ordem, que cada qual povôa de barracas ignobeis, de montureiras e estabulos, como na mais bisonha aldeia do Alemtejo e Traz-os-Montes.

Assim amplificado e arranjado, o parque do palacio da Ajuda seria um parque publico, para regalo dos moradores dos bairros convizinhos, e nunca exclusivo usufructo realengo, como está sendo a Tapada, que se fechou sob o pretexto futil de ser um bosque d'amor com dryades-bruxos, e Sua Magestade querer ali um viveiro de coelhos para bom prazer das suas corrumaças e chacinas.

Suponhamos que se completavam a aza direita, e as incompletas, do palacio, deixadas sem efeito desde que o cazarão teve fachadas visitaveis, e aposentadoria para a familia real, que era o preciso... Como é fabrica vastissima, na ala que lhe construissem de novo se poderia instalar faustosamente a Biblioteca chamada da Ajuda, anexada d'um museu, onde as coleções de pinturas e obras d'arte sobrantes do adorno dos palacios reaes, estaria ca-

talogada e reunida, ajuntando-se-lhe pouco a pouco tudo quanto fosse vindo, depois de liquidada a questão do açambarque das muitas e variadas obras d'arte do paiz, que desde o... pontificado estético de D. Fernando figuram como propriedade particular da dynastia.

A Biblioteca da Ajuda seria desde logo provida de livros modernos, sem prejuizo da sua rica parte historica e humanistica, e aberta ao publico, especialmente de noite, para educação da numerosa gente popular que por li mora; e cada vez mais crescerá, na medida do alargamento dos novos bairros cercanos, e espessamento d'outros, que como Alcantara e Belem contam numerozo operariado, pequena burocracia e pequena industria, cuja educação literaria e social está completamente por fazer.

De ha muito a Biblioteca da Ajuda, propriedade do Estado e não dos reis, como muita gente cardida, e *mesmo algumas pessoas reaes*, cuida, supõem, reclama ser catalogada e modernizada a bem do publico, em vez de jazer sem leitores, provavelmente n'um estado de limpeza que, se egualar o das outras bibliotecas de Lisboa, a terá em manifesto transe de ser pasto das traças ou monturo da humidade inféta e da poeira. Sem embargo de ter á frente um funcionario illustre e de reputação modelar, a Biblioteca da Ajuda requer uma actualisação e modernisação que a tragam á posse dos seus verdadeiros proprietarios

(o mesmo para as coleções artisticas da Ajuda), e a distanceie quanto possivel das tentações d'al-guma invulneravel grandeza que á primeira urgencia de dinheiro a expeça em lotes aos ferrovelhos de França e d'Inglaterra.

Quando as obras do porto de Lisboa um dia avancem para além de Santa Apollonia, té ao Poço do Bispo ou Sacavem, correndo o caes e regularizando a margem do rio, aterrar-se-hão n'aquelle ponto, tratos imensos d'estuario, onde extensissimas alamedas, parques, bosques, ininterruptamente postos e plantados, proporcionarão á gente arrabaldia, massas de folhas e de sombras, onde, sem prejuizo das fainas commerciaes, possa a população virilisar, salubrisar seus refastelos e *farnientes* hygienicos. Serão kilometros de platanos e d'ailantos, uma verdadeira floresta ribeirinha, em cujas clareiras talhar jardins de creanças, carreiras de tiro, de malha e de chinquillo, campos de *cricket* e *foot-ball*, de que a população operaria tanto necessita, como o demonstram as nuvens de rapazitos tristes e estrumosos que enxameiam nos fócios de laboração fabril da capital, e essa mesma população adulta d'obreiros, meio bestificada, tarda, desagradavel, e que fóra da taberna e da fabrica parece não ter curiosidades nem ancias de honens livres. Coincidirá isto co'a derrocada, ou

pelo menos a larga desbridação dos bairros infetos d'Alfama, Castelo, Mouraria, Alcantara e outros muitos onde a população trabalhadora se comprime, e mais ou menos são montureiras de gente; destruidoras da mocidade e vigor da raça popular. Ao derribar alguns d'estes redutos infames da tuberculose implacavel, não devem os municipios dar ouvidos á arqueologia piegas que em certos bestuntos confunde o respeito das coizas artisticas com a monomania idiota de conservar tudo que é velho; e isto succederia na Alfama, para cujas *recordações historicas* logo esses gansos capitolinos reclamariam talvez salvo-conductos. A verdade é que, salva certa nomenclatura poetica das alfurjas e becos, salvo um ou outro bocado de muralha fernandina e joanina — onde algum cubo ou quadrela serve de mirante ou poleiro a algum quintalorio de burguez pobre — salvo um ou outro edificio, arco ou recanto, valendo mais como reprego senografico do que como amostra architetonica dos seculos que Alfama conta, nada o caduco burgo da Lisboa priméva se póde dizer ostente que, a troco da salubridade dos moradores, valha a pena manter e respeitar. São *recordações* que maiormente não fazem falta á fysionomia historica da terra, e d'onde se sae enojado da porcaria das ruas e das lojas, da insulsez architetonica dos predios, da irremissibilidade anti-hygienica enfim d'aquelle imundo *ghetto* onde pulula uma ralé de gente verde, ossosa, e que parece

xhumada depois de alguns mezes de podridão subterranea.

É minha opinião, e a de todos os medicos que rigorosamente tem escoldrinhado a insalubridade irreparavel d'aquelle verdadeiro monturo medietal, que o bairro de Alfama, como o do Castelo, Santa Apollonia, Mouraria, etc., devem ser por completo arrasados e desfeitos, pois sem essa destruição impossivel se faz tancar tantos sinistros focos da pathogenia complexa que os distingue, assim como emprehender d'um játo o plano de analisação impermeavel, completo, que todo o bairro hygienico necessita antes de tudo, e com a sufficiente escoante para a imundicia não fazer depositos permanentes no sub-solo, já de si secularmente infiltrado e pestilento. Ora quazi toda a população operaria e pobre da capital, isto é, dois terços da total, vive acorada em bairros sem ventilação, e a que tarde ou cedo vem a ser preciso levantar fogo.

Os proprios chamados bairros operarios, ultimamente abertos, são poçanheiras asfixicas, sem ventilação nem graça, em pateos lugubres, terrenos sem refugio e mau acesso, mal expostos, mal calafetados, mal enxutos, com a hygiene função da estupidez dos mestres d'obras, trazida á corda pela negligencia cruel dos senhores...

Desbridar, adentro dos menos caducos e insalubres, avenidas largas e direitas, refundindo a canalisação e inutilizando os fôcos de maior perigo, é talvez processo de conservar alguns, inda algum tempo; outros porém, como Alfama, Castelo, Mouraria, Santa Clara, etc., que remedio dar ao seu rachitismo senil, judengo e mouro, como limpá-os da enterite purulenta que os devasta?

Casas estreitas, mal repartidas, decrepitas, ruas tortuosas onde escassea a luz e o ar, canos insufficientes que estagnam debaixo dos predios, por tempo indefinido, as imundicias e reziduos da vida — lixos, dejectos, que agora sahem pelos barris e canos d'esgoto, e logo tornam pela janela, em poeiras e exhalações do solo e do ar contaminados, ou sob a fórmula de lamas, pela porta, agarrados aos pés dos moradores... Ruas varridas em sêco, ás horas vitaes em que a população inda moureja, ou não varridas nunca, n'uma terra em que a nortada imbecil, todas as tardes faz engulir aos transeuntes o esterco avulso das calçadas mal feitas e dos mac-adams nem petrolados, nem alcatroados, segundo a norma das terras hygienicas... Carroças de lixo a ceu aberto, cheias de buracos e fendas, que por um lado apanham o esterco, e por outro o vão peneirando aos solavancos das rodas, por calçadas cheias de escaninhos... Esgotos horriveis, pestosos urinoes sem desinfeção nem limpeza regular, latrinas no sitio mais escuso e humido das casas, onde os unicos liquidos são ourinas

ou aguas corruptas de cosinha — madeiras podres e soalhos fendidos, por cujas frinchas os detricos infecciosos se anicham, lustres, constituindo nos entresolos outros tantos fócios de cultura — doenças contagiosas que passam, matam e vão renovando os inquilinos, sem que nenhuma desinfeção, pintura ou lavagem regular dos muros e soalho, ao menos socegue o espirito contra a repercussão dos morbos nas novas gerações de moradores... Está contente o leitor? Acaso a telegrafia celere d'esses bairros-gehenas lhe haverá calafriado o espirito quanto ás cloacas que, em nome da arqueologia e da sordidez capitalista, inda servem de abrigo ás populações proletarias, trabalhadoras, famis da capital?!...

Recapitula-se então que se a Lisboa dos ricos, por sua architettura insulsa, é feia á vista, por outro lado a dos pobres, visto os descalabros ignominiosos de que enferma, révolta o coração mais arido e gangoso. É necessario refazel-a dos alicerces aos fundamentos, não pelo séstro de remendar cazebres vesgos e cloacas mortíferas, mas abordando corajosamente o problema de fazer novo, sem desatender um só conselho, nem por economia forrar um só vintem, e bem ao contrario do antigo, dando á physionomia das casas e configuração senográfica dos bairros, o todo possivel de graça desin-

volta, salubridade apetitosa e garridice genuinamente nossa e popular.

Portanto, a primeira coiza é deitar abaixo os burgos malditos; logo drenar o solo das sanias putridas de seculos, lançar a canalisação hermetica, com escoantes ao rio e agua a cachões—ou revertendo os dejectos para montureiras que a chimica trate e inofensive, o que daria por si uma riqueza subsidiar da agricultura suburbana, evitando a infeção da margem do rio, onde tanta gente trabalha, e tanto paquete europeu tem de atracar.

Pódes agora começar, leitor, de coração ligeiro, o bairro novo, a cidade republicana e proletaria, n'este paiz d'oiro-sol, de ceu azul, de golfos palidos, de colinas de greda e nuvens de algodão. Casas pequenas, não é verdade? um piso terreo, quando muito um sobrado mais, de forte pé direito e grandes caixas d'ar sob os soalhos; casas de um morador, dois quando muito, separadas, envoltas d'ar e luz nas quatro faces, seus jardins floreiros e legumeiros, que muritos baixos separem, e onde fôsse facil fiscalisar, sanear, reformar, sem mysterios nem fraudes de hygiene. Construções de tijolo refractario, a almofadas e gregas multicôros, seus rebordos de granito ou cantaria clara nas ombreiras, e quanto possivel modeladas, não é verdade? pelas nossas cazitas plebeas de provincia, as mais typicas e ingenuas, que entretanto algum architêto modernise sem pelin-

rice, mantendo-lhes, adentro da configuração la-  
 orega, as linhas gracios, afixando, que não mascara-  
 ando, como eles costumam fazer, na frontaria  
*alante*, o papel social do edificio. Estaes a vêr  
 como um artista traria do Alemtejo e Algarve e  
 Duas Beiras, a indumentaria estética da cazinha  
 camponia, em pictorescos motivos que por lá an-  
 lam a esmo da colher dos trolhas rudes, levados  
 na tradição poetica dos seculos...

Os muritos brancos da cerca, orlados de rede de  
 adobos, vermelha ou amarela, fazendo como um  
 entremeio de toalha, por cujas malhas cócam tre-  
 padeiras floridas e parraes; cancelas verdes, com  
 os vasos de barro pintados, cheios de flores; logo  
 o *cotage* risonho, airoso, de cortininhas brancas e  
 gaiolas, sua varanda de pau, minhota, nas tra-  
 zeiras, e tendo na platibanda a mesma rede d'ado-  
 bos, mais miuda, sobre um friso de resalto onde  
 brilhasse a esmaltada facha d'azulejos... Logo,  
 ás duas bandas das janelas, os cachorros de pe-  
 dra para mangericos e craveiros: e n'uma ou ou-  
 tra, as gelozias d'armario, salientes sobre a fachada,  
 como os miradores das casas hespanholas — e as  
 chaminés algarvias de resalto, em minarete, em  
 correia de canto, em castelejo, polychromas, ren-  
 dilhadas de *muscharabiehs* d'adobos finos, o tétó de  
 pagode chinez, a data pintada no bojo, entre bo-  
 necos, e no catavento, algum moinho, ou caçador  
 de zinco, em attitude de disparar sobre algum gato  
 ou pardal desprevenido...

Casitas d'estas fariam ruas direitas, largas, com grandes passeios lateraes bordados d'arvores, e ser-lhes-hia permitido instalar bancos á porta, com parreirae alpendrando a frontaria. Na renda, modica, incluir-se-hia uma anuidade permitindo ao inquilino ser senhor da casa ao fim de tempo. Cada bairro teria por centro uma vasta rotunda, servindo de praça maior, ajardinada e iluminada, para concertos e diversões d'ar livre. D'essa rotunda radiariam em estrela as ruas todas, desembocando n'um boulevard quadrado, arborizado a primor, que serviria de circumvalação, tendo nos cantos squares para jardins de creanças, e campos de exercicio e jogos para adultos...

Na rotunda maior, centro de vida civica, estaria a biblioteca publica do bairro, o lactario, a creche, o balneario gratuito, o gymnasio, a egreja, a casa de conferencias e comicios, e enfim a escola, que seria o edificio rico, com, aos dois lados (visto estarmos n'um tempo em que o Estado cria o dever de tomar a creança operaria desde a creche, não a largando mais té restituir á sociedade o homem feito e independente) uma ou outra officina subsidiar, complementar da educação (1).

(1) Não vem a pelo, atenta a epigraphe d'este estudo, pormenorisar sobre os rigores hygienicos a atender na construção, manutenção e salubrisação dos modernos bairros da cidade. Outra vez, com vagar, e em trabalho de mais refletido labor e furia critica, tratarei de Lisboa sob este

Revenho á Lisboa luxuosa, capitalista, official, monumental, a que propriamente estes artigos restringem o assumpto da Lisboa nova, e retomo, se o leitor dá licença, a jeremiada no ponto em que a deixei, chorando, algumas paginas atraz. . .

Com materiaes aliás ricos, com um systema de construção perfeito e solido, é inacreditavel o aspecto de pelintrice e pobreza que muitos d'esses bairros da Lisboa nova entremostam, por falta d'uma integração do elemento prédio, no todo senico, perspetival, da praça ou rua nova em que enfileira.

A architettura exterior dos edificios publicos, das egrejas, dos grandes palacios, é lamentavel de banalidade e insulsez: e os modernos quazi todos peores do que os antigos; fóra do manuelino, de

aspecto milindroso, então dizendo o que a edilidade faz, e o que se poderia exigir que ela fizesse, em materia de hygiene publica e privada. A vergonhosa administração da camara de Lisboa, composta por via de regra de pessoas desarmadas de toda a competencia e interesse para o açambarque das tremendas questões que afétam o municipio, é mais um testemunho infamante da nossa ataxia regressiva, que muito urge tratar, renovando as veriações com homens de tecnica provada e garantida, entre engenheiros, artistas, medicos e homens de categoria financeira, em termos do municipio ser um corpo intensamente administrativo e progressivo, onde não seja facil entrelinhar escrituras, ou desmazelar serviços de limpeza como ahi se vê pela cidade.

que o terremoto deixou poucos bocados, fóra do D. João v, que é um entre Luiz xiv e Luiz xv luxurioso e freiratico, Lisboa não tem nada que vêr-se possa, a não ser o Terreiro do Paço e a jesuitica egreja da Estrela, feita com o dinheiro que o marquez destinava á ponte monumental entre Almada e Lisboa, e o estafermo beato de D. Maria I derreteu em honra dos seus terrores supersticiosos.

A fachada dos templos, sem um tympano de efeito, nem uma hornacina escultada, nem columnatas, nem torres, que triste coiza d'aldeia, que esmadrigado geito de capela de conde de provincia! Estão a reconstruir a Sé, (a boas horas!) creio que sem ideia de por dentro a repõem na primitiva traça romanica, que ela talvez nunca houvesse no todo, pois seria feita aos bocados, com intervalos longos, como quazi todos os grandes edificios religiosos do paiz. Da parte em restauro, tudo é tão pobre que pouco se perderia deixando-a como estava. Capela de Bartholomeu Joannes, abside, claustro, são miseraveis pedaços que qualquer colegiada de vila galega excede em elegancia estrutural e airosa architettura... Gastar dinheiro para obter d'um edificio já mais moderno que antigo, sem um bocado integro, (a não ser talvez a nave centro, se a estucagem nos póde deixar alguma esperanza), quando muito uma exterioridade de teatro, uma silhueta *artista* para bilhete postal, é pagar caro deleites com que maiormente

nada teem as artes monumentaes e o respeito imemorial da tradição.

De semestre em semestre, homens de letras de compleição patriótica e lithiase e optimista exagerada, acordando d'uma catalepsia em que provavelmente os borborygma a propria gloria, veem correndo aos jornaes bramar contra o desleixo de não darmos sepultura heroica aos homens illustres — por desmentir o séstro de em vida os termos deixado ruir de miseria, pasto da injuria soez e da má lingua. Faz-se então nas gazetas um movimento envolvente contra a integridade dos Jeronymos, e cada qual, com um fervor tão patriota como parvo, destempera d'alvitres visando a mutilar e mexer no edificio colosso, que por ter ficado incompleto se entende deva dar fazenda para mangas a todos os remendões românticos de casernas floreadas.

Todos querem na formidavel carcaça, feita para celebrisar uma das grandes epochas da historia, fazer uma salgadeira manuelina, d'onde em salmoura intrigar a curiosidade atonita dos posteros, naturalmente propensos a tomar por oiro todo o metal amarelo que sciñtila. Os primeiros que vieram (o caso de Herculano), achando vasias algumas das maiores salas do mosteiro, para si as tomaram, fechando a porta por dentro, por que

não viesse mais nenhum roncar-lhe á cabeceira. Dois dos maiores (1), e que mais autentico direito haviam de jazer suntuosamente adentro dos veneraveis muros seiscentistas, contentaram-se com um simples braço do cruzeiro; e isto que aos mais deveria servir de lição modesta, não logrou calar em animos vaidosos, pois para Garrett quazi acham pouco, do cruzeiro da egreja, o outro braço, havendo quem peça para João de Deus nada menos que o batisterio todo, alegando não sei que analogias poeticas entre a obra do morto e os batisados!

(1) Restos de Camões e Vasco da Gama, trazidos por benemerencia de Luz Soriano, para o braço direito do cruzeiro. Escusado dizer que os ossos do poeta foram, segundo versão corrente, tirados d'um monte que se achou por debaixo do côro do convento de Sant'Ana, onde estava o carneiro d'uma especie de corporação de sapateiros, que ou ficaria junto á sepultura de poeta, ou d'ela tomou o lugar, por contrato com as freiras ignorantes e pouco dispostas a acatar pobretões no sub-solo da sua egreja. Ainda conforme versões seguidas, o terremoto baralharia as ossadas dos sapateiros, com a de Camões, sendo um superfino extrato d'essa sapataria que habita o plateresco sarcophago dos Jeronymos. Quanto aos restos do Gama, serão provavelmente tão falsos como os outros, apesar do governo os haver comprado a ouro, por umas poucas de vezes o seu peso.

Maravilhoso seria ir alta noite aos Jeronymos, escutar o dialogo d'esses ossos plebeus mofando a credence dos vivos, e fazendo praça da malevolencia do destino, que até na morte se praz burlar o genio desgraçado!

Se bem que eu tenha em pouco o feiticismo do osso, derivada pueril da absurda crença do juízo final, em que reunidas as almas aos corpos, plausível se faz a ideia de ter o esqueleto á mão, lacrado e empacotado, propendo, é certo, um pouco — por ancestralidade poetica, eu sei! acorde do subconsciente ainda não de todo liberto do *mal* religioso — á ideia comunitaria de cercar de respeito as cinzas dos homens illustres, e ter em salgadeira lavrada o fosfato de cal servido na modelação d'algum *meneur* de povos e de seculos.

Guardem-se os ossos pois, se isso é devoção arraigada, mas sem maior alarde dos iniciadores d'essas homenagens, que gostam de sahir d'elas tão celebres como os mortos, nem delirios de magnificencia exhibitiva, que exagerando o merito dos vultos, logo fazem descreer da boa fé do preito que lhes rendem. Garrett, trazido a ocupar um braço da cruz latina dos Jeronymos, fez-me um pouco sorrir de tristeza desdenhosa: é um segundo escritor que só por falta de criterio livre-cambista verosimilmente hombra de primeiro. João de Deus, autor d'um metodo rapido de leitura, e d'uma duzia de poesias da maior pureza e graça lyrica, atravancando o batistério d'uma egreja erguida para padrão de descobertas e conquistas, deixa-me um pouco perplexo sobre o destino a dar a outras cinzas de poetas maiores, e educadores eguaes, bem que olvidados. Este pobre paiz retorico, vivendo de exageros balofos e megalomanias oraes,

quasi grotescas, quando nas crises de epilepsia grandiflora não topa deuses á altura da sua ilusão cavalheiresca, inventa alucinadamente colossos, que se põe a exaltar sem justo meio de senso equitativo.

Convenho em que se guardem honradamente os restos de dois dos maiores poetas portuguezes do seculo XIX, e se escolha ou levante monumento adrede, onde coletivamente a patria albergue as suas glorias autenticas; mas insisto tambem em que os Jeronymos, tendo destino historico, antigo e mais solemne, certo não deve consentir em que o deturpe a cabotinice da pleiade que os quer tornar salchicharia modica d'actuaes. De resvalo em resvalo, sabida a tolerancia da terra, atraz dos talentos medianos, irão os imbecis conselheirados: em pouco, toda a gente se julgará com direito de fazer historicamente, em cuvas heraldicas; e se a nação portugueza não chumba uma grade á volta d'esses muros sagrados, dentro de pouco a percentagem de genios com bonus universal para os Jeronymos será uma representação de todas as réguas que teem tramado este pobre paiz de pataratas.

Tão pouco a intrusão de remendões deverá tolerar-se no pretendido restauro e completação integral do edificio. Sou de parecer que, áparte a fachada principal, bem como o chamado anexo, ha tantissimos anos derruido, nenhum outro trexo do mosteiro deva de ser refundido, ficando a torre

de Cinatti como está, mau grado os gritos de quem provavelmente iria lá fazer outra peor.

Sem duvida a torre de Cinatti perturba um pouco a paz plateresca dos Jeronymos, mas devemos ponderar que primacialmente o edificio nunca pode constituir um todo integro, e que além do que está feito, *estar feito*, tão pouco o paiz póde perder dinheiro e tempo n'estas tentativas impertinentes de monumentalisação, que nunca acertam.

A ideia de transformar Santa Engracia n'uma especie de pantheon de homens illustres tem pelo menos vinte anos de existencia. O sr. Ventura Terra ha pouco a renovou com criteriosa fortuna, logrando que os jornaes lh'a soprassem, que o mesmo não succedeu a quem primeiramente a exprimiu, sem ser ouvido.

Aplaudo a opinião do sr. Ventura Terra no tocante ao acabamento e restauro de Santa Engracia, e estou que cedo ou tarde vingue esse projeto, que imperiosamente impõe magnificencia classica, elegancia robusta e patricia grandeza, não rematando a basilica ahí com quaesquer campanarios d'aldeota, ou quaesquer abobadilhas pifias de armazem. O acabamento e restauro de Santa Engracia devem seguir a traça de suntuosidade fria com que os primitivos fundadores a edificaram; e o architecto precisará achar, para prolongação d'aquelas móles, fórmãs que espiritualmente afusem e subtilisem para o ceu a ideia d'espírito vitorioso que o monumento é chamado a consa-

grar. Mostra-nos a planta de Santa Engracia, ao centro, uma rotunda de lobulos, tendo nos pontos cardeaes, corpos de base quadrada, macissos, que evidentemente se destinavam a torres, como a rotunda central a ser coberta por um zimborio de thiara, ou grande cupula semi-espherica.

Prolongar as torres em elegantes agulhas ou pontas de lança, como o seculo xvii hespanhol as viu, galhardamente airozas, resahindo de cupulas onde lucarnas, olhos de boi, balaustradas de fogareus e estatuelas, renovam d'egreja para igreja a fantasia inexgotavel d'aquela verdadeira raça architectonica; coroar a rotunda com uma cupula de volta baixa, redonda e pujante, que recorde S. Pedro, e sobre que alguma Vitoria ou Fama arroje os vôos; substituir por dentro as almofadas de marmore e as esculturas estragadas: eis ahi nas linhas mães o bloco de restauração para adaptar Santa Engracia ao seu novo destino, isto sobre a laicisação completa do edificio, e o afastamento de toda a sorte de nojos funebres com que o mysticismo christão desvirtua a morte, e não convém se misturem á ideia essencialmente olympica e triunfal de Pantheon. Uma vêz Santa Engracia instalada, seria feita a distribuição das jazidas sem alarde de grandes espaços e grandes tumbas, n'uma equalitaria e para assim dizer symetrica apostura, pois se para cada despojo vamos a destinar capela inteira, melhor será levar para a Cordoaria o *Podridero* dos nossos imortaes.

Entre os edificios modernos, de proporções monumentaes, como a recente Escola Medica, continua o desastre architectonico na linha de casarões pejados da tradição conventual que encheu os outros lisboetas de casernas de frades e frontarias de egrejas jesuiticas. É o peso desgracioso das massas: é a nudez das frontarias, symmetricamente esburacadas; o modelo eterno da janela de tympanos curvos, do seculo XVII italiano; os estreitos atrios, as claustradas mesquinhas, os corredores de carcere, sem luz: a inharmonia de proporção e distribuição de corpos e molduras—todo esse ar forreta e arapozado, sem invenção, sem graça, que faz cahir os braços de tristeza, e desilude sobre o que poderia ser, n'uma terra inteligente e de luz tão linda, a criação artistica de architectos que tivessem talento e se decidissem a vêr por conta propria.

D'ahi, como se não bastasse estarmos em terra onde a classe dirigente, conselheiral e cretinoide, não se importa, ainda por cima a miseria estética se agrava com os desmazelos da gerencia. Na Escola Medica estavam gastos até fevereiro ultimo (1) cerca de mil contos, faltando ainda estuques e grande parte da decoração interior do edificio. Como achassemos exorbitante o preço, uma voz categorica afirmou que poderia ter sahido mais

(1) De 1906.

em conta, se o ministro, em dois anos de crise obreira, não tivesse pago trezentos e cinquenta contos de réis de jornaes, a operarios a quem não mandava fornecer materiaes de construção (1).

— De sorte que estão ali 350 contos roubados ao Estado, a beneficio d'ociosos que durante dois anos estiveram deitados, a fumar; *não saindo o fiscal (sic) do escriptorio, mezes inteiros, por não poder reprimir essa relaxação auctorizada!!!*

E este desperdicio é nada, se repararmos n'outros mais vultuosos e infamantes, que encobrirão, Deus sabe, mais estupendas roubalheiras.

Sabem quanto se gastou em estacaria para os alicerces do lyceu, na cerca de Jesus? DUZENTOS CONTOS — para o projeto de edificar ali, logo haver sido abandonado! Na estacaria e fundações do palacio de justiça, á Avenida? Cerca de TREZENTOS, e lá foi o terreno vendido em lotes, para edificações particulares! Na do palacio dos correios, ao Aterro? Cerca de OITENTA, e já cederam terreno para a Obra... *humoristica*, dos tuberculosos!

É um nunca findar de malandrices e relaxes, quando se pensa que ninguem pede contas, e qualquer borra-botas alçado pela maçonaria politica á ingerencia superior d'estes imbroglios, põe e dispõe como seu, a coberto de inqueritos, visto a porcaria das mãos de eguaes e superiores.

(1) Rigorosamente verdadeiro, como tudo o que aqui se relatar.

Temos, e teremos sempre, municípios inaptos para saberem amar com amor de artistas esta ineluzível capital entregue em suas mãos, pois raras as vereações são cultas, d'essa cultura especial que impõe pontos de vista, e atira o espirito para além das comessinhas questiunculas de roupa suja e de narmita.

Podia ao menos o municipio ter um conselho ou junta de peritos artistas, com vista á monumentalisação da rua e correjimento estético da terra, e que em ocasiões d'aperto mesmo, chamasse os literatos, os artistas, o publico, a dar parecer sobre estas questões de portico, que a final de contas são de todos.

Mas onde é que esse conselho existe, na Parroquia? Onde é que a ação d'esses peritos artistas se revela?

Nas escandalosas tolerancias — talvez nas luvas — na estupidez cerval com que tem deixado encher-se a capital d'órriveis crimes de bom gosto, quando bastaria, para as edificações totaes dos nossos bairros, ter-se formado um plano geral, canalizando os esforços de proprietarios e architetos, para a sua gradual, integral resolução.

Edificio algum, por modesto que fôsse o seu destino, a camara devia deixar erguer coimo peça architetonica isolada; nenhuma rua ou praça nova deveriam traçar d'acaso, fóra da sua integração a um todo uno, de sorte a evitar ao *touriste* esses corredores de ruas angostas e torcidas, essas pla-

zoletas de curral, esses predios caixotes, que por toda a cidade são a vergonha dos naturaes intelligentes, dando ao contrario ás novas construções, senografias de linhas largas, perspetivaes, projeções estruturaes de massas d'arte, que de fundo senico servissem a esta vida moderna, tão chata, fria, triste, e que nenhuma ilusão artistica liberta da grilheta cruciante do *for lijé*.

As estatuas, os chafarizes, os lagos, os repuxos, que barafunda imbecil, que magnificencia cagadócia, que monumentalidade galhofeira! Este é verdadeiramente o paiz onde já a civilisação da Europa pantanisa, emergindo em aleijões de parodia, da barbaria da Africa berbère. Aqui todos os haustos da raça branca, contempladora, seus delirios d'azul, suas febres de projeção no romanesco e no anormal, ao repercutirem-se na mulataria portugueza, degeneram em bugiarias grotescas, em mascaradas d'aringa e de sanzala. Que Cuniculos apostolos do povo, que Zés Esteves artistas da palavra, que Queirózes em casa das moças, e que Sousas Martins em casa de Caifás, tentam exprimir, na rijeza do bronze, a gratidão ausente d'uma multidão bestificada, pelo braço d'uma escultura mimando apenas gestos de teatro! São um Pom bal d'esta laia e um Camilo assim destrambelhado as miguelangices propicias que os jornaes já pégar d'assoprar?

Uma coiza vos digo, e é que as estatuas perdoam-se só quando, ao exaltar genios autenticos

onjuntamente sejam obras imortaes. Se a estatuua é má, logo achincalha a memoria que ia destinada a celebrar: e *hay que romper algo, hijos mios!* Se boa, o transeunte pára, mesmo em paiz sem culto civico, e o mais burgesso admira e quer saber.

Uma coiza seria entre nós novidade, e valeria a pena ensaiar em bairro ou rua architeticamente regida pela fórma integral que atraz deixei: e viha a ser aproveitar as estatuas de homens ilustres como elemento decorativo, pondo-as em quinas cortadas de predios, á entrada d'avenidas... os estudantes falando de tribunas, debruçados: os escriptores fazendo leituras publicas, do alto d'escadas, dos porticos... e teria isto a vantagem de cortar a continuidade das paredes, dar aos mortos uma impressão de presença sobre os vivos, misturando a realidade á beleza augusta do sonho, que a obra de arte, genuina, syntetisa...

Insisto pois nas duas ou tres ideias reflexas deste latim cantado a surdos-mudos:

1.<sup>a</sup> Deve um conselho tecnico, tendo por vogaes consultores todas as pessoas de provado gosto e cultura artistica do reino, intervir na escolha e adocção do typo architetonico de todas as construções a fazer nas ruas de Lisboa e cidades mais importantes do paiz, sujeitando-se os proprietarios

a respeitar escrupulosamente o criterio e disposições d'esse conselho, visto a liberdade consentida até hoje não ter dado senão construções aleijadas e monotonas, mau grado a riqueza dos materiaes e inegualavel pericia dos nossos canteiros e alvaneós.

2.<sup>a</sup> Esse conselho não autorisaria projeto algum de rua, de que conjuntamente, em bloco, não erguesse planta e alçado architectonico, creando o todo sob pontos de vista que, mesmo não sendo de riqueza, guardassem ao menos elegancia artistica, de sorte a formar uma peça graciosa e de senografia homogenea, em vez de só constar, como até hoje, de bocados contraditorios e amarranados.

3.<sup>a</sup> Se em vez de rua, fôr o traçado d'um bairro, deve o conselho atender á configuração e sita do terreno, partido senografico a tirar, destaque de massas estruturaes, perspetivas, silhuetas pictorescas, em guiza de praças e ruas obedecerem a uma ideia de conjunto (praças angulares ou squares nos cantos do terreno, a que venham ruas radiando em estrela d'um *mirab* ou rotunda centro, etc.), e nunca deixar a formação d'essas coizas ao acaso da compra de terras, ao egoismo dos senhores, á matitez asnal dos praticões, á pesporrencia do engenheiro e lethargia do municipio, pois é do livre jogo d'estes elementos daninhos que tem resultado a vergonha dos modernos bairros de Lisboa

4.<sup>a</sup> Devem-se educar os architotos, d'estudantes no proposito de crearem a casa portugueza, de ci-

lade, praia ou campo, que é uma coiza de que em todos os paizes se trata, menos no nosso. Os mais ignorantes conhecem que não houve nunca uma architectura nacional, mas prevêem tambem que ao radicarem-se em terra luza, as estrangeiras, pouco a pouco foram sofrendo o influxo d'architetos e mestres d'obras locaes, com mira de as adaptarem ás necessidades do solo e clima, á influencia anterior ou tradição, á natureza e resistencia dos materiaes: enfim a tantos dos variados factores que entamente foram dessegmentando d'estylos ditos classicos, variantes regionaes, em geral leves, mas tambem por vezes profundas a ponto d'elas se constituirem quazi em estylos novos, embora imperfeitamente definidos.

Reunir d'um cyclo ou periodo architetonica as variantes por onde um edificio construido em Portugal chega a se distinguir do seu similar europeu; estudar se essas variantes teem o sufficiente relevo para um architecto de imaginação e talento fazer com elas um edificio de fysionomia portugueza; partir d'esse typo de edificio para uma serie de tentativas d'outros, sucessivamente estyliados e creados na observancia rigorosa d'aquellas mesmas variantes; e isto mezes e anos, obsessão de mestres e discipulos, tarefa inflexivel, desde a escola até á morte — eis ahi, meus amigos, a maneira vagarosa e facil de se chegar a uma autonomia architetonica, de se crear um typo nosso de edificio, d'atingirmos esse ideal de casa, flôr

patricia da terra, sugestão synergica da paysagem, imagem intelectualisada da vida, a que inflexivelmente propende o homem fino, livre, culto, e sem a consecução da qual a vida não é mais que um espairecer de pária vagabundo.

Porque, meus amados irmãos, já o nosso Ramalho deve ter dito, com a classica bravura aphorismal: «quem não móra, não pensa».

# EXPOSIÇÃO SILVA GOUVEIA

(ARTE DEMOCRATISADA)

Nas salas do fotografo Bobone, junto a S. Carlos, abriu o senhor Silva Gouveia uma pequena exposição das suas obras d'escultura, onde fomos achar um interessante caso d'artista ignorado n'um meio onde a unica arte de carreira é talvez a arte de furto.

A exposição Silva Gouveia consta de *bibelots d'etagére*, de meio palmo d'altura, um palmo o maximo, em bronze, gesso ou terra cota, todos com uma linha d'anotação humoristica e modernismo mordente que tornam esse mundo de bonequinhos e fantóches uma humorada que comove delicadamente a alma, e faz sorrir.

O senhor Silva Gouveia estudou e viveu em Paris bastantes anos, hi cultivando essa aptidão picante d'imaginario minuscuro e d'observador caricatural que lhe permitem revelar como fundo de todas as personalidades que enfóca, té nas de raça

mais alta e envergadura mais complexa, nada menos que o macaco de Darwin, nosso glorioso antecessor.

—O macaco de Darwin!

E isto sem documentações nem textos scientificos, apenas com uma leve deslocação proposital da linha animica, uma fuga ligeira, para mais ou para menos, do fóco cycloide do gesto, do recorte ou zig-zague do perfil: artificios sob que ele imprime character, com uma arte de fisionomista ironico, d'annotador trocista, muito de felicitar em portuguez—sabido como em coizas d'espírito seja o portuguez o typo acabado e porcaz do massador.

Convenho em que talvez não seja grande arte, nem escultura mesmo, esta série de *pantins* de gabinete, mas devo dizer que a grande escultura é uma coiza de que em Portugal se está servindo gente para sugar de mortos illustres, lasquinhas d'exhibismo bacoco em seu favor.

Por outro lado, sendo a feição do nosso tempo, democratica, e tendo-se democratisado ao maximo, a ponto de quazi se tornarem patrimonio comum, os trabalhos do espirito, com surpresa vêmos a escultura e pintura d'oleo permanecerem n'um pé d'aristocracia quo as isóla em palacios de ricos, galerias de museus e edificios publicos monumentaes: que o mesmo vale tornal-as parasitas da riqueza, apodrecel-as em covas onde ninguem pôde sentil-as como arte, e enfim pôl-as em apanagio da

pompa official, a peor das mortes, quando como entre nós o mundo official é a caterva tonta que se vê.

De feito, em burguezias pobres e multidões operarias sem bolsilho, quem póde trazer a esculptura de 500\$000 réis e o quadro de 90\$000 ou 100\$000 (limites minimos de preço) á intimidade d'uma salinha pobre onde rezida um morador intelligente?

Seria necessario reduzir ao centesimo o preço das obras, para as poder vulgarisar na convivencia dos humildes, dar á esculptura e pintura papéis na vida domestica, para as tornar função primordial, social, da educação.

E comprehende-se que enquanto o culto das artes não descer aos infinitamente pequenos da existencia, enquanto não estiver no papel que forra a casa, no recosto da cadeira, no pé da banca, na sobreporta modesta, na padieira e na balaustrada da varanda, na faiança da mêza, na cercadura do mantel, nos cabos do talher, no rodapé, no friso, no candieiro e no *abatjour*, no estofa da bata, no apanhado da cortina, no lampeão da rua, na fachada do predio, na perspectiva da praça, na senografia do parque, na estatua publica e na fonte, no banco de square, no toldo do balcão, na mancha harmoniosa do cartaz, no disposto da vitrine, na beleza da gente, na graça do dizer, na

elegancia do vestir... enquanto a arte assim não fôr aspirando, resuscitando em cada homem, do macaco civilizado, o ser olympico, superhumano, completo, ideal d'espiritualidade e força viril para que tende todo esse imenso esforço seletional do homem moderno, não poderá ela ser, como a sciencia e já uma ou outra arte democratica, ex: a musica, um factor cultural de fina ponta, um dissipador solar de sombras e avantesmas. E esta conquista formidavel, a democratização das artes sob os aspectos duplos do embelecimento da vida e nobilitação do ser moral, é que convém, n'estas sociedades pretas, burras, brancas, iniciar, violentar, realisar, a todo o transe!

Os artistas, os personagens de gosto, os escritores estétas, se por ventura os ha n'este pequeno rincão da Barbaria — não teem até hoje podido ou querido vêr esta necessidade instante de transformação e redenção. Apegados a ideias velhas, cheios de romanticas preocupações de gloria sem trabalho, que ninguem, absolutamente ninguem póde alcançar só pelos meritos (pois até agora ainda não appareceram espiritos de criação vasta e potente, missionarios organizadores capazes de marcar caminho ás tendencias desorientadas dos muito poucos que se ocupam de beleza, e lançar no espirito publico correntes d'uma conversão geral por via estéta) os nossos escultores e pintores apenas logram vida d'amadores, que não d'artistas, porque as encomendas faltam para obras com caracter

de grande arte, e a feira das exposições é uma feira sem freguezes, onde dez horas de pincel sobre dois palmos de lona custam 300\$000 réis, enquanto um livro de 400 paginas a muito custo alcança o mesmo preço, chegando a levar um ano ou mais a escrever! D'aqui resulta para esses artistas meia vida d'ociosidade, durante a qual o character se azeda, o *savoir faire* se embota, e o estro, pequeno ou grande, da conceção, se imbecilisa. Ha assim escultores e pintores, tendo gasto pelo estrangeiro bastantes anos, e que ao fim de tres estatuas e seis quadros, já pêcos de nascença, desaparecem, coitados, para algum canto de provincia ou escola industrial, sem ninguem se importar do destino que levaram! Não se convencerão um dia esses pobres bichos d'artistas, que mesmo para o orgulho do nome e recompensa pingue do trabalho, preferivel se faz industrialisar o officio um pouco, descer á rua a encontrar para a arte papel social que a reintegre no quotidiano da vida, do que ficar para sempre á espera que os Julios II do Pateo do Thorel, e os Leões X do Largo d'Andaluz, se lembrem de fazer para os Medicis mais tumulos, e para a Capela Sixtina mais frescos onde a Renascença do Largo de S. Francisco dê patadas nos astros e ponha n'um chinelo velho a italiana?

Quantos mediocres paysagistas d'oleo que dariam por exemplo, senografos excelentes! Quantos pintores de historia, catracegos da historia, e que seriam compositores delicados de cartazes, decora-

dores muraes de lojas e salões, ou sequer desenhistas coloristas de grandes senas para papeis de forrar casas! Escultores obtusos para prestar cenho heroico a uma figura, e toda a vida iludidos no minguante d'uma immortalidade que os escorrega e repulsa da grande arte, cegos que vem, pobretes, que não reparam que melhor seria entrarem de modeladores d'ornato architetonico, ceramistas, ornemanistas de bastões, ferro forjado, entalhadura de moveis, lavrataria e escultura preciosa, ou sequer *bibelotistas*—artezinhas subsidiarias que talvez os fizessem ricos, e onde mesmo poderiam dar mestres insignes, tão celebres e tão altos como os mais gloriosos da pleiade universal.

Ora por este caminho da arte democratisada enveredou, com mui sympathico criterio, o senhor escultor Silva Gouveia, que tendo comprehendido d'instinto a impossibilidade de vir a ser autor do *Moysés*, de Miguel Angelo, preferiu legisladores somenos, atirando-se ao nosso Ramalho, ao nosso Eça, ao nosso Teixeira Lopes e ao nosso Hintze Ribeiro, cujos transcendentales halos, imortales poses, e até picarescos stygmata, soube dar com fortuna, em figuritas pulantes *d'etagére*. Entre os predicados d'esta escultura de palmo, ha um que pondo os invejosos de bem co'a gloria cedida aos vultos, de caminho outorga a estes a altura justa que na historia do progresso humano lhes convem.

Para uma estatueta de palmo podemos todos olhar com amorosa ternura e agradecida sympathia; para uma estatua grande de dois metros, além da sombra que ela nos faça, e do bronze ou do gesso inutil que emprega, já o sentimento d'encaro é outro, porque o gigante morto que olhamos tem o ar d'estar separado de nós por sete seculos.

Outras estatuetas de fantasia, como a *Pintora deante do quadro*, a *Viajante*, a *Costureira do faubourg*, o *Bandolinista*, *A Ama Parisiense*, o *Grupo de leitoras*, *Pardaes*, *O cão brincando*, o *Satyro*, etc., do senhor Silva Gouveia, são pictorescos apuntes de carteira onde ele consegue apanhar no decurso da sua vadiagem d'estudante, aqui, além, pequenos typos flagrantes da inquieta bohemia parisiense. A observação por vêzes justa, o tom ligeiro, francez, do humorismo terno de certas silhuetas, fazem diagnosticar n'este atrahente artista um futuro Grévin de typos luzitanos, colecionando e fixando com espirito os infinitamente pequenos da rua, a caricatura dos *comos* anatomicos e dos *porquês* fisiologicos da esmadrigada raça nacional. E n'esta esteira deve o senhor Silva Gouveia proseguir, porque o serviço que ele presta levando o *bibelot* a casinhas pobres, é mil vêzes mais eficaz á cultura publica do que todas as estatuas pomposas e vazias de que maiormente estão cheias as praças, museus e edificios publicos de Lisboa.



## O AFONSINHO... D'ALBUQUERQUE

---

Eu fui dos muitos que o entusiasmo dynastico levou ao postigo do Arsenal, a vêr embarcar o infante, e dos que vendo o Ferreira d'Almeida, de chanfana, a fazer serviço de porteiro, menos se surprehendeu do ministro em seu ministerio desenvolver de preferencia iniciativas para que mais sentia vocação.

Encontrára a alteza no Aterro em carro a quatro, de guarda-pó no kepi, a espada em papel de seda, com o barbante ainda da capelista, e a mãzinha de lilaz, tão nova, e tantos embrulhos de pasteis e cavalinhos de pau na almofada, que dado o ar infantil, ou coiza parecida, do comandante, disse comigo «a expedição d'esta vêz sáe-nos barata, pois segundo vejo é com soldados de chumbo e botes de papel». Muito admirado fiquei ao lêr nos jornaes que eram seiscentos homens, artilharia, infantaria, com peças de verdades, espingardas de verdades, e verdadeiros cartuchos, cheios de pol-

vora e bala, em vêz d'especiones. Entregar tanta gente, na India, a uma alteza a quem na Avenida se não pódem confiar duas pilecas! . . . E na minha ingenua candura, apertando as mãos na cabeça: « Senhor! a menos que os filhos dos reis não venham omniscientes já do ventre das rainhas, como é que este artilheiro amator nos aparece assim de repente diplomata, estrategico e sufocador de revoluções? » Ha o precedente do Enes, mas esse ao menos lá tem os *Lazaristas*, um drama — de combate. Ao passo que o Afonsinho, amores, que obra apresenta? Todos os doze mêzes fazer anos, em cada ano atropelar pessôas que nem um elevador, e a garrafal dedicatoria « *Há çua Juaquina, o çeu Affonço* » que as obriga todas a se chamarem Joaquinas, e é talvez das suas obras de balistica, a que melhor acerta, na gramatica.

Por consequencia, ou a expedição é uma burla forjada para marcialisar, *tant bien que mal* um filho segundo, aborrecido de cocheiro e sem vocação para marido, ou sendo aventura séria, haverão que prover a orelha do guerreiro d'um espirito santo. Ora esse inspirador, suprimida a mania de heroicisar irmãos de reis, que desde D. Pedro v faz a comedia das pavorosas coloniaes inventadas para cobrir de gloria as passeatas alcoolicas dos infantes, poderia mui bem ser o verdadeiro e unico chefe autentico da expedição contra os marathas, e d'esta fórma o governo evitava duas coizas: a despeza que o Afonsinho custa, e a desmoralisação

que é confiar seiscentos homens a um joven narciso preocupado apenas de mulheres. Porque afinal quem me garante o futuro d'um homem, senão o seu passado, e o que eu conheço da sua iniciativa nos tres reinos do sentir, do querer e do pensar? Não se escolhem para espinhosas missões, personagens apenas elegantes e hereditariamente propensos a fazer da ociosidade um módo de subir. A chancela do nascimento não faz chefes, nem cria heroes a consanguinidade repetida entre vergon-teas de raças onde a hysteria e a sífilis torce-ram a integridade intelectual e moral das descen-dencias. A historia do Afonsinho é a de quazi todos os filhos de familias ricas ou nobilitadas da capital, jovens criminaes inconsientes que a gente vê aos magotes, com focinhos de coelhos e polai-nas brancas, na batota e sodomias da cidadela de Cascaes, em S. Carlos, ás tardes na Avenida, ou bebendo orchatas no *terrasse* do café francez da estação. Servem pra isto: gastar os figurinos ridi-culos dos alfaiates, entreter a caixa dos teatros e dos restaurants de noite, bater pilecas, cornear maridos, e dessiminar a estupidez e a sífilis por todos os cantos do copurchic. De quando em quando fazem a um d'elles secretario d'embaixada, diretor geral, agente financial, consul ou raptor aconselhado d'alguma rica herdeira da rua Au-gusta ou do Brazil. Indaga-se na Arcada: o rapaz não sabe lêr, ou é uma besta, ou tem instintos de gatuno, mas o rei pediu por o ter visto pegar um

bezerro em Vendas Novas, ou o Mó, coitado, foi ao Estoril dizer uma palavrinha ao anjo caridoso, ou foi o João Franco, para apanhar o voto do tio do rapaz no conselho d'Estado — estratagemas, módos d'aposentar o marialva cretino e gafo no obituario moral que é a sociedade medrante sob o systema pulha que nos rége.

Reconsideremos então que a investidura militar do Afonsinho não póde ser senão historia aplicada. Era preciso meter na biografia apenas digestiva d'esse pandego, episodio verosimilhando o chanfalho de Nun'Alvares nas mãos boleeiras sequer do moço condestabre; e então, podendo-se-lhe escolher nas expedições da Guiné, de Timor, Moçambique e Lourenço Marques, qualquer aventura séria, qualquer posição cavalheirosa onde um valente rapaz, *no seu lojar*, sem atropelar ninguém, colher trofeus, preferiram arranjar-lhe antes glorias a seco, expedições militares da *Nituche*, ida vistosa, jornada farta, a volta garantida, inventando essa famosa excursão contra os marathas que um governador sufoca em vinte dias, e para a qual o sr. comandante vae ocupando no vapor, seis aposentos, com biblioteca (!), dez creados, e — certo por engano de carga — caixotes de Porto ás rumas e nenhuma provisão de munições!

Diabo! Os generaes são produtos d'estudo e d'aptidões. Um decreto do Festas, por basto fluido telepatico poreje, jámais poderá enxertar o Saldanha no Lagoia; que esperanças pôr então na tatica

de quem só tem dado batalhas entre os Inglezinhos e S. Roque?...

Deixassem o Afonsinho para o que nasceu socialmente, inteiro e puro no seu papel de mano do reinante. Neto de Pedro II e de D. João VI, sobrinho do D. Augusto, tendo tido o Martens Ferrão das perdizes por aio, e por professores o Alves de Sousa filosofo e o Justino Soares dançarino, que havia d'ele dar senão um batedor? O sangue fratricida do amulatado carrasco d'Afonso VI, a velhacaria medrosa do pseudo-marido de Carlota Joaquina, a gelatinosa bonhomia pateta do D. Augusto, emulsionadas em gral saboiano não podiam gerar por si nem militares, nem diplomatas, nem artistas, nem gentlemen, e quando muito, uma educação cuidadosa que o infante não teve, e uma cultura profunda que o seu intellecto não comporta, lá teriam realisado a silhueta, o arremedo sequer corticular d'alguma d'aquelas feições especiaes do *charmeur* de gentes, unicas capazes de salvar do ridiculo os principes que não reinam, nem teem dinheiro para se fazer perdoar o logar de parasitas da corôa. O pobre Afonsinho não teve infelizmente nada a auxiliar-o: nem seleções intellectuaes e moraes de nascimento, nem trabalhos sólidos de cultura, nem cuidados d'educação, que n'ele haveriam de ser mais aturados, por lhe combater as enervancias do sangue, e a grosseria estranha dos instinctos. A sua obtusidade é celebre entre os que lhe quizeram meter no cáco

alguma coiza. Quando o mathematico Cunha lhe lecionava algebra, aconteceu chegarem aos numeros primos. S. alteza que ouvia as explicações, de velocipede, desatou a rir como um possesso.

—Numeros primos! Você está doido, Cunha? Primos, só homens.

Riu o professor, riu a rainha, e na proxima ordem do exercito despacharam-no alferes d'artilharia.

—Oh Costa, dizia ele em Cascaes para o ajudante; o nome d'aquela homensinho é Junior. não é?

Enquanto adolescente, a sua figura cendrada e um pouco espessa d'alemãosito italiano, resalva pela graça as linhas bossaes do Bragança degenerado, que chegando á obesidade dos trinta, ou se bestifica em debboxes, ou cáe nas manhas desfructadoras de D. Maria II e D. Luiz. Pouco a pouco porém, com os estygmas da idade, que aos quarenta anos, na dynastia de João IV acentuam já decrepitude, essas frescuras e desempenos vem cahindo: olhos, murados, sem pensamento, reluzem apenas á vibração d'apetites chulos e entretenimentos infantis: no desenho chavoso das mãos corre a buena-dicha d'um homem que se não fôr príncipe iria preso, por não saber ganhar a vida—bôca, de baby, sorri babando uma aravia d'infancia, aborrecida e sem viveza; e quanto á testa d' mau humor, com carne de porco espessando-lhe dureza dos sobrolhõs, é como lapide onde o pouc

caracter d'um organismo bronco, sequestrado pelo mimo á sociabilidade e á massagem saluberrima do struggle, está traçado em linhas tortuosas.

Assim chega aos trinta anos sem estrutura viril, sem gymnastica mental, não podendo pensar, mal-sabendo lêr por cima, detestando mulheres que não sejam fêmeas, convívios delicados, leituras, artes, coizas superiores, ideias finas; bondoso, mas com a timidez feróz do homem que ficou rudimentar, ingenuidades de recruta, pasto d'instintos e sensações tornadas ferózes por falta d'instrução e abuso do poder. Já isto explica o seu gosto especial de mulheres servidas, sua mysantropia de bicho, seu amor de carros e cavalos, e suas alterações com carroceiros. N'um banquete da Ajuda, desabotoando a farda, dizia para a dama «p.... que está calôr, condessa!». Eis a sua galantaria. Em materias d'amor, a celebre carta escrita em Paris a uma velhaca, tem revelações de bolsa e alma capazes d'encavacar um furriel. Passa entretanto por artilheiro ousado, dos que chamam serventes, posto arguido de fazer pontaria de joelhos, e por fraqueza hereditaria, moroso no tiro e entornador da carga antes de fogo. Vêzes succede ir representar o rei n'alguma solenidade imperial ou real das côrtes estrangeiras, e ali, hospedado nos paços, incluído na familiaridade dos grandes, S. alteza em vêz de pela juvenildade garbosa dar aos soberanos e diplomatas uma impressão de vivacidade portugueza, cavalheirosa, espirituosa,

cheia de sympathias efusivas, surge ao contrario como um Perú velho doente, o penacho cahido como um monco, beiçola de preto, dedos fazendo bólinhas, e tão sensaborão, tão encavacado, tão aggressivo, tão nulo, que mau grado as *contenances* da etiqueta um grande frio se faz de roda d'ele, e teem os ajudantes d'explicar que é uma enterite cronica que o devasta.

A sua intelligencia é uma coiza morosa, entalada entre esquecimentos de palavras, puxada á sirga por intrejeições de petintal, e tão aleijada de senso, tão puerilmente janota, que nenhum homem d'ideias lhe suporta a conversação por mais de meia hora, e qualquer senhora periga em confiar-se sósinha ás arriscadas... franquezas da sua galantaria militar.

Talvez por isso as tentativas de casal-o não dessem resultado; colombo d'estirpe regia repulsa para esposo aquella especie de conde de Santa Maria, vasconço, e de mais a mais sem dote; crescendo que o semen de Bragança tem polas casas reaes tal vóz de ruindade, que os paizes monarchicos em querendo presumptivos, tratam mas é de deitar ás rainhas algum d'aqueles chupados principes consortes que a Alemanha exporta, de sócos, seguidos por um aio preguista que traz as cartas de padreação, visadas por Bismark.

## COELHO NETTO

---

O nome de Coelho Netto, que tem no Brazil uma repercussão de gloria tranquila, segura, feita em artigos de jornal, peças e livros, só ha pouco tempo entre nós entrou, com o *Sertão*, a alvorejar na pleiade dos escriptores primaciaes e triunfantes.

Não conheço de Coelho Netto a obra em bloco para a poder apreciar com segurança; as minhas leituras alcançam apenas tres ou quatro volumes seus, d'epoca vária, e que por fôrma alguma demarcam, d'essa obra, na curva d'evolução, pontos *d'étape* a que referir algumas das categoricas crises do seu espirito. Portanto o meu juizo em pouco ou nada póde elucidar sobre o escriptor, e repintará, quando muito uma impressão de leitura recente, significando a *entente* cordeal, intellectual, de dois homens de letras da mesma familia, separados por um acaso de mar entre rincões fronteiros de continente.

Coelho Netto é a *avis rara* que, segundo me

dizem, tem conseguido viver de produção literaria, stenografada em lingua portugueza. Facto tão estranho, que em Portugal mal póde ser comprehendido, visto a literatura entre nós não ter valor negociavel, e ser para meia duzia uma fôrma d'ostracismo, e um pretexto de *faineantise* para o resto. Ignoro como o Brazil remunera os seus homens de letras: é certo que alguns ahi vivem do que escrevem, e cuido que essa remuneração lhes garanta de sobejo o passadio, e mesmo umas quantas larguezas indispensaveis aos que necessitam alimentar a imaginação d'imagens fulgidas, e não estar á mercê de subserviencias financeiras, ou sejam, para o escriptor, das escravidões peores da vida ambiente. Em todos os paizes onde a diffusão da cultura e a área da lingua falada fazem presumir para a produção literaria, escaça venda tem os governos cuidado d'agazalhar a vida dos escriptores (falo dos escriptores cuja obra represente benemerencia e se indigite como serviço civic de qualquer monta), reservando-lhes, *sem elepedirem*, logares em harmonia com as suas predileções, talentos e especialidade de trabalhos, e mais absoluto abrigo das flutuações do caciquismo ultra-tunante.

Cadeiras em escolas d'arte e d'industria, direcções e inspectorias de bibliotecas, archivos e museus, missões ás colonias e paizes estrangeiros par livros d'informação e divulgação de pontos d'estudo interessantes... tudo isto seriam cargos a da

a homens de letras, se a sofreguidão dos partidos os não revertesse á vadiagem dos seus socios, e a razão dos empregos não fosse o visco obrigado para interessar na politica os bachareis sem domicilio.

As condições em que entre nós estão, perante o publico e as exigencias crescentes da vida social, os escriptores e pensadores portuguezes, são de longa data nefandas e humilhantes, e cumpre transformal-as e alargal-as, creando para os que escrevem publico e successo, a atmosfera de carinho, a independencia moral e a liberdade d'ação que a intellectualidade precisa para nas gerações exercer papel pontifical.

Creando para os homens de letras publico e successo... E ajuntarei: cria-se publico, *começando pelo principio*, isto é, fazendo:

1.º—Dã campanha do ensino primario obrigatorio, uma cruzada santa, prégada entre as medidas de salvação publica, como entre nós já deveriam tel-o sido as da sífilis, do alcoolismo, da lepra, as da assistencia á maternidade e primeira infancia, a dos engeitados (que os municipios desleixam, colaborando cynicamente na morte de oito a dez mil creanças anuaes), e como d'inicio quiz ser a

da tuberculose, hoje reduzida pouco menos que a uma sinecura de doutores.

Claro que enquanto só um sexto da população total do paiz souber lêr, as pessoas amigas de livros quedarão reduzidas á cifra miserrima de duas ou tres mil, e não poderá haver em Portugal literatura ou arte, independentes. Culpados d'este marasma tragico, são todos. São os partidos avançados, o republicano á frente (se por avançado ainda o teem certas pessoas), que sem a comprehensão elevada do seu destino, em vêz de se crearem como partidos d'educação e reforma social, buscando refazer pela base o portuguez, creando o cidadão, do que tratam é de borrar n'ele os ultimos restos de respeito, e d'explorar no bandalho que fica, o galopim.

E mais que todos, os partidos rotativos, associações pela mór parte digestivas, que não curam senão de multiplicar os cargos e lhes chuchurubiar os rebitos, permitindo em silencio, intra-muros dos seus coios, todas as especies de burlas e vergonhas.

A estes ultimos grupos, pela posse perpetua do mando, cabem primordialmente as culpas da miseria mental e moral da nossa terra; e poderemos, acima d'elles, atribuil-as tambem ao chefe do Estado, que com a força tradicional que tem, ou teve, e dia a dia estupidamente está perdendo, bem podia entre esta sociedade corroída ter um papel de cenho nobre e d'iniciativa generosa (fosse elle um cerebro!) e afinal passa a vida em pescas e caçadas, chaci-

nando seres que se escrevessem artigos teriam de lhe lançar em rosto os instintos carniceiros.

N'um paiz, onde toda a gente tivesse, como na Suecia e Noruega e quazi todas as provincias da Alemanha, bastaria só a cultura literaria radiada do ensino elementar, já seria facil,

2.º—Propagar e desenvolver entre as classes pobres o gosto pelas leituras, e o amor dos livros, o que permitiria exigir,

3.º—O livro barato, o livro que ainda entre nós tem preços de luxo, como os logares de teatro, e aclimar e propagar entre a multidão o gosto das publicações periodicas, das illustrações e magazines educativos, dos desenhos muraes, etc., e por ventura um dia sahir d'ahi para as democratisações ruskinianas da arte, até aos mais pequenos detalhes da indumentaria caseira e municipal. Para se vêr o nenhum caso que as instancias officiaes fazem da instrução popular, considere-se o papel da nossa Academia, que tem por presidente o rei, que faz troça «dos sabios», e o sr. Hintze Ribeiro que é quazi analfabeto. Ha duas duzias ou tres de esplendidos livros antigos, sobre historia, conquistas e viagens, que n'outra terra fariam a base das bibliotecas classicas populares, e andariam espalhadas em edições illustradas, comentadas e quazi

gratuitas, por todas as mãos portuguezas curiosas da vida ancestral do seu paiz.

Qualquer portuguez que queira haver á mão alguns d'esses bons livros, haverá que os caçar pelos leilões, a preços de judeu, ou tem d'ir procural-os a bibliotecas publicas que só existem em duas ou tres grandes cidades. *Lendas da India*, *Peregrinações* de Fernão Mendes, *Chronicas* de Fernão Lopes, Pina, Rezende, Barros, Couto, Goes, a *Historia tragico-maritima*, alguns poetas de cyclo quinhentista e seiscentista, e quejandos, não ha meio de os poder espalhar ás mãos cheias pelo povo, que em compensação conhece o *Rocamboles* e a reportage infamissima que sobre crimes e vida privada quotidianamente lhe subministram nos jornaes uns figurões que lá dão a nota da grosseria d'instintos do povinho, e do estado intelectual e moral das classes dirigentes. Se alguém pergunta por que é que a Academia não divulga em edições baratas esses belos livros de educação publica, tabernaculos da gloria portugueza, ninguem atina com resposta a dar, satisfatoria. Que faz, para que serve a Academia? Não ha vestigios da sua ação na vida colectiva. É uma agencia de sonambulos parasitando na gloria de traduzir em vasconço os reclames das farmacias estrangeiras.

4.º — Aos remedios que cito conviria juntar ess'outro de se desenvolver e alargar o mercado

literario pelas colonias migratorias da Africa, da India e da America (Brazil e Estados Unidos do Norte), onde achariamos valiosos nucleos de nacionalidade portugueza, dispostos e atentos sempre para a vida da mãe patria, como os possuem e exploram os hespanhoes em todos os cantos do mundo onde a sua magnifica lingua se fala.

Subindo de dois ou tres mil, a vinte mil o numero d'exemplares vendidos d'uma obra d'escriptor portuguez de certo cunho, o que não seria espanto, alargando-se a cultura publica e o amor do livro, já a independencia moral e a liberdade d'ação dos homens de pena seria coiza de contar. Uma e outra se escóram, em sociedades comodistas como a nossa, primeiramente sobre a força defensiva do dinheiro, que não é tal um metal vil como os pelintras dizem, senão um maravilhoso sangue rutilo e forçoso, bom ou mau segundo a mão que o junta e o espirito fructifero que o espárge; e em segundo logar na convicção formal do papel alto que exerce quem paira acima d'uma grande *élite* social, subministrando-lhe ideias ou planos de conducta, interferindo-lhe nos destinos, guiando-a d'alto, no meio dos respeitos d'uma turba convicta, unica que marcha, pois sem convicção não ha obra perduravel. O dinheiro é, n'estas sociedades que assediam pela fome, o preservativo mais forte contra as tentações malsãs do espirito e do corpo. Por detraz da muralha que ele apruma, constroe o homem o seu ninho defezo ás algaradas da inveja

traíçoeira. É necessario dal-o a ganhar a quem trabalha, e em dóze do trabalho ser um prazer vital, nunca um ergastulo, e da obra da civilisação ser uma obra d'alegria, prenhada nos evohés da intelligencia e na hilarancia da robustez intacta e triunfante.

Ora, uma coiza pergunto a mim mesmo: porque é que recebendo entre nós, por exemplo, o pintor, o escultor, o architecto, dois, quatro, seis contos de réis por uma obra que, como dispendio mental e duração de trabalho equivale, no melhor caso, o livro d'um novelista ou a peça d'um dramaturgo, não hão-de estes ultimos ser pagos pelo estalão d'aqueles, continuando na ignominia de produzir volumes e peças que os editores e os teatros pagam, termo medio (e sempre a escriptores de nome feito) pela miseria de dois ou tres centos de mil réis, regateados?

Acaso não é o trabalho literario uma elocubração d'essencia superior como o artistico? Não vale o livro a estatua, o quadro, o edificio? Porque hão-de então os escriptores ser as vitimas do publico que preocupam, instruem e divertem? e porque ha-de a sua vida profissional resvalar, para os que insistem em viver da pena, n'uma miseria humilhante e n'uma dependencia despreziva?

O resultado d'este ostracismo injusto é o seguinte: os escriptores de talento, se podem, mudam d'oficio, vão-se, porque a escrever ninguem lhes garante a gerarchia; e se não podem nem

teem coragem para abordar as labutas da vida d'ação, acabam por amordaçar uns restos d'altivez, por curvar a cabeça á canga, por aceitar os pequeninos misteres da literatice comezinha: revistécas de damas charadísticas, juizos do ano e contos de meia libra para suplementos literarios, campanhas de *moralidade* ou difamação pessoal por conta de terceiros, ou sobre o Joelho comedias e novelas que os colegas reclamam, os editores pagam aos poucos, e toda a gente manda passear.

Trata-se de creaturas com representação social no meio, que é exigente, e que para haverem o necessario, salvo uma ou outra, farão tudo, principalmente se tudo lhes fôr pedido sem melindre das fórmulas e apparencias, que é do que em Portugal quazi toda a gente se preocupa. Vae n'isto uma cobardia de character, uma falta de coordenação moral que logo dão a rez comunitaria preferindo os internatos da familia, da secretaria, do regimento e do partido politico, que a dispense do esforço de ganhar a vida, aos nobres impetos e aventurosas occurrencias da vida d'iniciativa, onde o homem responde pelo que faz, e todas as ancias do espirito encontram livre expansão para exercer-se.

Em geral todo o trabalho mal pago leva a desestimal-o o proprio obreiro, que acaba por falcatruar o produto, augmentando, para ganhar o preciso, á custa da qualidade, a produção. É o que frequentemente succede n'este areal da literatura

portugueza. Escriptores dos ultimos tempos, vivos ou mortos, não direi todos: os que insistem em viver da escripta, suam livros á hora, de fancaria chilra, para publicos sem critica, nos quaes se é deploravelmente ferido por um industrialismo pifio e por uma falta de sinceridade e independencia. Outros que derivam no jornalismo e na politica, para ganhar a vida, enquanto o premio gordo não chega, fazem indistintamente tudo, reportagem, artigos de fundo, obstrucionismo, discursos, relatorios, e inutilisam-se n'uma banalidade que lhes não deixa migalha de faculdade resistente.

Pois a menos que o pobre autor não tenha consigo um principio indomito que o faça ao mesmo tempo autor e publico, juiz e reu do que produz, (facto em Portugal tão raro, que bem se póde dizer que não existe) a verdade é que tudo contribue entre nós a abandalhar o talento e tornar a profissão d'escrever n'uma especie d'atafona para desclassificados sociaes.

Não ha critica que refreie os desmandos e dê as médias da tendencia filosofica pairante.

Criticos são os amigos, os inimigos, os compadres ou os cumplices. A diatribe ou o reclame suprem por via de regra, sobre a obra, o artigo analytico. Qualquer pequeno exito suscita invejas que se traduzem em difamações de café e crapulosas verrinas de jornal. Como a bohemia das letras não péde folha corrida aos que a frequentam, acontece insinuarem-se na turba dos escrevinhantes, alcateas

l'aventureiros que a título de proletários da intelligencia e paladinos da justiça, são apenas matoilles insofridos e mestres cantores de profissão.

Apar de não haver critica, não ha publico. Como já disse, em Portugal ninguem lê, e raros são lucidos, os poucos que soletram, porque quazi todos sofrem d'uma falha cerebral do instinto estético, quazi todos carecem de vida ideal, e dir-se-iam sonambulós, fóra dos seus negocios ou dos seus flatos...

Ora sem publico e sem critica, isto é, sem di-theiro que isóle o escriptor das dependencias do pão quotidiano, e sem espirito filosofico que prenda o livro efemero á consciencia social e á obra da civilisação, nenhuma literatura poderá viver vida liberta, e acontece o que entre nós ha muito se vem dando, venho a dizer que salvo o caso d'uns tantos, os escriptores portuguezes são diréta ou indiretamente os serventuarios frivolos de dez ou doze despotas grotescos que fazem tudo em Lisboa, este porque acena com logares, aquele porque acena com candidaturas, um porque faz os despos do rei, o outro por ser dono ou *comis-voyageur* d'empresas poderosas.

O homem melhor armado d'energias, talentos e diplomas, se acaso aspira a um posto qualquer, humilde ou alto, fica sem ele por força, se exclusivamente o confia da justiça, em vêz de rojar-se á proteção d'algun dos dez ou doze grotescos mandarins. Ora como sem a chancela d'eles nada se

apanha, acontece que pra lhes ganhar as graças ha que lhes sofrer primeiro o cerimonial de vice-reis; e cuidado que as palavras que digas, as opiniões que tenhas, a prosa que escrevas, os camaradas com quem andes, não vão desagradar á presidenta hermafrodita, ao maricafédes da côrte, ao chefe de partido ou ao chefe de serralho, pois molestado o magnate, passarias o resto da vida por secretarias e concursos, afogado em papel selado e vendo passar-te por cima todos os acomodatícios sarrafações da mesma pretendença.

Quem de perto examina a estrutura dos nossos grupos politicos e maneira como em todos os quadros officiaes se vem fazendo ha muito as provisões, présto repara na quazi completa ausencia do elemento intelectual nos cargos dirigentes. É uma guerra d'estreminio feita pelo elemento official, discursador, bacharelesco, ao elemento intelectual, que em todos os paizes costuma ser preponderante. Provirá de não existirem verdadeiros intellectuaes em Portugal, ou d'elles se terem deixado apagar e vencer pela esperteza mercante do cacique e filho de cacique, que lhes foi tomando o passo a pouco e pouco?

Olha-se para a bancada d'um ministerio, não se vê ninguem que os livros elevassem, um escriptor um grande professor, um jornalista d'ideias, um

cerebro d'exceção creado pelo poder ascencional do proprio cerebro — é tudo bacharelótes de provincia, dentistas de carro com a velhacaria patética da escola discursal da Porta Ferrea, sujeitinhos astutos, cynicos, poupados, que fazem da carreira politica um internato, como o dos militares e o dos amanuenses, com a agravante porém do pulso livre, que é por onde a candonga do officio rende, e por onde a promoção ao generalato mais depressa arvora o titere em gigantón. Nas circumjancias do rei, a mesma aridez de cácos ressecos, a ponto d'efétivamente parecer que S. M. deteste os intellectuaes que não cantem o fado ou saibam ficar indifferentes ás suas petas athleticas e ás suas pescas milagrosas.

O rei D. Luiz, que, fosse o que fosse, tinha ainda a bôa sombra d'um principe, sabia por suas predileções de literato e astutas ronhas ir buscar ao cerebral onde o topasse, e fazer d'ele ao menos um camarada de cavaco, quando não podia tornalo em seu adépto. Era ainda o tempo em que a historia dos reinados se escrevia em frases menos sumarias do que a que costuma dizer o papagaio, e em que na enxurrada dos politicos, d'envoltas nos nomes dos ultimos marinheiros e militares das revoluções e guerras liberaes, brilhavam os dess'outra gente feita nas batalhas da cathedra, do livro e do jornal, que melhor ou peor foram Magalhães Coutinho, Mendes Leal, Latino, Chagas, Fradesso, Aguiar, Antonio de Serpa, Corvo,

João Chrisostomo, Mariano, Thomaz Ribeiro e tantos outros amigos pessoases do rei, que ao recebê-los não folheava a lista negra, nem lhes cozia ao peito veneras com que secretamente se gabava de galardoar poucas vergonhas. Em nossos dias, posto o monarcha inda seja, no dizer das mensagens, um sábio, e homens de todas as categorias exornem de brilhos pulchros o throno de Salomão rei dos Algarves, o certo é que só os d'acentuado typo cerebral faltam na ronda. Bastantes livros nacionaes tomam, estou certo, com dedicatorias ofuscantes, o caminho dos paços: ha pouco, certa novela de capa branca, remetida de vespera, teve a fortuna de servir d'alvo ás pontarias reaes, n'um dos palacios...

Um periodista inglez vindo pelo centenario da India a Lisboa, dizia-me á volta de Cascaes, onde fôra visitar a cidadela:

— A residencia real é modesta e sympathica; gostos d'artista sem a menor ostentação; certo habita o logar um espirito inteligente... porém... porém...

E como eu levantasse os olhos ao adverbio dudoso, o homem, calmo:

— ... para que deixar vêr a estrangeiros, no gabinete do rei, rumas de pornografia franceza romances de porcarias, leituras de *cocotte*, que nem sequer teem espirito, e dão, na mais favoravel hypothese, uma ideia tão futil do character?

Olhando bem para dentro do espirito das coisas, vê-se que por um lado a intellectualidade portugueza, sem papel, n'uma quadra de mercantes e fura-vidas, foi-se abandalhando e cahindo té ao nivel rasteiro em que se vê, e por outro lado, n'uma sociedade fundada de roda e á imitação do parasitismo d'uma familia, o elemento psychico, proposital e laboriosamente expurgado dá direção superior do paiz, não convém torne ao comando, o que importaria a remoção do monturo a que já alguém no parlamento chamou « Sublime Porta ».

Ao rei não convém que esse elemento intelectual tome o governo, pois o pouquissimo que existe, e o que viesse, não fariam senão diminuir-lhe a intervenção pessoal e enfraquecer-lhe o poder, que está sendo uma das chagas da nação. Tam pouco ele conviria aos gabinetes rotativos, que não poderiam mais viver de chapeladas, nem atropelar as leis a beneficio d'uma classe obesa de privilegios, que põe a saque os cofres publicos.

Não conviria ao commercio, que mancomunado c'os reis e gabinetes, falcatrúa a seu gosto os generos que vende e os preços por que rouba, a ponto de se não poder viver em Portugal. Não conviria aos padres, que são os eternos colaboradores da parvoíce credula e da ignorancia intolerante. Não conviria ao exercito, que, espalhada a cultura, não teria mais no soldado um apoio passivo das extor-

sões da classe dirigente. Finalmente, até não conviria aos republicanos, que deixariam de poder iludir os incautos co'as declamações estereis dos seus programas e jornaes.

Estes oitenta e tres por cento d'analfabetos são pois a garantia mais solida do systema; bulir-lhes é atentar contra as instituições, e a rotundidade farisaica, porque o monstro podia acordar com veleidades de partilha, e o burguez regalão não quer restituir o patrimonio que usurpou.

Como salvar então o paiz d'este marasmo lugubre que o morde?

Começai pelos intellectuaes.

Libertai-os da servidão do memorial, da servidão do chefe politico, do banqueiro, do preguista, da casa de hospedes, do proprietario de jornal e do editor—de todas as peias de conveniencia, acquiescencia e subserviencia que em Portugal prendem os braços e inutilisam em massa gerações e gerações de pobres diabos. Libertai-os da literatura franceza que eles pasticham e que os corrompe pedindo aos nossos amigos inglezes, uma vez que o lusitano não cria e tem de ser, perante os frutos da civilisação, uma especie de macaco imitador, a unica coiza que a aliança saberia dar-nos d'util isto é, em aprendermos d'ela um certo numero de praticas de vida, a vigorosa hygiene, o culto he

roico da força, a tenacidade no esforço, a poesia do amor casto e fecundo, o cultivo d'ideias poucas mas d'escolha, e finalmente esse forte sentimento de solidariedade civica que leva o inglez a fundar a Inglaterra onde quer viva—que tudo isto vislumbra na literatura dos seus romancistas, ensaistas e filosofos, e são virtudes de raça a que esse grande paiz deve o melhor da sua hegemonia mundial, e nós bem poderíamos dever a hombridade que nos falta, e a cessação d'este feitio de moiros sordidos e de mulatos libertos que o estrangeiro adevinha até no portuguez civilisado. Fazei o trabalhador da pena, independente, desamarrado dos interesses e dos aféctos, apto a vêr d'alto a vida e os seus assumptos: que só assim cabeças fortes podem gerar ideias sãs, e a intellectualidade logra retomar nas sociedades o seu lugar de força dirigente. E a reintegração do pensador e do escritor no papel de *meneur* de turbas amorfas, só n'esta terra o dinheiro a poderia iniciar.

Subir na página em guiza do trabalho das letras ser em Portugal vida vivivel, é dar principio a uma era de regeneração social muito de vêr. Não pela literatura e sciencia presentes, que áparte uns nomes, é a mais triste pagina d'incuria, mas pelos que partiram e poderiam voltar, e ainda e principalmente por esse numero maior dos presentes e futuros, que cerebralmente aptos a dizer algo, preferirão calar-se e imergir n'outro genero de buscas laboriosas, ou quedar-se em fundos silenciosos

de sonho, indifferentes á bestificação crescente dá volta, como esses deuzes de pedra que com um gesto podem sustar a ruina de cidades, e todavia gozam, na immobilidade olympica, o seu formidavel dom destruidor. Subir na pága, equiparar por exemplo a fêria dos escriptores á dos escultores e architetos, á dos embaixadores e consules geraes, que já assim o trabalho d'ideias será uma occupação alegre e digna dos degenerados superiores que os avanços da vida teem collocado, como chefes e augures, na testeira dos povos progressivos. Enquanto porém não surge esse numero publico que pague em fôrma o trabalho das letras (e aos intellectuaes cumpria ha muito terem feito da instrução primaria obrigatoria uma cruzada incessante, severamente exigida do rei e dos governos, com penas fortes, impostas sobre os paes, os inspectores e professores, em casos de desobediencia ou falcatrua), ainda e por outra fôrma poderiam os escriptores remediar sua penuria, suprimindo o intermediario e editando-se eles mesmos, em cooperativa ou isolados, ou reclamando enfim dos editores uma partilha maior de lucros na obra vendavel.

Porque o que antigos habitos de bohemia fizeram das relações commerciaes entre escriptor e editor, é uma das mais odiosas fôrmas de despotismo que ainda resgistraram as efemerides do capital nas suas relações com o trabalho.

Para a mór parte dos escritores portuguezes

a produção literaria é ainda uma especie d'artigo licencioso e fóra da lei, que seria vergonha aduzir como módo de vida, ganha pão e officio, e pelo qual é indecente pedir a sombra d'um tostão. Os individuos que incorrem a munificencia de pôr em letra d'imprensa aquelles productos da primacialidade cerebral dos pobres diabos, continuam a não ser para eles uns traficantes de mercadoria negociavel, como outros quaesquer, suscetiveis de por ela se locupletarem e enriquecerem, como os moageiros e taberneiros, senão lhes apparecem na fantasia proletaria a geito d'uns olympicos Mecenas que já baixam da sua categoria pondo-se de medeadores entre publico e homens de letras, quanto mais partilharem com eles a esportula vil que essa vergonhosa ação lhes possa dar!

Esta subserviencia vem ainda do tempo em que poetas e cronistas eram aves domesticas da ucharia dos fidalgos, e serviam d'adorno e riso nas côrtes barbaras e bossaes dos ricos e dos grandes, de cujo parasitismo sordido o literato portuguez se não conseguiu de todo emancipar. Ha em bastantes d'elles a reminiscencia proxima d'esses dias d'escravos e cães rasteiros, d'essa castração moral d'assalariados e de bobos, que ainda agora lhes não deixa tomar posse de si mesmos, e impôr vigorosamente a missão pinacular a que nos modernos tempos o talento é destinado.

D'ondè provém a desestima do nosso homem de letras por si mesmo?

De duas convicções n'ele arreigadas.

*Primeira:* a obtusidade do meio catequisante. Se na nação portugueza houvesse o que chamariamos forças aglutinantes de raça, espirito de solidariedade, a consciencia d'um destino historico-social em via evolutiva, já pensadores e escriptores, reflexo d'essa familia politica, seriam como os inglezes, os noruegueses, os francezes, organismos autonomos e completos, pensando pelo seu proprio digesto, em vêz de na mór parte andarem a pedir ajuda aos volumitos francezes de tres francos.

*Segunda:* o seu pouco valor prosilétista, por falta d'um preparo sério, — preparo muscular (á literatura portugueza falta-lhe vigor); preparo intelectual, cultura literaria e sientifica profundas, a impedir que as letras sigam vivendo de farrapos oratorios e romanticos (1), d'imaginações sédiças (2),

(1) Reparar na literatura da mór parte dos escriptores portuguezes, em verso e proza: são quazi tudo oradores, perdendo paginas e paginas em soliloquios interminaveis, o que é uma das razões da insuportavel monotonia.

(2) Haja vista o vocabulario pobre, e o arsenal d'imagens e comparações poeticas reinante. Ouvir falar o povo e vêr correr-lhes dos labios rozarios de frases imaginosas e d'expressões cheias de graça, é desencantar-se a gente da pretenciosa segura da mór parte dos nossos escriptores, que

de cultos caducos transmitidos de cór <sup>(1)</sup>, de paes a filhos, sem reservas d'estudo que lhes permitam renovarem-se, espiritualisaram-se, *desasnarem-se*, em vêz de quotidianamente serem pabulo das exautorações do publico insatisfeito.

divorciados das plenas fontes da vida patria, teem reduzido a lingua a um miseravel dialecto.

Tam pouco as renovações sociaes intensas d'este seculo que por toda a parte transformaram a vida, trazendo ás literaturas modernas, ideias, imaginações, assumptos novos, uma poetica nova e uma nova linguagem, em Portugal logram viver na obra escripta, desde o seu játo inicial, porque os homens de letras em geral pouco lidos e nunca preparados para essa missão d'apostolos e renovadores mentaes que a pena lhes incumbe, só muito de tornaviagem costumam refletir algum progresso ou ideal já velho no estrangeiro, quazi que não renovando a lingua, e usando para o arsenal d'imagens e comparações poeticas em verso e proza, ridiculas coizas do guarda-roupa romantico, sem beleza estética, propriedade ou rigor de visão comparativa, como os que comparam, por exemplo, paixões humanas a vulcões, e dizem *labios de romã, olhos de cristal, voz d'oiro*, e equiparam a beleza da mulher a um lyrio, que é como fórmula, dos exemplares mais rigidos e feios da flora ornamental.

(1) Exemplo, os que falando de Garrett, juntam, o *divino*, repetindo a pegajosa adoração do ultra-romantismo. A verdade é que aberta a fronteira para deixar passar os grandes nomes da literatura europea do tempo, Garrett não passa d'um escriptor de segunda ordem, cuja bagagem válida fica reduzida a trexos do *Camões*, do *Frei Luiz de Sousa*, e das *Viagens*.

Estranhos pois a qualquer fito de nacionalidade ou nacionalisação integralista, e por sua educação estrangeira, dispersiva, divorciados do publico que servem, os homens de letras e pensadores portuguezes raro logram interessar a multidão, e ainda menos poderão ser os pórtas-vózes dos seus haustos artisticos, aspirações, tendencias, lutas; e por outro lado, desgeitosos e na mór parte incultos para essa missão messianica de *meneurs*, forçosamente hão-de viver n'uma falsa posição d'intrusos, sofrendo as controversias desdenhosas dos vivos, e apelando platonicamente para uma posteridade que, no dizer de Mirbeau, *não é senão Sarcey continuado*.

Em mãos d'editores, como outr'ora na esturdia dos fidalgos e portarias dos conventos, continuam os homens de letras o seu mester de bohemios, sofrendo que lançarótes os protejam, sem maiormente indagarem o que materialmente lhes custa essa suntuosa proteção. Quem diz editores, entende não só os de livros, como tambem as empresas teatraes e jornalisticas, de que o homem de letras é em geral a vitima obrigada. Tòdos eles se acostumaram a ter nos contratos literarios a parte do juiz no pleito da ostra, e a considerar os homens de letras como cepas de vinha de que só eles colhem os turgidos productos.

Por ventura não chegou ainda a hora d'alarme? ou querem os escriptores continuar a ser os dromedarios sentimentaes d'até aqui?

Um homem de letras probo e amigo da sua

arte, trabalhando conscienciosamente sobre documentações, cuidados de fórma, etc., não vem a produzir mais d'um volume de 300 ou 400 paginas por ano; e porque o trabalho d'escrever é uma coiza absorvente, á qual o trabalhador tem de voltar-se com clausuras benedictinas, todo ao assumpto, hemos convir lhe não sóbre tempo para outras occupações frutuosas, durante aquele prazo.

Dado o habitual na pága dos escriptores, o volume, *tratando-se d'um homem de letras com publico*, render-lhe-ha, termo médio, 300\$000 réis, e só em rarissimos casos 500\$000, caso ele faça valer um nome lampejante. Entra a obra no mercado ao preço de 700 réis por exemplar, e ter-se-ha, supondo uma venda de dois mil, em doze mêzes:

2:000 exemplares a 700 réis .	1:400\$000
Descontos de 30 % para re- vendidas e outros desfal- ques .....	420\$000
Despezas de impressão, pa- pel, etc. ....	300\$000
	<hr/>
Margem de lucros...	780\$000

*Setecentos e oitenta mil réis* a distribuir pelas duas partes contratantes. Supondo que o escriptor perceba 300\$000 réis, ficam 420\$000 para o editor, como premio do seu trabalho de venda, que é mi-

nimo, e d'um empate de capital de 600\$000 réis, durante um ano ou ano e meio!! (1)

Escusado seja encarecer com palavras a injustiça revoltante d'uma tal partilha. É olhar o quadro, logo se advem na urgencia d'acabar com esta maneira despotica de compensar o trabalho intelectual, e dar de mão á cupidez do editor, que não é afinal senão um odioso patrão da peor especie. Claro equacionei o problema nos seus termos modestos, de sorte a deixar supôr que n'um caso d'escriptor com publico e venda excedente aos 2:000 exemplares, as coizas se passem por fórmula ainda mais depressiva para o interesse e brios do pobre-sinho homem de letras.

Não está um caso bonito? O pobre diabo sara-bandeando os neuronios, listrando d'amarelo e vermelho as calças dos periodos, aparando os cálos dos trópos, pondo barretinhas de chifre na cabeça marcial dos adjectivos, enfileirando paginas, coitado, um ano preso á banca do suplicio, a recozer-se, a derreter pra'li os torresmos da psychologia e da syntaxe—sujeito aos juizos deprimentes da turba, á popularidade insultante da rua, ás inso-

(1) Isto dado o caso de se venderem da obra apenas os 2:000 exemplares, o que é um calculo modesto, porque para um livro bem feito, mesmo com os escaços leitores actuaes, a venda póde ir além, e muito além; e maior será quando melhorias de pága incitarem os escriptores ao escrupulo meticoloso das paginas que assignam.

lencias invejosas da critica—e tudo isto para afinal do licoroso melão comer apenas as cascas, e toda a pitança da polpa cantar no buxo do agiota ironico que o edita!

É evidente que havendo 780\$000 réis a repartir por escriptor e editor, ao primeiro pertence, sem contestação e de direito, a maior parte da verba, (punhamos 650\$000 réis, mais do dobro da págá convencional), revertendo o resto ao segundo (sejam 130\$000 réis) como remuneração sufficiente do capital que empáta e do trabalho havido em guiar do fundo da baiúca, pela massa do publico, a distribuição do livro publicado. Eis a justiça stricta, inadiavel, romana, que é necessário fazer a beneficio dos proletarios da intelligencia, se não quizerem as letras puídas em humilhações inda mais vis do que as que ora em dia estão sofrendo.

Porque, reflitam: no pacto entre escriptor e editor, d'onde o livro impresso e á venda resulta, que arrisca o escriptor? Tudo!

O seu trabalho de Lazaro resuscitado, todas as inquietações submarinas do seu genio, um ano de saude e de socego, a sua honra, o seu nome... E o editor?—Apenas o trabalho anonymo, expedito, material, superficial, de realisar em algumas semanas o volume e trazel-o ás montras, e 300\$000 ou 400\$000 réis que a dez por cento teriam já muito feliz colocação.

Por conseguinte a diferença entre a responsabilidade e trabalho dos dois, é flagrantissima. Como

intermediario simples entre homens de letras e publico, o editor só tem direito a uma pága proporcional á intensidade e valor material dos serviços que presta<sup>(1)</sup>. Como auctor e creador da obra, deve pertencer ao escriptor o melhor e maior do que

(1) Ernesto Chardron, que morreu rico e havia fama de pagar largo um manuscrito, dava 30 moedas por cada um dos romances de Camilo, a maior gloria literaria do seculo, incluindo Garrett, e só os ultimos livros lhe foram pagos a 300\$000 réis, como favor á maturidade e plena vóga do seu genio.

Chardron passava por ser o protector incondicional do grande homem, e ainda hoje ha quem ponha Camilo como um parazita roaz da sua bolsa.

Eça de Queiroz, Chagas, Ramalho, Oliveira Martins, não se imagine fossem mais felizes, mau grado terem vindo n'um periodo de maior leitura e quando já os jornaes sopravam as obras em anuncios e artigos de reclamo. Camilo e Chagas que viveram todo o tempo das improvisações da pena (Chagas sómente nos ultimos 15 anos logrou haver da politica alguns benesses) tiveram uma vida quazi de miseria, forçados a « frigir os miolos », como eles diziam, para produzir em condições mercenarias, obrinhas d'improvisação instantanea, mesquinhas para os seus nomes, e pagas a vinte e trinta libras por mariolões d'editores que, fingindo protegel-os, os exploravam.

Quem não viveu exclusivamente de letras, como Eça, Ramalho, Oliveira Martins, etc., lá pode escapar á penuria dos outros seus confrades, e a esse auxilio da burocracia ou de qualquer profissão liberal alguns escriptores devem o aguentar-se na vida, que só com o salario das letras andariam rotos e descalços.

ess'obra em contado represente, sendo tudo o mais uma exploração odiosa, relaxada pela desestima do trabalho mental, e d'onde é mistér sahir a todo o transe.

Alegam agora os editores que nem todos os nomes se vendem, e os lucros exagerados de poucos servem a compensar as perdas dos que lhes ficam nas estantes. A resposta é simples: Os escriptores com publico não podem sacrificar-se aos futuros sucessos problematicos dos não lidos, nem pagar com o seu talento a sensaboria ou a estupidéz dos que melhor fariam botas ou palitos. O editor, se lhe dá prazer armar-se em benemerito das letras e das artes, vá custeando a filaucia do seu bolso, pois melhor fôra a meu vêr editar menos e pagar melhor (que só com isso seleccionaria um pouco o trabalho de escrever), do que fazer das livrarias vazadoiro da sania mental e moral de todos os exhibicionistas do paiz. Mas não vos enteneçais aqui, simplices meus, supondo que os editores hajam por timbre proteger e pagar os 150 poetas na herva, os 90 contistas e os 720 panfletarios que annualmente vem ao mercado estrear as cagadélas de mosca das vitrinas. A verdade é que esses nobres wikings da paróla rytmica ou livre, não percebem dos seus cornácas sequer um puto vinthem para bréjeiros. A chancela da casa editora no frontespicio da obra, eis a suprema graça do industrial masmarro á gloriola dos genios debutantes; mas ainda n'isto a generosidade é letra morta, pois

o que ele quer é aproveitar o giro da obra pra se fazer reclamar gratuitamente.

Por conseguinte...

Urgindo melhorar a situação dos escriptores de livro, dois alvitres ocorrem:

1.º reclamar do editor novas bases de contracto, em termos de o reduzir a um percentagista modesto dos lucros da venda;

2.º suprimir o intermediario (é preferivel), acostumando os homens de letras a serem os editores das proprias obras, como em Hespanha faz Perez Galdós (¹).

Sem dúvida estes alvitres não trazem ainda ao homem de letras o bem estar material que ele precisa, mas era já um principio de melhora, enquanto um publico de compradores numeroso não viesse trazer á profissão litteraria o desafogo financeiro que lhe está dado, pela primacialidade que essa profissão deve exercer.

(¹) Acabamos de vêr a miseravel situação do escriptor perante o editor. Tratámos d'escriptores d'originaes, de homens de letras de verdadeira lotação. Com subalter

nos, escusado dizer que a uzura editorial vae ao garróte, e faz dos pobres escrevinhadores verdadeiros trapos de co-sinha.

— *Verbi-gratia*, tradutores e romancistas de fasciculo popular e folhetim.

Em Portugal as emprezas de romances a fasciculo usam pagar aos tradutores entre 400 á 500 réis por folha de 8 paginas, e espórtula analoga, ou muito proxima, cabe aos interpretes dos raros livros de sciencia e arte, estrangeiros, que o mercado logra vêr. Sei d'um jornal da manhã que dá tres tostões por dia a um pobre diabo que revê as provas de tudo, traduz o folhetim de duas paginas, e não sei se emenda os artigos, se engraixa as botas do redator politico: taréfa d'entrar á noitinha, e largar de lá pela manhã... Ignoro se por gratificação será permittido ao pária, recolher as pontas de cigarro, mas o leitor julgue pela amplitude das págas, a competencia dos tradutores e o espelho fiel que as traduções serão, do texto original! Evidentemente se os editores d'esses livros e os proprietarios d'esses jornaes, em vez d'agiotas broncos, tivessem a lhe noctiluzir no craneo algum criterio, ou soubessem que produziam leitura para publicos cultos e d'algum gosto, já os tradutores seriam outros, e mais precisas e fieis de linguagem e sentido as traduções. Mas a industria dos livros está por via de regra entre mãos d'individuos que quando muito os estimarão pelos lucros da venda; critica bibliografica, ou não existe, ou na mór parte dos casos exercem-na uns homensinhos que não lêem, nem tam pouco sabem do que escrevem; e quanto a leitores, é uma carneirada d'alecrins de cerebro mole, que lêem á flôr das letras, sem quazi ligar sentido ao que soletram.

Não ha no mundo inteiro, fóra de Hespanha, um livro

de novela, vulgarisação, critica, filosofia, viagens, digno por qualquer circumstancia de ser lido, de que logo os editores hespanhoes não encomendem tradução a escritores de nome responsavel, que é posta á venda em faceis e baratas edições de 2 a 3 pezetas (350 a 500 réis), trasladadas e revistas por individuos familiares co'a lingua que vertem, e dispondo de cultura e probidade para com inteireza e lucidez interpretarem o texto original. As mais recentes publicações de literatura e sciencia, por longinquo que seja o paiz d'onde procedem, vamos topal-as pelas cidades de Hespanha, nas vitrinas dos livreiros, traduzidas e ánotadas, pouco tempo depois d'expostas á venda na sua lingua original. Compulsam-se essas traduções; é um gosto examinal-as e seguil-as, seguro de não achar n'elas os repulsivos defeitos, os erros crassos em que a mór parte das suas congengeres luzitanas abundam, com paginas de texto omitidas, doutrina viciada por ignorancia de significado e falta de pratica da lingua, redigidas á pressa n'uma aravia de negro que sob o ponto de vista literario, em paiz nenhum teria curso. N'uma terra como esta, ainda em estado de domesticidade herbivora, incapaz, pela apathia cerebral, de qualquer tentativa creadora, imagine-se o beneficio que seria para a educação da parte mais aberta da raça, reproduzir aqui systematicamente, em traduções baratas e fieis, todos quantos livros o mercado estrangeir fosse dando em belas letras e vulgarisações de sciencia educativa.

Estudantes, entre nós tam pouco lidos, operarios d'escolas industriaes (se os ha) impacientes por mudar de categoria, gente da burocracia, da pequena finança, do commercio, — a classe média enfim, descascada já das rudezas plebeas, e que em todo o mundo é a parte progressiva, andante e vivarácha da gente, de cujo seio brota o melhor das curiosidades transformadoras dos povos — todos esses que houvessem pressa d'alumiar o espirito, estétisar a sensibilidade, esculpir o character civico, recorreriam deleitadamente

damente ás traduções de bons livros, caso os houvesse, não destacadas e raras, mas em guiza de se crear com elas uma biblioteca onde saciar todas as sedes!

Se houvesse entre nós, como em Hespanha, uma sociedade de reformas sociaes, ramificada pelas diversas cidades do reino — se o Grupo Republicano d'Estudos Sociaes, lembrado n'um dos raros momentos lucidos do partido, vivido houvesse, contando algum pequeno grupo sequer de pensadores e estudiosos, em cujo labor ter confiança — se esse mesmo partido republicano houvesse competencia, tenacidade e força para se arrogar fins educativos — já algumas d'estas agremiações poderia ter incluído este plano de biblioteca no seu programa de transformação da raça portugueza! Como não ha-de a civilização franceza radiar de si prestigio egregio, creando nos paizes do seu protectorado intelectual, um nivel d'opinião glorificadora do paiz centro, se por todas as cidades francezas, conferencias, concertos, espectaculos, museus, escolas, obras d'architettura e escultura monumental, tudo leva a chancela do gosto e do talento, e se onde escacea mentalidade original, adaptações e nacionalisações literarias e scientificas completam a obra, espalhando a mãos plenas noções sobre toda a esfera do saber?!

N'esta transformação germinadora, présto, mui présto, a onda civilisadora transfusa nas gerações novos caracteres, em termos que todo o espirito disposto, ao respirar essa intellectualidade ambiente, insensivelmente evolute e se liberta das forças malfazejas que o afogam. Só n'este malfadado rincão portuguez o homem não muda: perpetuamente o mesmo bicho pedante e frouxo, ancioso apenas de bambóchas, e sem drama moral nem vida interior que o magnifique. Aqui tudo é mesquinho, açorrelfado, retrogrado: nem laboratorios, nem museus, nem artes que elevem a alma, nem escriptores que estereotypem o sonho d'uma raça, nem sabios que a envaideçam, nem monumentos que a sublimem! Camadas sobre camadas se sucedem,

e em velhos e novos a mesma apathia senil desláva os corações. Nas turbas escoláres, raros estudam, e a cabulice orgulhosa agride os lentes, quando estes não cédem ás cartas d'empenho com que a politica dá cedula ás relaxações da mocidade. Nas escolas superiores os cursos não teem inteireza, nem fazem doutrinariamente um todo tecnico, capaz d'armar para os problemas profissionaes, completamente, o estudante: praticas de laboratorio, d'amfiteatro, de campo, ou não existem, ou são incompletas e apenas dadas para iludir quem nas comete; sáe-se dos cursos a mór parte das vezes tateando ás cégas os espinhos da carreira, como curioso inexperienced...

Ainda ha vinte anos o elenco professoral tinha um tal ou qual lustre sientifico, e resahiam da constelação nomes illustres, que posto não creassem nem inventassem, todavia davam repetidores e expositores eloquentes, com erudição, paixão pelo seu cargo, e vidas exclusivamente votadas ao nobilissimo sacrificio da cathedra, de que muitos faziam uma absorvente e pura religião. Agora a mór parte dos lentes não tem nome: são estudantótes que nunca chegam a saber o que ensinam, e engrólam de vespera sebentas que vão tartamudear sem calor ás bancadas sonolentas.

— As causas, amigo, as causas...

Não fallando já n'essa da especie de vágado moral que é defeito do indigena, e a infamissima politica dos ultimos vinte anos tem generalisado até pelas classes d'antes refratarias, contem vocês...

1.<sup>a</sup> Escolha de professores falcatruada ás vêzes pela relaxação politica, e desguarnecida de garantias de justiça dando certeza d'exito aos que trabalham. Em escolas su

periores os concursos estão sendo uma tróca de chistes e um borboletear de sofisticos dizeres, fóra do thema; candidatos e arguentes dando o espectáculo de, sobre disporem de capacidade psycica mui cerce, tam pouco haverem nos cascos riqueza de noções sobre as austéras materias que comentam.

Uma ou outra vêz, rei ou ministros interpõem a sua vontade imperiosa; seguindo o rastro, acha-se a pata d'algum dos dez ou doze mandarins grotescos que em Portugal *todo lo mandan*...

N'outras escolas ainda o processó d'escolha é mais sumario; a palhaçada dos concursos sumiu-se; o ministro é quem por decreto nomea os professores. Quiz-se fazer isto para o Curso Superior de Letras; fez-se o ano passado para os trinta e cinco substitutos do lyceu, cujos nomeados, muitos, tendo pedido até, logares diferentes, tiveram a surpresa de se acharem professores... sem o saber.

2.<sup>a</sup> Honorarios exiguos, que põem os professores na situação precária dos escritores, pelo que os mais impacientes buscam módos de vida mercenarios, logares em companhias, bancos, emprezas commerciaes, clinicas cáras, missões politicas, que os desviam do estudo e desinteressam da cathedra, subalternisando-os pouco a pouco em mediocridades pomposas, d'onde entre nós esse typo nefasto do homem de sete officios, do burro sabio, do lente conselheiro, a quem, segundo a cáca dos panegyricos, « todas as sciencias são familiares ».

3.<sup>a</sup> O módo por que em certas escolas o regulamento dispõe sobre a regencia das cadeiras. O concurso faz-se por secções scientificas, e não precisamente por cadeiras. Uma vez admitido lente, o candidato só sóbe a cathedra-tico por antiguidade, e quando alguma cadeira vága por

jubilação ou morte do proprietario, sendo durante a sua vida de substituto, longa por vêzes, forçado a reger d'um dia p'ro outro, por ordem do conselho escolar, e no impedimento dos cathedrauticos, toda e qualquer cadeira da secção scientifica em que ficou. Chega assim a andar d'emprestimo anos e anos, engrolando á pressa sciencia de se-benta, sem saber nunca em que cadeira vem a ser provido, nem portanto poder preparar-se (na idade válida e viril dos estudos profundos, dos enthusiasmos e dos sacerdotios) para essa grande missão d'apostolo que é, na vida moderna, a mais augusta que o homem exercera.

Quando a morte d'um colega alfim o deixa dono da cathedra ambicionada, a mór parte das vêzes é tarde, é em vêz d'um cerebro fresco e d'uma intelligencia sequiosa, o pobre lente tornou-se n'um diabo estafado, desiludido, já sem habitos d'estudo, nem juvenilidade, nem aristocracia scientifica, entregue a occupaões de ganha-pão que o alhearam do sacerdocio, e o couraçaram d'egoismo.

4.<sup>a</sup> A falta de fé fervorosa por um crêdo, o espirito de *blague* e negação que faz com que ninguem hoje trabalhe por devoção professional, por consolo interior de consciencia, mas exclusivamente á mira d'interesses e prazeres materiaes; e ajuntaremos ainda uma aura de futilidade e catitismo que este regimen podre entretém, e faz com que até os intellectuaes mantenham pouco a austeridade do seu *rang*, dando em diletantes e janotas, amigos de festas e de danças, sem recolhimento nem tempo para se engrandecer no seu mistér.

A par da decadencia das escolas, da escolha imperfeita dos mestres (e chega o momento de, para certas novas cadeiras, algumas terem de contratar professores no estrangeiro, caso queiram sacar o alto ensino do resváo fatal en

que ele vae), da falta de zelo dos cursos (onde em geral todos querem passar e ninguem saber), deve-se referir tambem o deploravel estado das bibliotecas publicas, archivos e museus, nas poucas cidades portuguezas que os possuem, e onde mercê de funcionalismo escasso, mal pago, e na mór parte incompetente, tudo ou quazi tudo anda, a bem dizer, a troxe-moxe. Nas bibliotecas e museus, abertos ha 40 e 50 anos, continúa a não haver catalogos e a estarem em geral as instalações em sitios humidos e escuros, onde livros e objetos artisticos se deterioram. As coleções de livros constam em geral de lotes que poderam escapar á razia dos conventos, não havendo geralmente verba para livraria nova, e esgotando-se a mesquinha dotação em serviços de limpeza e bagatelas, visto não chegar para mais nada. Entre as coleções de livros e objetos d'arte pertencentes ao Estado, apensos a escolas, palacios de funcionarios, etc., bastantes ha de que o publico não goza, ou por se acharem longe dos centros de trabalho, ou por continuarem apanagio exclusivo d'esses troca-tintas. São d'isto exemplo o museu da biblioteca d'Evora, amontoado a um canto, em desordem, sem catalgo, exposto ás ligeirezas do primeiro claviculario infiel que práli vá; as pratas, quadros e idumentaria preciosa das cathedraes, colegiadas e parochias, que deviam constituir museus publicos nas sedes, catalogados e historiados por forma a deleitar e instruir quem nos visitasse—havendo coleções, como a de pinturas antigas de S. Vicente, que se estão desfazendo em corredores salitrosos, de tijolo; a biblioteca e coleções da Academia Real das Siencias, varias vêzes pilhadas, tendo havido ha muito um academico que roubava as miniaturas dos livros iluminados, e bastantes que levam pra casa rumas de livros que nunca restituem, e as familias mandam vender, por morte, aos ferros velhos; finalmente (para não massar com citações) o museu e biblioteca d'Ajuda, expostos talvez a maiores perigos, se resolutamente alguém não

pozer cobro ás viagens dē certas galinhas já um pouco chócas pra aves d'arribação.

Ha muito que o serviço das bibliotecas e archivos devia ter sido reformado por pessôa capaz de vêr lucidamente a questão do ensino publico, e uniformizado e reduzido a um instrumento comodo e facil de cultura. Vejam a lastima das bibliotecas de Lisboa. Por exemplo, na principal, faltam os livros de quazi todos os escriptores nacionaes contemporaneos; e da encyclopedia moderna de França, Inglaterra, Alemanha, etc., tanto em jornaes como em volumes, tezouro de gerações estudiosas, e que nenhum homem modernamente educado deixa de consultar todos os dias, a biblioteca de Lisboa não possui senão meia duzia de volumes, adquiridos sem plano nem conhecimento da classificação scientifica, ao acaso das vitrinas dos livreiros — pois é tão pobre que tem de pedir um extraordinario ao ministerio de cada vêz que pága ás mulheres que sacódem os livros e desempociram as estantes (!!).

## LITERATURA GÁ-GÁ

---

Foram os ultimos dias de Dezembro findo assignalados no teatro de D. Maria pela representação d'um *mysterio* em proza e verso, chamado *Suave Milagre*, que os cartazes diziam extrahido do pequeno conto d'Eça de Queiroz, do mesmo titulo. O autor do *mysterio*, informava o mesmo cartaz ser o snr. Conde d'Arnos, secretario particular do rei e conhecido elegante, tendo por colaborador na parte poetica o snr. Alberto d'Oliveira, consul em Tanger, cujos credits de poeta e escritor se acham firmados. O proposito de distribuir a Eça de Queiroz responsabilidades na contextura do *mysterio*, parecia categorisar-se no tamanho das letras com que no cartaz se estampava o nome glorioso do romancista, letras que teriam d'alto uma mão travessa, em contraste com as que escreviam o do snr. Conde d'Arnos, minusculas e quazi esmagadas por debaixo do titulo da obra. De sorte que forçoso nos vae ser analysar por um lado a narrativa d'Eça, e inquirir por outro até que ponto

tem o snr. Conde d'Arnosso o direito de, dada a sua peça de teatro, invocar sobre ela o nome do falecido homem de genio.

Porque o respeito devido a nomes celebres, entendemos não deva simplesmente cifrar-se no melindre piegas de se estranhar que a critica á obra de mortos tenha a rudeza lucida e a imparcialidade levantada da que qualquer pôde fazer á obra dos vivos; esse respeito devendo ir té os deixar com a responsabilidade e a gloria do que foram, sem lhes extrahir ou pôr de fóra o quer que seja.

Como este inquerito, para o rigor das conclusões, tem de ser longo e abranger do caso os multiplos aspectos, comecemos pelo *Suave Milagre* d'Eça de Queiroz, que é a gengiva, para d'ahi chegar ao do snr. Conde d'Arnosso, como quem diz ao dente mau. Já se pôde dizer que o conto d'Eça, escrito talvez para algum livro de creanças, não é, como literatura, das suas paginas melhores nem mais felizes: litania cantante, um pouco sêca e detalhada no pictoresco que inventou Flaubert co'a *Salambô*, escrita sobre reminiscencia da Arabia da *Reliquia*, que já como Arabia deixa um saibo de coiza pastichada, e sem nada grande além d'uma estreita moral catolica, insufficiente ás aspirações da vida moderna; de sorté que qualquer pena dextra poderia havel-a traçado com as mesmas côres diafanos, os mesmos guarda-roupa e addresses flaubertianos, e o mesmo mel de syntese devota. O conto explora o fatalismo messianico, ou como hoje

diríamos, sebastianista, da raça hebreia, estanque d'ação, imaginativa e dada ás especulações do sentimento, que o romano forte aprisiona, e que sem energia para reaver as antigas virtudes patriarchaes, esgotado o poder dos bruxos e dos deuzes, a terra exausta, apéla para os acasos d'um salvador lendario que a imaginação religiosa lhe promete. A figuração dramatica, simplissima, relatada d'um traço breve, mais acentúa o destino infantil da narrativa, que assim cumpria fosse limpida, sem incidentes dificeis, e pela brevidade do texto podendo deixar uma impressão de pena suave na espécie de nevoa cerebral da pequenada (1).

Ao paiz d'Issachar, onde as culturas resécam, e os costumes por velhos perdem a innocencia idyllica d'outr'ora, ao paiz d'Issachar chegára a nova

(1) O *Suave Milagre* teve uma primeira factura detalhando apenas a sena do cazebre onde uma creança enferma péde para vêr Jesus, e este aparece, sendo um mendigo que relata, n'um *racourci* de vinte linhas, os prodigios e milagres do rabi. Esta versão vem n'um livro de *Leituras Populares*, e ocupa pagina e meia ou duas paginas. Eça de Queiroz refundiu a peça para o n.º 26 da *Revista Moderna*, desenvolvendo ahi, em senas rapidas ou quadros, aqueles prodigios, e pondo-lhe em remate a factura primeira, e mais ou menos integral, da historieta. D'este *Suave Milagre* da *R. Moderna* é que o snr. Arnoso tirou os quadros do *mysterio*, pela mesma ordem e devisórias, mesmos detalhes, e até, frequentes vêzes, mesmas frases, imagens e artificios.

dos milagres que fazia Jesus na Galilea; e cada qual, resmoendo os seus males, aspirava por esse renovador que lá longe, nas cearas e nas almas, tantas granulações benéficas causava. Essa formozura de dador adolescente, esquivo e russo, passando ao erguer da manhã sobre as campinas fumosas, e curando sarnas nada mais que com a simples «sombra das mãos», muitos duvidavam vivesse,—quando um profeta volante, «d'olhos ardentes e deslumbrados» surge a lhes confirmar a existencia do iniciado miraculoso que é talvez o Messias prometido. Não! os milagres são certos, o servo do decurião sarou de lepra; com olhos d'amor a filha de Jaira sahiu do tumulto, como na manhã seguinte á d'um noivado... E enfunam-se d'esperança as almas murchas, alongam-se os olhos de cima dos outeiros, a escortinar o nimbo diafano que envolverá o rabi maravilhoso, e cada qual n'um halo de fé messianica, erguendo os braços, pede as coizas que perdeu ou necessita; e a azeitona que se gáfa, a vinha que se estiola de molestia, tudo vae reviver em safras imensas, de novo enchendo os celeiros e as arcas de bem estar. É o primeiro quadro do conto e do *mysterio*; no conto são trinta linhas de proza lenta e balanceada; no *mysterio* direi quando fôr tempo. Ora estas promessas agricolas d'azeite e vinho á farta, até a mim me agradaram, vinte seculos depois, n'um canto de paiz occidental onde me encontro aproximadamente na situação precaria d'esses pobres

camponios d'Issachar—isto é, com o burgo nas oliveiras, o filoxera nas vinhas, e o escrivão de fazenda em arcanjo da assolação, brandindo a espada de fogo sobre os terriveis livros da matriz. Disse comigo: este lindo rabi da Galilea é o Bata-lha Reis d'aquelle tempo; o *mysterio* do Arnoso não passa talvez d'um disfarce da Associação Central d'Agricultura. Fui lá fumar um cigarrinho...

SEGUNDO QUADRO.—Ainda no paiz d'Issachar continuam flagelos a devastar rebanhos e vinhedos. O protagonista das lastimas não é agora a massa de camponios, senão precisa-se n'um typo de rico, « com o coração tão cheio d'orgulho como o seu celeiro de trigo ». Obed vê decahir rapidamente os seus haveres, vacadas que lhe morrem, vedonhos que se mirram, terra exausta e reseca que se recusa a fazer germinar os grãos de trigo. Ouvira que o rabi da Galilea... (a historia já sabida), e « homem lido e tendo viajado na Phenicia, logo pensou que Jesus seria um d'esses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Appolonius ou Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o subtil ». Ordem aos servos que lhe vão buscar o feiticeiro, e com promessa de moeda ou bens lh'o tragam présto á salvação das suas vacas pestosas e das suas cepas resequidas. Parte a cambada ao acaso das informas parvoïças de quem passa, sem qualquer segura pista que ilucide, qual lhe alvitrando que estará Jesus no rio Jordão, e outro mais longe indo jurar que o vira em terras de Moab; depois no poço de

Yakob, noticia de milagres novos e espantosos, como sete demonios filhados das mamás d'uma moça, e um degolado em pé na cova pondo tranquilamente a cabeça no pescoço — té que enfim, já em terras da Judea Romana, um fariseu sabedor d'aquelas buscas milagreiras, varre os alarves á pedra, por entre imprecações e furiosos brados de *racca! racca!* que é como hoje diríamos, *chiça! chiça!*

Tal o segundo quadro do conto, n'uma proza rytmica a que não faltam os respectivos rebordos biblicos, esmaltes de côr local e vasa pictoresca com que todo o artista evocador do antigo *transporta* o seu sonho contemporaneo, e usa iludir pela ficção o leitor desprevenido.

Este episodio fornece ao *mysterio* dois quadros; aquelle em que Obed, o rico, arrependendo as falripas, manda servos buscar Jesus pela Judea, e ess'outro em que, na volta, os pobres dizem o insuccesso das suas malfadadas travessias. Os dois seguem á risca a passagem do conto acima dito, não só nos episodios fabulaes e mise-en-senicos, como em imagens e frases inteiras, sobre que ao depois poremos mão. Sómente, como o ultimo d'estes quadros do *mysterio* ficava magro, ajuntou-lhe o snr. A. d'Oliveira uma sena estranha ao conto, estranha e em verso, que é a do maioral ou guia dos creados de Obed dizendo a seu amo algumas d'aquelas parabolás anti-capitalisticas do Christo, cuja ferocidade sumaria hoje seria difficil topar sem dedu-

ções scientificas nos livros de Kropotkine e Jean Grave.

QUADRO TERCEIRO.— « Por esse tempo, um Centurião Romano, escreve o conto... » É a sena anterior, diferenciada em que as desgraças do Centurião em vez de pecuarias e agricolas, são domesticas. Não são rebanhos nem vinhas que lhe morrem, é uma filha « para ele mais amada que vida ou bens, e definhando com um mal subtil e lento ». Publius Septimus, o centurião, homem de guerra e saques, rico de bens e forte de poder, de mercadores ouviu as maravilhas do rabi da Galilea, e ahi vão pela Judea fóra, três decurias de soldados « com os escudos em sacos de lona e nos capacetes ramos d'oliveira », a procurar o santo « por todas as cidades da Decapola, até á costa e até Ascalon ». Em vez de tornarem porém corridos a pedra, é um sacerdote d'Apollo quem; retorcendo as escaraveilhas da lyra, os recambia ao chefe com a decepção de já não haver profetas na Judea. « Então devagar, com a cabeça derrubada, como n'uma tarde de derrota, os soldados recolheram á fortaleza de Cezarea ».

No *mysterio* do snr. Arnoso tambem este episodio de Publius faz dois quadros. No primeiro mete o prozista, de sua lavra, um pequeno dialogo de mercadores de Chorazin, oferecendo linhos mais brancos que as penas das brancas cegonhas (diz o Ega nos *Maias*: vi agora apear-se no H. Central uma esplendida mulher, d'uma esplendida carrua-

gem, seguida por um esplendido preto), e o poeta Oliveira uma elegia da filha de Publius gemendo a sua enferma soledade. No segundo, novo dialogo arnosino em que os legionarios romanos, cançados de buscar, se desencantam, e nova elegia oliveirense sob a fôrma do hymno que diz o sacerdote d'Apollo, ao sol nascente. O certo é que por mais que o busquem, Jesus não dá rumor, e vae parecendo o caso do Galhardo...

ULTIMO QUADRO.—« Ora entre Enganim e Cezarea, n'um casebre desgarrado, sumido na préga d'um cerro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres d'Israel. O seu filhinho unico, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o creára para os farrapos da enxerga apodrecida onde jazera sete anos passados, mirrando e gemendo». Todo este grupo cercado por quantas devastações a mais negra miseria sabe dar: falta de pão, falta d'azeite, no quintalório a figueira resequida, a cabra do leite morta, e para sustento hervas das rochas, e agua do charco, fétida, para beber. É a expressão da fome resignada, n'esse deserto onde a primavera humida não chega, e onde jámais passou a compaixão. Vem um mendigo (o resto é já sabido), e a creança ouvindo que ha um rabi que se chega sem nojo a curar os marréquinhas tristes e crassosos, entra a pedir á mãe lh'ó vá buscar. O pobre então refere as infructíferas marchas de tanta gente rica e poderosa que espalhou na terra creados com a legenda de

por vontade ou força, lhe trazerem esse fabuloso apaziguador de dôres e penas que desviava os espiritos maleficos, enchia o ar de balsamos, e fazia as açucenas florir nos mais resequidos corações.

— « Oh filho, e como queres que te deixe e me meta aos caminhos, á procura do rabi da Galilea », e se as pessôas ricas o não levaram, como poderá ela topal-o e convencil-o a vir sarar, n'aquela casa imunda, um pobre verme? E o conto remata « logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança, aqui estou ».

A historia d'Eça de Queiroz, evidentemente escrita sob uma ideia de dadiua infantil, (mais na primeira versão que na segunda, mas em ambas elas mostrando, sob a mistificação d'uma alma a fingir de creada á sombra da Escritura, o intento de falar a botões de seres balbuciantes), a historia pretende insuflar ás creanças a ideia primaria, inicial, um pouco egotista, d'um Jesus ou providencia quazi por exclusivo amigo dos inocentes, dos fracos e dos credulos—n'uma palavra, dos inuteis —e completamente adversa aos poderosos e aos ricos, aos homens d'iniciativa e de força, com personalidade propria e uma razão atinente ao livre exame—em suma a todos aqueles que nas sociedades modernas são o elemento fecundo e fecundante. Ora este Jesus d'Eça não póde ser senão um embrião de figura moral que, posto inexactamente,

a primeira educação póde lançar sem perigo no cerebro amorfo do infante, certo que a segunda e terceira depois corrijam, ampliem, aperfeiçõem o esboço primêvo, consentaneamente ao destino moral da creatura, á nobreza da vida e escrupulosa verdade da exegése. D'outra fórma, a admitir-se uma tal conceção de Jesus como definitiva, telahamos de repulsar por iniqua e absolutamente contrária ao criterio de justiça, aos principios d'atividade e fraternidade humanas, de tolerancia reciproca e d'ordem que são os normaes factores da vida social. Significa isto que o Jesus d'Eça indalá póde ser n'um conto de creanças, como se suportaria tambem n'um *mysterio* do Teatro Infantil, ou em qualquer representação de sala, n'uma festa de bebés; mas n'um teatro d'adultos, que pretende ser escola do Estado—do Estado solidario com uma religião e mantenedor d'uma moral official—n'um teatro d'adultos parece-me dispauterio só praticavel em paiz de doidos e cretinos. Porque repito, nem aquele Jesus é o Jesus dos livros santos, nem que primitivamente o fosse, ele poderia ser posto em ideal do justo em qualquer paiz christão contemporaneo. Um Jesus que só chamasse ao seu reino os tartamudos e estropiados de qualquer especie, os apathicos, os irresolutos, os submissos, os vencidos; um Jesus que em plena sociedade moderna, cujo obsidiante cuidado é manter-se economicamente e progredir sob pena de morrer, viesse negar a força fecundante e esplên-

dida da riqueza e o papel seletional da ambição laboriosa, mola de todos os progressos da terra, até mesmo dos Moraes; um Jesus que solicitado a dar socorro a duas almas inocentes, a filha de Publius e o aleijado do cazebre, só apparecesse á ultima, sob pretexto da outra provir de gente rica; um Jesus que dispersasse os bens particulares, mandando a ordem do mundo confiar na providencia, e negando a eficacia do trabalho com o caricato sofisma de que os passaros sem trabalhar lá vão vivendo; um Jesus assim moldado e imposto pela religião como modelo, n'um paiz em que a religião tivesse força, teria destruido em pouco tempo a ordem material e moral das sociedades, estirpado a sciencia, dado razão á preguiça e á vadiagem—n'uma palavra, autorizado sanguinolentamente a anarchia e sido causa direta do mais vergonhoso retrocesso.

Porque saiba o snr. Arnoso que a sociedade portugueza enferma precisamente dos « preceitos evangelicos » advogados na decrepita moral da sua peça. É de haver uma corôa que só chama a si os estropiados e tartamudos, que a direção dos negocios vae de compadre a compadre, tornando o paiz em feudo de trezentos ou quatrocentos trocatintas. É de se prégar a abstenção das riquezas por via d'um catecismo obsoleto, e se manter o povo sob a pressão do principio medioevo « *de la plus grande souffrance* », que chama aos gozos da terra, pecado, e acha que viver feliz merece o inferno, que uma

minoria d'espertalhões se locupleta de roda d'um paço onde a caçada ás lebres e a pesca de cácos submarinos são o resumo ideal da arte de prezidir aos destinos de cinco milhões de cidadãos. É de se praticar continuamente a injustiça na distribuição das graças e dos cargos, que os serviços exprimem dolorosamente, em fugas de funcionarios, roubos de fundos, subornos de gente e outras crapulas normaes da vida publica, a prostituição moral da classe eleita d'onde se tiram os administradores e os dirigentes. Sob pretexto d'um ser filho do nosso colega, do outro ser filho do nosso amigo, e do nosso colega ter necessidade de ser sogro, e do nosso amigo andar precisado de ser genro, e d'este partilhar a esposa d'aquêle, e aquêle partilhar o esposo d'esta, e *A* ter duzentos votos para dar por um emprego, e *B* ter duzentos mil réis para dar por um empenho, etc., vêem-se récuas d'imbecis ocupando cargos que não devem, e tanta gente honesta e trabalhadora expulsa do direito de servir a patria, só por não ter tido a fortuna d'entrar no jogo dos seis ou sete Josués que em Portugal fazem parar o sol, não tendo inventado sequer o petrólim.

E é o snr. Arnoso, secretario privado do rei d'um paiz que pretende desenvolver-se á moderna, pela agricultura e industria combinadas (e que necessariamente se afunda, se pela educação não destruir a indolencia fatalista, sentimental, *oriental*, dos naturaes); é ele quem nos diz que o tra-

balho é uma inutilidade e os seus frutos, acumulados, um crime, e que os bens adquiridos devem ser repartidos pela massa, por não serem de quem nos adquire, e só se deve viver da Providencia (isto é da loteria e da batota) cruzando os braços n'um *rien faire* de vadios e *souteneurs*?! Mas havendo uma lei que põe á sombra os inimigos do regimen, que faz o snr. juiz Veiga que não prohibiu a peça e tratou o autor como qualquer outro gazeteiro da *libradade*? É por este ser válido do monarca? Ou porque o peçalhaz se escóra em livros santos? Ou porque sendo o snr. Arnoso um homem de côrte, não valeria a pena dar á sua infantil balbuciação ultra-catolica, a importancia com que se maltrata os que põem a revindicação social em postulado mordaz e inteligente?

Entre as mistificações do problema proletario, aquella que menos colhe é o humanitarismo dos grandes e dos ricos. Está ebrio ou doido quem julga que para as gerações de hoje a felicidade continue a ser amar a Deus com uma alma de anjo n'um corpo d'asceta, cujo lema apenas fosse um perpetuo aneio da morte. As inclinações naturaes já não nos aparecem como tentações de Satanaz. O mundo deixou de ser um dos inimigos da alma, e a educação moderna tendo de seguir o desenvolvimento historico e a marcha da civilisação, legisla que o destino do homem não é preparar-se para a chimera da vida futura, mas ser feliz n'esta—a felicidade entendendo-se por uma vida quanto

possivel completa, evolutindo em todas as suas actividades essenciaes; melhor, o bem estar dos outros procurado e realisado co'a solitudine e bom prazer do nosso, mercê das acquisições do trabalho e do saber humanos, capazes de dar a camponios de hoje regalos desconhecidos aos grandes reis e principes d'outr'ora. Se o snr. Arnoso, homem rico e influente, bem comido, bem divertido e bem gozado, acaso quer evangelisar a miseria e dar uma prova cabal da sua confraternisação c'o proletario, despoje-se ámanhã das suas riquezas, abandone os cargos e pagodes, e como o principe Nekhludow da *Resurreição* de Tolstoï, ponha a sua influencia a bem da conversão geral que renta a sua peça, per fôrma a acreditarem-no ferventemente as populações de desherdados. Porque já em 1836 Arago dizia « não é com belos discursos que se faz assucar da beterraba ». A esmola de dislates oraes ou escritos, além de bastante curta, é negativa; palavras, mesmo por bocas d'oiro, não fazem troco nas lojas de padeiro. Estão lassas as almas de teorias e promessas, porque precisamente os que mais videiros se mostram e contumazes na giria de chamar a si os bens da terra, é que depois vem, locupletos de gozo e de preguiça, prégar o desdem das riquezas, o pecado mortal de comer trufas, a efficacia untuosa d'erguer ao ceu bocas de prece — bocas d'onde os dentes cahiram porque a abstinencia lhes tirou o habito de mastigar, ou porque o « amor do proximo » lhes tiraria talvez de o morder.

Se da essencia doutrinal e arranjo senico da peça subimos a examinal-a como literatura e coiza d'arte, uma dolorosa piedade nos assoma perante isto que se possa chamar o brio das letras, reduzidas no primeiro teatro d'um povo a esta inerte e parvula expressão de caducidade e retrocesso. É evidente que existe uma literatura *gá-gá* por haver uma multidão *gá-gá* de que ela seja a expressão vital e social, efabulada. Como definir essa multidão *gá-gá* sem de maior lhe tirar a apparencia humana e superior de classe dirigente?

As pessoas que vivem nos prazeres da riqueza e na ociosidade de certos meios officiaes, teem tam pouco que fazer com as partes nobres da cabeça, que estas em pouco perdem a lucidez synergica da ideia, emperram, imobilisam-se, e acabam de geração em geração por sofrer uma pronunciada atrofia regressiva, cretinisando, *gagaïsando* em massa os herdeiros dos contos e dos cargos d'aquelles regalados cidadãos. Estas partes nobres ou centros d'associação, residem nos lobulos frontaes, séde do pensamento, e quazi se podem dizer exclusivas do homem, que paga o privilegio pelo martyrio da consciencia responsavel, por uma duplicidade minuciosa, trituradôra, contínua, que faz com que uma banda implacavelmente critique tudo quanto a outra sente, cogita ou delibera. É com estes centros d'associação que o homem pensa, julga e rea-

lisa, com eles que ele fala, escreve, faz a trilogia de Wagner e a catedral de Colonia, com eles que deifica a especie, subalternisa Deus, e do bloco estéril do mundo faz rebentar a divina fonte da sciencia e da riqueza, que assim deixou de ser uma das lepras malditas do Evangelho, para se tornar na origem de quazi todos os bens modernos, visto como ela só seja immoral nas mãos dos sybaritas ociosos. O ser autonomo, meio Satanaz, meio arcanjo, ainda para assim dizer mineralizado na terra pelas raizes dos pés, e já desafiando os ceus n'um nimbo de coriscos, o homem autocrata da natureza viva, em plena posse da sua grandeza moral e da sua força, se poude chegar no planeta a esta omnipotencia ambiciosa, deve-o á integridade d'esses nobres centros cerebraes que o *gá-gá* deixou estragar por desmazelo. Eles perdidos, que lhe resta na « caixa dos miolos? » Centros de projeção, vida inferior, comum dos animaes, dando sensibilidade que faz as mulheres beatas, organisadoras de kermesses, visitadeiras de cãesinhos orfãos, os homens lamechas de vicios, capazes d'abjeções por hespanholas; ou dando movimento, que explica a paixão por carros, toiros e cavalos, o cultivo de tantos sports absurdos, e mesmo a cretinice dos que vem ás quatro horas passear na Avenida colarinhos de muro onde dá vontade d'escrever poucas vergonhas. N'um paiz de hereditarios, esta sociedade propagada d'um ou outro que prestou serviços e se individualisou por qualquer coiza, foi ficando

nos postos, e faz a guarda de honra dos reis e monopolisa a mór parte dos cargos do paiz. A monarchia teme variar d'apaniguados, porque ella tambem não varia, e com estes se foi cretinizando e envelhecendo, receosa da gente nova e robusta que podia, com fomes insaciaveis, não corresponder capazmente ao mister de beija-cús. Em Lisboa a sociedade dirigente é uma sociedade de conselheiros, d'inspectores, de pares do reino e de cabrões. Todo o portuguez de categoria é alguma coiza d'estas, largamente paga para, com os seus conselhos, inspecções, parezias e cabroagens, fazer as deliberações dos governantes cada vêz mais estultas, as inspecções cada vêz mais falcatruadas, as sessões parlamentares cada vêz mais vergonhosas, e os Esganarelos cada vêz mais chavelhudos.

Ha assim dynastias de comilões que desde o primeiro periodo liberal roem o erario sob a fórma de governadores do ultramar, chefes d'isto ou d'aquilo, embaixadores, ministros, consules, o diabo! Reparar nos que annualmente entram para certos cargos rendosos: é quazi tudo filhos de funcionarios, que já eram filhos d'outros, e taes descendencias vitaliciamente adstritas ao papel de ratos de celeiro, são verdadeiras prágas de janotas inuteis, de degenerados e criminaes sob disfarce. D'estas tribus rapaces ainda os progenitores haverão sido lucidos e fortes; os regalos da vida e apozentadoria do cerebro n'uma inação parazitaria, quando muito os terão posto n'uma especie de sono fysio-

logico que qualquer excitante varre e sobreleva; mas o peor é que mercê da riqueza e dos deborches, dos desmazelos d'educação, do amor da preguiça e da falta de cultura, esse sono é já lethargia nos filhos, nos netos coma, e d'ahi para baixo degenerescencia e idiotia.

Certo que pela pratica do mundo e efeminações da vida luxuosa, todos estes seres atrahem pelos modos, esmeros de vestir, confortos de morar, e as bôas coizas caras e voluptuosas que hereditariamente lhes são familiares. Ao vêl-os perto, na polidez risonha, sorrindo do alto d'uma espinha a prumo sobre pernas secas de cyclistas e andarilhos, sabendo as fórmulas que impersonalisam sem escandalo de parecer estúpido, e dão á creatura um ar de classe, entre gentil e desdenhoso, os desprevenidos tomarão por superioridade o que não passa d'um truc para ocultar deficiencias, alvitrandu n'essa sobriedade seca de gestos e palavras, como perfeições de gentleman, o que afinal não passa d'um engonço falaz de manequim.

É ouvir as conversas, tudo os fatiga, necessario aflorar apenas a banalidade dos vai-vens quotidianos, e interdizer assumptos onde o cerebro faça o menor esforço, o que seria deixal-os em mau campo e autorisar a suspeita da sua psychologia inferior. Em varios não se atrofiaram tanto os centros nobres que eles não possam falar e mesmo escrever uma especie de linguagem articulada, onde até ha palavras inteiras, e só os juizos supridos

por uma especie d'estribilho.— *A tua peça, meu querido Bernardo, é um appetite, um appetite, um appetite!* dizia no ensaio geral um segundo secretario de legação.

Mas a lingua d'outros é já uma coiza cercana da glotica rudimentar de certas aves, cheia d'abreviaturas, tropeçando em amnésias de termos, como que automatizando em gorjas d'imbecis apopleticos a omissão incolôr de certos sons

— *Oh coizo, lembras-te d'aquela coiza e tal, an? an? que uma vêz e tal esteve comnosco na coiza, an? an? e fomos d'ali até á coiza?*

ou dengosas falas de maricas, comidas nas sylabas, trocando o *R* pelo *G*, zig-zagueando em cantados morrentes, como a aravia que falavam, pelos fins do seculo *xvi*, os fidalguinhos apoiados na espada dos pagens, fingindo não se poder suster de consumção.

Sob o capricho extravagante das módas e a distincção dos habitos mundanos, observando bem essas figuras de homens e mulheres notar-se-ha em muitas já o quer que seja d'uma antropologia regressiva: craneos em pera, temporas deprimidas, grandes rebordos osseos nas orbitas, maxilas de dogue, espessuras compactas de rochedos: certos prognatismos gorilanos, certos espessamentos de labios fazendo tromba, certos olhos mui juntos do nariz. onde a expressão tem da rapoza e do sa-

gui... Este facias é a marca exterior do retrocesso psychico distanciando cada vêz mais o *gá-gá* das fórmulas elevadas da vida, fórmulas que ele pôde mirar ainda por um como que jogo senico do habito, quem sabe mesmo se por uma reminiscencia ancestral, mas onde já está perdida a consciencia d'uma autonomia superior. Como a esta gente falta um destino sério na vida, um poder de razão capaz de lhes soffrear os impulsos doentios, acontece pulverisar-se em futilidades, caprichos, exhibições que vão de certas *toquades* artistas, e predileções sportmanicas violentas, té resvalos no vicio e no deboche. É da sua falta de personalidade, e do desejo que, apozar d'ela, sente todo o *gá-gá* de dar nas vistas, que se aproveitam os alfaiates, as modistas, os alquiladores de cavalos e de carros, os armadores e traficantes de bric-á-brac, para lhes impingir e fazer usar, a pretexto de móda, toda a sorte de coiza extravagante: hoje braceletes de chocalhos, amanhã tatuagens sobre a pele, depois caixões de veludo em vêz de leitos, logo Champagne pelo nombril de mulheres núas—práticas em que a infantilidade mental se conjugue com o exacerbo dos appetites degenerados, e o gentilhomem confine ao bruto, reatando o cyclo vicioso da geração.

Entre os signaes de passividade moral e ausencia d'eu, destaca a aptidão d'arremedar e apropriar quanto feril-os possa por qualquer detalhe de seu gosto. É conhecida a influencia das literaturas de ficção sobre certas camadas de leitores; homens e

mulheres, para se darem a ilusão d'uma personalidade e parecerem singulares aos olhos da sua propria mediania, põem-se a macaquear typos de livros, e a ordem do contagio n'essas naturezas banaes começa pelas mulheres, a acabar nos adultos debeis de nervos e destrambelhados de razão. Quem não ouviu da ação lethal que exerceram os heroes de Byron em toda a Europa romantica de 1830-36, e a que na Alemanha teve sobre a gente nova o *Werther* de Gœthe, e a voga das *Goldelse* de Marlitt e das *Geierwally* de Hillern; e o *Antony* e a *Margarida Gauthier* em França, e em Portugal o *Eurico* e certos galãs fogosos de Camilo? A parisiense, diz Nordau, é completamente uma obra dos desenhistas, romancistas e cronistas do jornal boulevardeiro, que lhe dão a beleza, a elegancia, a vóz, os gestos, vicios, côres, predileções, das heroínas impressas dos seus artigos, contos e *croquis*.

N'uma roda iletrada, claro que os modelos a copiar não vem dos livros, mas é o mesmo systema de personalisação falsa e d'emprestimo, urdido sobre *clichés* em que o *gá-gá* se acoustumou a vêr seres de exceção, montadores celebres de cavalos, toureiros, comicos, pugilistas, lacaios e bate-dores (d'ahi a voga dos chapéus Mazantini, dos jogos de pau e de dextreza, das desordens nas putas, batidas de sege, desarmes da policia, paixões do fado e do calão); ou se são naturezas mais de mimo, gente de sala, a macaqueação integral dos janotas celebres da terra, como o Condeixa, o

Barata Loira, o Fontalva, o Tinoco, o Soveral—quando não é o fetichismo de Paris, bronco e formal, que já desceu aos caixeiros, com a respectiva nausea por tudo quanto se diz e faz *n'esta piolheira de Lisboa*.

Veio para Portugal um caso de fanatismo, ameaçando, pela culminancia mundana da vitima, tornar-se instrumento d'uma epizootia religiosa; immediatamente o *gá-gá* começa a aféctar devoção pelas capelas, a comungar e a confessar-se a padres inglezes e francezes recomendados por um *brevet* timbrado de corôa... *Irózes* d'África guindados, velhos literatos *ramolis*, condessos e condessas da serie mercieiral e mercadora, gentilhomens com olhos de macaco e craneos de galinha, *attachés* de cabeleira de cuia e *par-dessus* de corcunda, sugantes viscondessas familiares e os paraizos da Patriarchal e Bairro Alto, toda essa borboleteante roda de graças mundanas, que faz nuvem aos reis e acompanha a côrte aos banhos de Cascaes, ia pela manhã fazer a côrte á princeza, de olhos baixos, escapulario e contas no pulso, citando versiculos da *Imitação*. Mas como o principe aféctasse de *rude compagnon* contrario ao beaterio, e era preciso fazer a côrte ao principe, aquella mesma roda ia de tarde, de chapéu largo, jaqueta e botas. dizer-lhe mal dos padres e dos santos, e desanuviár-lhe a faceira com alguma historia velhaca d'almanack. Abre-se n'este ponto o melindroso parenthesis da educação das raparigas: pre-

dominio de catecismo e praticas austeras, se é uma familia religiosa; predominio de linguas estrangeiras, se é familia de livres pensadores. Aos 16 ou 17 anos vae a menina ao primeiro baile, onde é sagrada mulher, e começa a entrar nas conversações de gente séria. Fala menos mal o francez, que é a lingua official dos *comme il faut*, falará por ventura o inglez, e se a perceptora que lhe foi dada era de força, chega mesmo a latir algumas inextricaveis coizas em alemão — o portuguez servindo apenas, como n'algumas casas é corrente, para as relações com os creados. Como accessorios de cultivo, alguns pequenos estudos de musica, esquecidos logo, alguns bordados para fingir que se é autora d'almofadões comprados feitos, e lições de desenho e pintura servindo ordinariamente para copiar estampas e dar na estação das vilegiaturas pretexto aos estudos do *plein air*, que justifiquem fugas pelo campo, e respectivas flirtações c'os namorados. Se a familia da menina é gente sã, lentamente a solicitude das mães vae refazendo os erros d'essa primeira educação d'arara, feita para deslumbrar os de fóra, e ser da casa o dissabor continuo e perturbante.

Afastam-se então as convivencias perigosas, os vestuarios inspirados das atrizes, os livros sugestores de más ideias, e n'um recanto de mimo, com poucas festas, leituras sãs, e o aventalinho da *ménagère* que fiscalisa ella mesma os rões e dá a ultima demão á essencia dos menús, procede-se á

transformação de M.<sup>elle</sup> *Versatile*, *Futile* ou *Imbecile*, do monstrinho polyglota enfim, pasto ultracerto de toda a malária torpida dos romances e das peças, n'uma mulhersinha fuzelada d'alegres innocencias, sensata e deliciosa, com graças de haste, com poucas mas seguras noções da vida larga, nem figurante de *Music-hall* nem *bas bleue*, mas constituindo o mais inapreciavel tesouro d'amor e de respeito, pela solidez do instinto e do character, pela alegria da alma e pela força tranquila da virtude. Mas demos que a familia da menina é gente chic, liberrima de peias, com todo o sangue aceso d'elegancias, furiosa de viver afadistando o pudor como um chapéu velho de plumas; d'estas que as frisas de S. Carlos e os *pourparlers* estivaes da Cidadela caracterisam assim: *pertence ao fado*. É claro que a educação cosmopelindra da *instructice* não tendo a sustel-a o tino pratico das mães, segue na mesma linha hospitalar, entre os romances de Prevost e de Bourget, as comedias ovaricas de D. Amelia, e a intimidade de todos os rapazes e *tites amies* das relações. A menina faz-se então um ser de coqueteria imediata, uma futil *princesse aux miroirs*, uma *demi-vierge* inquietante, pura sem duvida e todavia parecendo já tocada, com o que que seja de mau nos olhos dubios, olhos de cadela ou de gata, onde no oiro das iris fulgura a espreita d'uns tantos viciosinhos fim... de sexo.

Todos sabem que ha no cerebro humano um centro sexual, sede do amor, a cuja função supre

ma outros centros inferiores, medulares, se acham ligados. Na idade nubil e seguidamente durante quazi toda a epoca viril, tem este centro uma sensibilidade exagerada, por fórma que a menor excitação sentimental o eretisa, chegando nas naturezas imaginativas e emocionaes a se constituir em verdadeiro e tyranico senhor da creatura, qual interferindo na marcha das ações e das ideias, incendiando a fantasia, grilhoando mesmo a vontade, n'uma palavra, obstruindo, açambarcando a faina do cerebro n'uma polarisação sexual erotico-poetica, que sendo necessidade vital e ideia fixa, é «subjetivamente resentida como desejo amoroso e aspiração para o amor» (1). Este desejo aspira a realizar dentro da raça a incarnação d'um ideal amoroso pintado na fantasia sob a excitação do centro cerebral. O estado sentimental conhecido por amor é pois a convicção ou ilusão de se ter materializado n'um typo vivo esse ideal. Encara-se o amor são, fisiologico? Vemos um sentimento integro, d'investigadura nobre, conscio d'um fim, como seja o desejo de posse que engendra a raça e é garantia formal da geração. N'este duo do amor, a polaridade dos centros sexuaes, desigualissima nos sexos, em cada qual vincou diversamente a indole e distribuiu papel na descendencia. Muito maior na mulher, porque ella trabalha no seu proprio

(1) M. NORDAU: *Paradoxes psychologiques*.

seio o fruto novo, dá-lhe do seu sangue a essência creadora, transmite-lhe as qualidades de que é depositaria; menos importante no homem, que é apenas o portador da semente e o estimulante vivaz da geração. Pela sua quazi instantanea ação na genése humana, o homem ainda póde brincar com o amor, trepidar nas escolhas, sofismar em transitorias delicias, sem beneficios ou perdas para a raça, a excitação do centro sexual—e talvez esta relativa subalternidade explique a tolerancia do mundo pelos seus desvarios voluptuosos. Mas a mulher com o seu centro sexual hegemonico no cerebro, a mulher com a sua obsessão do ser viril complementar que a faz fecunda, e que uma vez amanhecido no espirito, põe um utero na estatua, e em holocausto a beleza, ao martyrio atroz da geração, essa é que não póde um instante esquecer-se d'essa longa e dolorosa missão, n'ela exclusiva, essa é que não póde flirter, trepidar, sofismar do amor as deliciosas fioritures, porque é o vaso gestatório da vida, o divino mysterio da continuidade pelo homem, incessantemente renovado no seu ventre, como a primavera renova as flôres do campo e os frutos do arvoredo! Pensem agora na quantidade d'agentes perturbadores que a educação e uma vida viciada, necessariamente acumulam para precocemente excitar as funções do centro cerebral das pobres tontas; ponham as heroínas das peças e romances, onde a perversão moral dos romancistas pinta os delirios contagiosos da fêmea

mystica, adultera, sadica, nymfomaniaca, justaposta de taras, exaggerada, visionaria, em cujo espirito não brilham senão as fórmulas crueis da impulsividade archi-maluca; ponham as liberdades de convivio com creaturinhas da mesma serie hysterogenea, entoxicando-se d'arroubos, sonhando extravagancias amorosas; ponham a participação nas conversas liberrimas de pessoas grandes, onde mulheres e homens se não cohibem de cronicar a nú toda a porcaria das almas e das casas; e por cima d'isto o prolongado convivio dos rapazes, como eles habitualmente são n'esse meio torpido, uns mocinhos de estrebaria bem vestidos, uns analfabetos solértes, vivendo d'ocios, prostitutas, alcool, jogos viris e as impunidades da voga e da riqueza, n'uma terra onde a lista dos accidentes da infancia traz o amor logo depois da dentição—e vejam-me depois que opimos frutos d'esturderia cingana e de chacota sejam essas meninas do *gá-gáismo* stylado, aristocrata, exhibindo-se em costumes de canoteiras, cyclistas, lawn-tenistas, penteadas em tampa d'assucareiro, com focinhos japonecos macaqueados da Lucilia, gestos d'aquario, belezas de cemiterio e de teatro, especies de gafanhotos androgynos dizendo *ena pae!* e *estou tramada*, designando as pessoas por *gajos* e por *gajas*, conhecendo as vicissitudes de todas as hespanholas de S. Carlos e S. Roque—e com quem está a Belincioni, e quanto dá o d'Algez á Consuelo, é d'onde provém os botões que a Paca tem pela cara e mãos ha mez

e meio... Como se já não bastassem a debilidade e esgotamento neuricos de herança para anomalizar a fysiologia da sua complicada machina nervosa, inda por cima vem todos esses agentes morbificos externos, essas literaturas perversas, essa má lingua inconfidente das salas, essa camaraderia de rapazes poluidos, exasperar, tetanizar a apetencia amoroso-erotica da fêmea, muito antes da idade nubil ter vindo, e de para assim dizer a formação do centro sexual ter acabado. Ora esta precoce excitação do centro sexual primeiro que a sua evolução se haja cumprido, e que a rapariga serenamente, definitivamente, elabore o ideal do ser que deve completal-a e fazel-a fertil, esta excitação tende terrivelmente a matar n'ela os instintos da maternidade e da familia, e a dispôr-lhe o canastro para uma missão de galantaria frivola, ou para uma feira de sensualidade desbocada.

Chegadas á idade do casamento, a familia que até ali pouco curára de lhes inculcar a obrigação moral com deveres fundamentaes. disciplinando o character n'uma norma d'afecto e de respeito, a familia intervem então para as induzir a uma especie de negocio; e aparece o casamento de conveniencia, uma das bases organicas e das chagas d'esta clownesca e estranha sociedade, mercê do qual dois seres desiludidos, tendo um pelo outro apenas curiosidade (quando não entraram já n'um odio surdo), ligam para sempre corpos e destinos, por causa d'um d'elles que é rico, ou da familia do

outro, que por poderosa e influente póde ser um instrumento de fortuna. Isto é afinal a sociedade dos *Maias*, viciosa, futil, réles, chic: nenhuma virtude hereditaria, gente pobre fazendo vida de rica, adolescencias sem mocidade, edades fortes sem credito, velhices sem respeito: o marido sofismando o amor legitimo em deboche, a mulher á mercê do primeiro machacaz que a tope em crise; e n'este vazio de crenças e d'ideias, a instituição da familia á matrôca de todas as especies de baldões. Ha poucos anos um elegante *gá-gá*, bom gentilhomen, dado a viagens e sports, citado mesmo pelo desdeñoso cynismo dos seus ditos, entrando imprevisitamente nas recameras da esposa, deu com ella a ganhar núa no leito sob as violações brutaes d'um trintanario francez que havia em casa. Sahiu pé ante pé dos aposentos, ordenou no corredor que fizessem as malas da senhora, e quando Jean largou da *grosse besogne*, afogueado e fumante como um poldro, pediu-lhe gentilmente desculpa de o não poder ter mais ao seu serviço, agora que a escolha graciosa de *madame* nivelara perante a mesma *culbute*, a categoria do lacaio co'a do senhor. E como o trintanario se humilhava, o outro, tocando-lhe na espadoa, fez-lhe vêr que eram coizas naturaes, e até, visto tratar-se de mulher bonita, tinha o prazer de lhe dar os parabens. Sahiram essa noite em viagem de nupcias, o trintanario mais a condessa, não sem o marido prover fidalgamente de notas a carteira dos nossos viajantes; e

como o conde em bom senhor que sabe as praticas do mundo, fosse acompanhá-los á gare, depois de dar ao laçao os ultimos conselhos sobre os mimos a ter com a condessa, quando já o comboio se punha em marcha—*Et sourtout, Jean, concluiu ele, soyez toujours bon pour madame...*

A instituição dos *paraizos*, primeiro exclusiva d'alguns estroinas massados d'apanhar piolhos nos prostibulos, veio-se generalizando um pouco entre *ces dames*, para evitar a constatação dos flagrantes delitos do trintanario francez, incomodos sempre que o contrato nupcial não defende ou garante a fortuna da esposa, e para tambem um pouco vestir esses amores banaes do romanesco que a eminencia d'um escandalo quazi que chega a dar ás coizas sem sabor. Foi quazi móda ir desabotoar n'uma d'essas casas sordidas, com entradas por duas ruas, n'algum bairro de povo ou varicosa viela entre quintaes, algum d'esses amantes d'ocasião, calados, quietos, ajustados nos squares e nos teatros, mirados quatro vêzes, havidos sete, e logo passados a outra com a recomendação dos tics e das prendas. Alguma vêz, suponho, Cezarina não era tanto a mulhêr de Claudio que não zebrasse a chicote as ventas do seu perseguidor d'ocasião, nem o marido tão conscio das manigancias da esposa que não despeje o revolver sobre o vulto do amante, tarde desperto da sua ridicula missão de chechisbeu! Mas por fortuna são estes os casos de parada, porque á nossa meiguice repugne a efusão de liquidos

que não saiam por aberturas naturaes, e seja da raça deixar o amor correr enquanto dure, visto ser ele a primeira e eterna lei das atrações.

Estes são os *gá-gás* d'oficio, os *gá-gás* hereditarios, os *gá-gás* de condição e nascimento: uma especie de familia simiesca, exausta e aglutinada por interesses tradicionaes de roda d'uma instituição caduca que hereditaria e incondicionalmente a protege e lhe faz participar da autoridade. Pela sua influencia official, pelo confortavel luxuoso da vida e perdularias elegancias de que sabe e pôde cercar-se, mercê dos cargos pingues e da fortuna pessoal de que dispõe, constitue esta maçonaria *gá-gá* na sociedade portugueza um ainda forte centro d'atração, do que resulta buscarem-na as alcáteas diversas d'ambiciosos e pretendentes que necessitam medianeiro junto do paço. A ela recorrem quazi todos os typos de pedinchão de que é tão rico o canil patrio, onde animaes de « formação comunitaria » se dispensam de ganhar a vida por si, enfeudando iniciativa e resistencia á vontade d'um amo ou d'um partido. Bachareis ex-jacobinos, brazileiros em cata de veneras, industriaes que aviscondalham a familia, mudando os apelidos em mau estado, jornalistas intransigentes á consignação de trinta mil réis com vinho á parte, directores geraes, consules geraes, demosthenes politicos

mudos, militares sem successo na fileira, todas as fórmas do cão sabujo que ao farejo de posta relambe as ulceras de quem póde arremessar-lh'a, tudo ahi vae, de pêlo humido, rastejando nos patios, lembrar á intercessão dos poderosos que ha só um meio de tronar n'um paiz onde toda a mercadoria é cara, exceto o homem, e esse meio é comprar em massa, chacinando quem se não mostre acomodaticio.

Outras vezes é a corôa que tem d'olho certos nomes: uns queridos do publico, como os de Serpa Pinto e de Mousinho, que ela vampirisou sem beneficio para si nem para eles; temidos outros, como o de Oliveira Martins, cuja *Historia de Portugal* fulmina os Braganças com o odio d'um justiceiro armado em medico alienista, e que nos ultimos anos, lançado na roda alegre, n'ela *gágáissava* co'a timidez burgessa de um filosofo cahido n'um serão de sécias e faceiras.

Quem por outro lado frequente os diversos meios da capital (os cem povos de Lisboa, como lhe chamava Julio Machado) e cautelosamente desfrute o manejo de certos alcofinhas de palacio, breve apercebe um como tentamen de movimento envolvente, visando açambarcar para o trono a acquiescencia de todas as energias novas que prometem. Acabou-se ou invalidou-se a grande força d'oposição republicana, que chegára a meter medo, e agora mete dó; impôz-se o freio da censura aos theatros, aos prégadores de pulpitos, aos lentes das

escolas; fabricou-se de perfidias e alçapões uma lei para publicistas e escritores, onde a palavra, como a lepra, é varrida prós carceres e desinfetada a poder de multas e mordanças; negociou-se o passe d'alguns democratas acessiveis, e tentou-se a difamação d'outros para lhes tirar o valor moral de combatentes. Ao mesmo tempo fez-se correr a lei mental, maçónica, de que sendo o paiz do rei, quem não é pelo rei, não pôde exercer cargos no paiz, e isto tornou os logares uma especie de visco para fazer cahir as adhesões, e pôl-os completamente nas mãos dos politicos, sob fiscalisação direta do monarca, que quer ele mesmo estar certo da escrupulosa fidelidade dos seus cães. De sorte que ao deredor do *gágáismo* legitimo foi-se depondo uma conressão de subalternos macaqueadores, protegidos seus, apaniguados, formando circulo na dependencia moral de seus patronos e modelos. Este circulo é a meia tijela do snobismo parvo da cidade: são guarda-livros que querem aparentar de fabricantes, segundos officiaes que se fazem passar por directores, redatores de periodicos que fingem ser inspiradores de gabinete, rapazes e raparigas que, já videiros ou induzidos pelos paes, cultivam relações que os empreguem ou cazem fóra das miserias surdas da familia, e finalmente mulheres sem juizo, amigas de luxo, patuscas e frandunas, á procura de fazer os maridos cornos ou ladrões.

Gente sem gosto, nem educação, nem criterio,

que precisa imitar para viver—ou gente famélica, desequilibrada de finanças, que naturalmente se encosta, prosterna, ignominisa, para meter memorial quando fôr tempo. Nunca entre nós como hoje, sob uma apparencia de liberdade e de lhanza, a vida moral foi mais difficil de ser mantida integralmente, e menos poudo medrar a do intellecto entre os gazes mefíticos que sob a invocação da monarchia espalham no ar as chamadas classes dirigentes.

O espirito d'alcovitice e de denuncia, persistente n'um povo onde durante quazi seculo e meio a aristocracia era composta de familiares do Santo Officio, continúa a ser o instrumento de defeza dos dependentes, e a se exercer ao ouvido, nas cafurnas do segredo, com o mesmo requinte de baixeza que o terror da fogueira antigamente fazia nascer nas almas pusilanimas. Nos atrios das escolas, pelas ruas, na sala dos jornaes e corredores do parlamento, não cessam engajadores de fazer caça ás almas altas e ás intelligencias promitentes, por entre subentendidos de honras que o homem gordo póde fazer chover sobre todos aqueles que por um verdadeiro contrasenso de pelintrice, peçam ás necessidades, ajuda, em vez de se decidirem a ganhar o pão por sua agencia.

Nos paizes de « liberdade », o aperfeiçoamento social chega a fixar no homem habitos tão fortes, que eles engrandecem o ser e prestam aos mesmos impessoaes a iniciativa autonoma que lhes falta.

É o dominio d'esses deveres ou habitos no caracter que faz a superioridade moral, e transforma a fragil figura humana n'um ariete de mundos e n'um maioral de gentes e nações. D'onde provém a superioridade n'um povo, sociedade, casta ou familia? Da maior soma havida d'esses habitos—do predomínio no typo, d'um certo numero de caracteres superiores. O vigor fisico, a energia tranquila da vontade, a iniciativa armada d'experiencia, a profundeza e maleabilidade racional da função psiquica, a liberdade nas suas fórmias sociaes indispensaveis, sem o que todo o ser social sucumbe ou degenera, eis as determinantes superiores d'esses triunfantes grupos de seres fortes, e conseguintemente das instituições creadas por elles, e assim da porção de justiça social que os seus dons primaciaes conquistam para a massa. Agora d'onde procede a decadencia e morte d'um povo, sociedade, casta ou familia? D'um abaixamento ou supressão nos habitos viris—da diminuição ou supressão dos caracteres superiores, naturalmente. Para os individuos, o esperecimento organico, hesitação e inapetencia da vontade, falta d'iniciativa, queda intellectual revelando-se por uma baixa de produção, por uma chateza d'invento, por uma bestificação pedante e cezarista—ou queda moral documentada pelo descahir da linha do character, pela negação imbecil de todas as crenças e poderes, pela divulgação de costumes cynicos e devassos, habitos de preguiça e de luxo, e criação enfim de *modus vi-*

*vendi* que evitem o trabalho, seja a que preço de servilidade hypocrita e de baixeza.

As mesmas causas de ruina para as instituições, provindo, claro, da decrepitude dos homens que as sustentam. Trabalho enumeral-as? O abandono das grandes maximas de governo, a ausencia d'um principio de convergencia dando continuidade á ação governativa, o rolo inextricavel de leis atropelando-se sem se cumprirem ou sequer remediarem tantos desastrosos males que pediam cura—a segmentação contínua dos partidos, que sem vigor disciplinar, entram a dar patrulhas de roda de cada falador megalomano—questões fundamentais, vitaes, removidas em vêz de mortas, voltando todos os dias mais graves, no meio da inconsequencia de gabinetes que passam a vida a inventar materia colectavel; e finalmente a horda crescente de gatunos invadindo a imprensa politica e os parlamentos sob todas as fórmias funcio-naes que o politicastro descobre para apanhar prebendas e ordenados.

Se leram com atenção esta curta resenha nosologica, hão-de vêr como ela quadra no exame dos dois grupos em que a nação portugueza se reparte. Os dirigidos, isto é a grossa massa do paiz que trabalha e pensa, deixando ao *gágáismo* a missão de a governar, são multidão onde o buscador dicaz inda descobre algumas, poucas, d'essas qualidades mães que fazem resistir os povos atravez vicissitudes e catastrofes.

Os dirigentes, isto é a minoria *gá-gá* que além pintámos, com seus sequazes e momos lisongeiros, são materia humana podrida, escumalha civica vivendo de prazeres tabeticos uma vida d'inercia, entretida pela força do habito, pelo favor dos reis ou desbarato dos bens publicos, e que finge mover uma maquina que parece de pé, mas a que apenas a tradição e a indiferença do outro grupo teem até gora dado a ilusão d'estar armada.

Nos dirigidos que vemos? Apar d'uma vontade frouxa ou nula que é costume tomar por bonhomia, apar d'uma intelligencia média que assimila e imita em vêz de ter o séstro creador, apar d'um culto mesquinho da liberdade fysica, unica que ainda lá póde anear povos parados, (cuja bruteza não sente a falta da liberdade intelectual, que nunca lhe deram, e cuja morrinha turgece na mesma asfixia da liberdade moral que lhe tiraram), apar d'estas taras sociaes, dizia, outras verdadeiras forças viris lhe assumem no typo, mantendo o quer que seja de rijo e de forjado.

É certo que a nação nunca mais pode refazer-se das pavorosas sangrias da expulsão dos judeus e mouros, das hecatombes da India e naufragios de que ficaram cheios os grandes mares, que tudo isto bebeu o puro sangue dá sua admiravel mocidade, sobre as saburras de sangue preto e canarim com que depois démos em estragar o que escapára. Mas alonguem os olhos por essa provincia: ha vigor fysico, virtudes caladas, reser-

vas animaes adormecidas para um dia; não foi tão depredante a chlorose que as energias mães não mantivessem latentes no povo rude, restos aqui e além das suas admiraveis qualidades. Em grande parte nos campos a instituição da familia está intacta; a robustez de certos trabalhos agricolas, como a conquista dos rochedos do Douro para vinha, é quazi cyclopica; as expedições d'Africa, mesmo despojadas do « heroismo » que lhes fazem os chefes na mira de pedir pensões e arranjar commissariados, mostram bravura viril sobre a bonhomia estoica do soldado; e não esqueçamos que isto é uma facha de 120 leguas de terra magra que ainda ha dez anos mandava trinta mil almas para o Brazil, annualmente, e agora mesmo, com população escaça e a miseria provada da metropole, acha meio de sustentar colonias excedendo vinte vezes o perimetro do paiz continental. Por ventura não deixa isto augurar que essa facha de terra magra regánhe um dia vontade propria, contumacia robusta, se acaso chega a saber servir-se da cabeça e das mãos expeditamente? Em pleno seculo xx, quatro milhões d'analfabetos sobre cinco milhões de creaturas, é forte, e só por esta chaga pavorosa devia de ser exautorada a monarquia. Além d'isso a vida dos campos é em muitos pontos barbara e selvagem, como nas servidões agrarias dos seculos xv e xvi; a terra é quazi toda dos ricos, e nas provincias populosas como Douro e Beiras, o salario nem chega para

pão. Mas por outro lado a elevação das médias favoráveis é um syntoma de progresso, e essa, a estatística constata-a nas categorias de gente imediatamente superior á plebe obreira. As escolas do reino e as carreiras da industria e da lavoira constantemente desbravam homens com um ideal de patria inda confuso, uma inexperiencia de liberdade que não ousa, mas cheios de força e fé no seu destino, só com o defeito d'um individualismo exagerado, e que bastaria ordenarem-se por associações e ligas mobilisadoras de força, olhando os seus interesses vitaes comprometidos, para em pouco tempo fazerem ao paço medo e terem o joelho no peito da gafaria politica de Lisboa.

Obra patriotica faria o grupo que chamando a si alguns ou todos dos inadiaveis problemas que pezam sobre a integridade e a honra da nação, tentasse erguer por eles as energias da massa laboriosa, prégando-os como uma guerra de salvação e de limpeza, e convencendo cada cidadão da parte de responsabilidade que lhe cabe na ruina do todo, o que seria meio de lhe arrancar o correspondente esforço para a cruzada da rehabilitação moral e da riqueza. Porque seria irrisorio supôr que a monarquia reflecta na ameaçadora dureza das questões d'economia, psychologia e hygiene social que nos bordejam, enquanto poder inventar logares para os adeptos, e tiver um palmo de terra que vender ou tributar. Ao partido republicano, que uma vêz foi pössante, podia ter ca-

bido a gloria de tal tenta: em quantos anos de forte, fazer pelo jornal e pela prédica, pelas associações democraticas, pelas subscrições contínuas e geraes de pequenas quotas, a campanha da escola, a campanha da sífilis e do alcool, e da assistencia aos engeitados que leva por ano cinco a seis mil creanças para o charco, a campanha contra a grande propriedade, que deixa provincias desertas, e o cavador sem esperança de se tornar proprietario, a campanha da usura, do fanatismo, da venda do voto; mas preferiu fazer campanhas de descredito e fócios d'azedia irreductiveis, explorou a decadencia sob o ponto de vista da metafora, e por isso, sem a confiança do publico, facil foi aos beleguins da corôa invalidal-o. Continuará assim por muito tempo, sem se mover da nostalgia do passado heroico, esta grande massa de paiz que estuda livros, fabrica, agriculta, labuta, sofre, e todos os dias recúa as suas ancias de liberdade e independencia ante a vergonha de se deixar cavalgar por uma minoria de burocratas malandros e jogadores de *lawn-tenis* mesureiros? Bem devem reflectir os estudiosos d'essa grande massa descontente que a instrução é coiza funesta se não mira educar o juizo e formar o character, e que o progresso d'um povo depende menos da subida das médias culturaes, do que da porção de talentos superiores que lhe dá lustre. Porque estes são as verdadeiras forças condensivas da raça, os propulsores de toda a obra alta e de toda a marcha evo-

lutiva, e eles riscados, ausentes da obra, inconscientes, da missão redemptora a que vieram, ficará em perpetua apatia o povo que poderiam ter salvo, e de que só quizeram ser os filhos prodigos. Ora são os chefes que faltam, dez creaturas tenazes, desdenhosas da lisonja e do dinheiro, fazendo o culto da patria, levando ao sacrificio a teimosia de a transformar salutarmente. Existem talvez esses dez homens honestos? Existem, postos de parte por inadaptaveis e malucos, transfeitos talvez pela solidão em doutrinarios negadores, vivendo, quem sabe? n'um anarquismo psyquico d'onde pelo desespero tem sahido tantos destruidores de sociedades. Existem, e seria necessario sacudil-os do seu sonho opiaceo, para os trazer pela ação á fé de mundos melhores, de papeis mais altos e d'ámanhãs mais promitentes. Porque de todos os regimens politicos, é o mais oppressivo, o cezarista, nas suas diferentes fórmãs e sequencias; mas os povos ainda por ele medram (a Alemanha) se a cabeça do chefe é lucida e o seu coração tem solidez. Agora com encerebrações inferiores, almas incertas, criminosas complacencias, miseraveis dos povos que estão quietos, e dos guiadores que podendo salvar-os, ficam egoistamente no seu canto, ou vendem ao inimigo a alma por um chavo! Em quatro ou cinco anos a monarquia, orgulhosa do successo de têr destroçado os inimigos, acautelado as entradas, organizado listas de proscricção para os rebeldes, e feito do *gagaismo* uma idade da

trampa, sem dignidade moral nem ideaes; a monarquia, radiante da obra de ter avocado em pleno seculo xx a crassidão suina dos reinados de Maria I e João VI, de haver com o seu crivo servil provocado a nausea dos altivos, favorecido o advento dos nulos e dos parvos, e creado uma atmosfera de mentira que favorece a lisonja e lança por toda a parte a suspeição; a monarquia vem para a rua fazer mesuras aos passantes, reclamar-se nas folhas, açambarcar o patronato dos serviços d'assistencia — que n'estes tres symbolos da zumbaia, do reclame, da esmola, dá ela os organicos deveres de todo o portuguez leal segundo a Carta.

Este é o meio social, de hypocrisias e de fórmulas, com uma polidez de bilhetes de visita, e uma exclusiva preocupação de interesses sordidos, de prazeres chatos e voluptuosidades sem ideal nem sentimento. Como havia d'ele ser propicio á liberdade germinativa das ideias, e em seu pestifero seio sofrer que medrasse o talento, sem pervertel-o o espirito sordido que o anima? Porque havia então a arte, reflexo irizado da vida, afigurar grandioso o que é estreito, noblificar o réles, e n'essa orgia banal de gente chata pôr *alens* de redempção transfigurante? Nunca meios como este chocaram a gestação de genios literarios, que sendo plantas de seiva rica, querem ar puro, terras de leiva, e circulos de sugestão e ação independen-

tes. Repassem nomes dos mais graúdos escritores e pensadores contemporaneos, Anthero, Camilo, Junqueiro, Oliveira Martins, Bazilio Teles, Teofilo, Fuschini, Anselmo d'Andrade: é uma falange de sonhadores solitarios e dissidentes, de insubmissos voluntariamente afastados ou banidos, que se alguma vêz, pela força das coizas, roçou no *gágáismo*, foi para de logo sahir raspando a poeira das sólas na portada. Os que ahi permanecem mais tempo, ou o violentam de represalias, se eram espiritos integraes (o caso de Junqueiro traçando a galeria goyesca de reis bragantinos, na *Patria*, depois de largar os *vencidos* da vida, e do mysantropo Ficalho, trazendo no anel, de roda do lobo heraldico, a despreziva legenda, « *não me seque* »), ou se deixam reduzir pelo seu charro conservantismo, e é o caso de Ramalho que depois de dar ao rei D. Luiz lições d'elegancia, e d'ensinar a duqueza de Palmela a servir bolos, acaba por achar o *Suave Milagre* do Arnoso á altura da musica de Wagner e das pinturas de Giotto e Fra Angelico.

Fica pois restrito o campo aos que por direito de nascença, dependencias sociaes, fluidos de seita, não podendo escapar do *gágáismo*, ou hão-de viver em penumbra fugindo propositalmente aos seus abraços, ou adequar-se-lhe á mediocridade, pou-sando em *beaux esprits* da confraria. O visconde de Santa Monica, Fernando Caldeira, Alberto Braga, etc., muitas damas escultoras e pintoras que expõem no *Gomes* mulatas em bronze e guarda-por-

tões vestidos de guerreiros, eis as glórias estéticas d'este principado especial da intelligencia portugueza, os especimens da depressão que o *gágáismo* exerce mesmo nos que possam ter um tal ou qual folego vivo. Começam por tropeçar na escolha das palavras, que podem não ser achadas bastante finas, e acabam por deformar, mutilar, estragar assumptos, « por se não poderem tratar assim na sociedade ». O episodio amoroso da *Madrugada*, de Caldeira, é formidando para dar o convencional *gá-gá* em toda a sua aristocratica puericia. Ha um menino engenheiro que andando aos ninhos na quinta (!), mal-a prima, dá uma queda das arvores e faz um *gálo*. Tudo isto em verso. A prima atalhe um lenço, e d'ali a pouco o menino adormece sobre um banco, do que a priminha se aguarda para lhe ferrar um beijo na bochecha. Inda o beijo se não tem colado á pele do primo, já a priminha, varada, leva ao coração os dedos tremulos: que sentiu ela? uma impressão desconhecida, filtrada de delicia, e que entretanto não sabe explicar aquella intrujona d'aquella menina de 20 anos, nubil e viva, que desde o principio da comedia arrasta a aza ao engenheiro. Quem explicará á purissima menina o conturbante refluxo que desde a beijoca do primo lhe faz encapelar o coração? Tão intrincado o caso lhe surge, que recorre a experiencias de laboratorio—isto é, vae dar um beijo na bochecha do tio bispo, velho de 70 anos, celibatario e casto, para logo constatar que não sen-

tira no peito a mesma coiza. Portanto se a dois beijos diferentes correspondem sobresaltos diferentes, e o provocado por monsenhor é a amizade, que nome dar ao provocado pelo primo? E é o bispo velho de 70 anos, celibatario e que talvez nunca tivesse beijado mulheres na sua vida, quem afinal explica á menina que o sobresalto do primo é o amor. Era um successo na sala.

— *Que lindeza d'alma de menina!*

— *Que intuição dos corações adolescentes!*

Princezos e princezas, talvez supondo-se os vivos modelos d'aquella innocencia paradisiaca, punham as mãos em serafins de presépe, rebolando os olhos humidos ainda dos orgasmos canalhas do sofá do cego da Mãe d'Agua. O que sobre a estulticia preciosa, e nenhum alcance como arte, esta literatura *gá-gá* tem de peor, é ter-se como uma habilidade ou prenda porque não ha culto, nem se exerce como sacerdocio, só para que se diga — « *ah, recebeu uma educação primorosa! monta, rema, joga o florete, toca piano, dança, pinta, escreve...* », como as meninas *gá-gás* teem a pintura, para meterem ferro umas ás outras. Se como passatempo esta especie de bretoeja fica em casa, sem veredictos buscar no publico pagante, haverá que respeitar-se como prazer de gente que se ilustra buscando articular em fórma culta, balbuciações estéticas latentes. Mas os que vem para a rua oferecer-a, formar com ela alimentação mental das massas, claro que não podem deixar d'entrar nos labo-

ratorios, para analyse, e que o quimico não póde ter dois veredictos, o dos ricos e o dos pobres — d'onde a necessidade de, seja qual fôr a conveniencia, se mandar inutilisar o « genero alimenticio ». Pois para quem não tem de ganhar a vida compondo, escrever mal não é prenda que obrigue, quando se podem gastar os ocios n'outra coiza. Mesmo na aristocracia portugueza é longa a lista de cavalheiros que se distraem com prendas e officios manuaes, para evitar o « mal da pena » que já fizera infeliz o perdigão. Na casa da Vidigueira ha um talentoso rapaz cujas obras de madeira sobrelevam as do mais exercitado entalhador. O Marquez de Viana bordava. Na casa d'Atalaya faziam sapatos. Ou se por mais fluido nervoso, um gentilhomem pouco déstro nas artes da escrita, sente impulsividades de crear, porque em vêz de mysterios não creará antes galinhas ou bichos de seda?

A verdade é que o snr. Arnoso, tenha as qualidades distintas que tiver, nem é um homem de letras, nem quazi chega a ser um diletante. Enquanto rabiscando contos e livrécos se não meteu á cara do publico com pretensões de moralista, a critica benevolmente deixava-o coroar-se de loiros, ordenando-lhe apenas os trouxesse por cima do côco, para se diferenciar de Camões e Gil Vicente. Mas no teatro de D. Maria, com toda a imprensa em cachorrinhos d'estrado, lambendo-lhe os fracos — no teatro de D. Maria é grave, e necessita

d'uma redução á verdade núa e crua. Pois por detraz da peça do snr. Arnoso, que se impôz á gerencia pela situação triumphal do signatario, e demoveu do tesouro alguns contos de réis para o teatro (é vóz geral), como só uma vez succedera, no tempo de Fontes, com os *Portuguezes de 1640*, do seu parceiro de gamão, o juiz Miguel Osorio, ha em D. Maria, n'um periodo de 4 anos, cerca de cento e tantos originaes recusados a pessoas que litterariamente valerão tanto ou mais que o snr. Conde, e para as quaes nem o Manini pintou vistas, nem poetas fizeram versos, nem actores fizeram bocas, nem jornaes fizeram sabujices, e que na sua modestia, miseravelmente corridos, nem mesmo depois da injuria sentiram forças para gritar aqui d'el-rei!

Já na primeira parte do artigo estudámos o que póde chamar-se a essencia doutrinal do *Suave Milajre*, e pelo raconto do entrexo se viu serem os seis quadros da peça, reedições monotonas d'um unico. Efetivamente ou seja o povo que se lastima dos olivaes e vinhas secarem (*1.º quadro*), ou seja o homem rico que berra de haver perdido cearas e rebanhos (*2.º e 3.º*) ou o chefe romano chorando o esperecer da filha unica (*4.º e 5.º*), o certo é que tudo isto é a mesma situação moral voltada e revoltada na mesma lingua de trapos, invocando Jesus com as mesmas lastimas e duvidas, mandando-o procurar com as mesmas toscas ofegancias, dialogada e expressa n'uma proza de rol onde gor-

golejam as imagens *escritas* do Eça com encalhes d'ouvido insuportaveis. Um homem de letras que tivesse a imaginação do detalhe, e a arte de vagalumar pelos infinitamente pequenos da fantasia e da estylistica, em situações poeticamente diferentes, essa unica situação moral que é o esqueleto do conto e do *mysterio*, certo haveria tirado a este ultimo o enfado bronco, como ao primeiro conseguira fazer a proza d'Eça, a ponto de no substrato das diferentes senas quazi se não dar com o repetir da situação.

Admita-se porém como está o entrexo do *mysterio*; pergunto se poderia fazer-se d'ele um poema senico que á luz da vida moderna verdadeiramente se pudesse chamar uma obra d'arte. Era preciso ser um filôsofo bastante do nosso tempo para reconhecer que sendo a religião obra das gentes, e datando o christianismo de edades de barbaria tyranica e oppressivo despotismo, o que ele fez foi ocorrer ás primeiras urgencias, isto é condensar o melhor da sua doutrina na purificação ideal das creaturas, e pela fixação d'uma omnipotencia pairante, arrancar cada homem ás sugestões malsãs do proprio eu, e os pequenos das garras dos grandes, nivelando todos n'um espirito de concordia determinado pela sublimidade moral do mesmo destino, mesmo principio e mesmo fim.

A obra d'esse filôsofo seria alargar então o arcabouço primeiro d'essa religião de ha 19 seculos, *mundanisa-la, contemporanisa-la*, fazendo um

christianismo evolutivo co'a vida, interessado pelo trabalho, sem politica, sem partido, não mais olhando o homem como abstração moral hemisonambula, mas como ele é, um animal sociavel, integrado na familia e na cidade, com virtudes ativas que lhe fazem ambicionar a riqueza, querer a gloria, e da suprema justiça ditames mais lucidos que os do efemero reino de sombras em que hoje só podem crêr velhas e tontos... Era necessario a par d'isso um poeta com retrospectividades de visão biblica, um psychologo mystico com uma vida de solitario sobranceira ao mar do mundo, sonhador como João de Deus e como Anthero, amando a terra e as coizas que a revestem, aspirando á perfeição moral pelo perdão e pelo amor. E por cima d'isto um domador déstro da fôrma, um temperamento polyedrico d'artista, com o ouvido rytmico e a visão fisica, gravada, do relevo dos sons e das palavras; e só então, completo, o estatuario modelaria a obra n'uma proza de versiculos, rolando um revolucionarismo ardente, psalmejante, como se a dialogassem na *Légende des trois compagnons*, os discipulos de S. Francisco d'Assis, ou a alma iniciada do monge Kempis, nos soliloquios tristes da *Imitação*.

O leitor faz favor de não rir quando eu lhe pergunte se para autor d'esse *Suave Milagre* poema, á altura d'um palco de teatro, o snr. Arnoso cumpre os requisitos altos que mais acima lhe expuz sucintamente. Sim, será ele o mundano filosofo, o

Renan filho que esmonde do christianismo das edades tyranicas a filosofia oportunista que sem deixar de seguir as puras doutrinas faça da religião uma coiza hygienica e atinente ás varias praticas da lufa-lufa contemporanea? Será ele o psychologo místico, o poeta de visões bíblicas, capaz d'evocar as edades da Judea rural, e viver o espiritalismo d'esses povos oprimidos? Ou o estylista polyedrico, o prozador psalmejante, movendo em divinos dialogos as figuras que Marillac e Tissot deixaram na pintura?

Hum! pensadores que mudam trinta vezes por dia a côr das meias, psychologos que ouvem tocar guitarra a bordo do hiate « D. Amelia », estylistas cuja obra mestra é a sabida carta « *Por ordem de meu real Amo e Senhor, cumpre enviar a V. Ex.<sup>a</sup>...* », cá me parece folheem a Biblia para outra coiza que não seja dar aos cães nomes de Herodes e Holofernes, e remexer o ainda para algum complexo problema de quem fosse o pae dos filhos de Zebedeu.

Por consequencia digamos que o snr. Conde já fez quanto podia, agarrando-se ás frases do outro, e cozendo tudo n'uma especie de tapete em xadrez de perguntas e respostas.

As frases do outro são porém frases *escritas*, seguindo um descritivo rytmico e onduloso, não para falar mas para lêr, de sorte que transportadas d'inteiro para o dialogo, chocalham n'ele á solta como cácos, despegam-se no ouvido sem se-

quencia nem musica, desgrudadas das cezuras, acrescentes, series de *eee.* de *porques* e *d'assim como*, que são no *mysterio* quasi que a colaboração original do snr. Conde. Imagina-sê então o efeito d'esse dialogo pretencioso e heterogeneo, obra d'estudantinho fraco nas postilas, quando os pobres atores esfalfados no meio de periodos surdos, cheios d'incidentes, onde as imagens servidiças põem nodoa, e as palavras puidas empastam, sem repintar com brilho a situação, quando os pobres atores quebram a curva da dição p'ra tomar folego, gorgolejam dois tempos, e lá repartem, pobrinhos, no mesmo escadeirado chouto de gericos. Mas se falta unidade á proza do snr. Arnoso, se a rytmia dos periodos claudica, e não ha textura oral no estofo mesmo dos dialogos, mais desagradavel ainda é a guerreia de aquella, com a poesia, correta ao menos, do seu socio. Ahi é que todo o fragmentario e postiço da obra se escadeira, ahi é que a diferença de massa dos dois craneos dá a impressão de cada qual não querer saber nada do outro. O snr. A. d'Oliveira sempre a puxar para cima, como a D. Placida do João da Camara, — o snr. Arnoso, aflito, perdido no assumpto apezar da cabula do conto, prevendo o instante em que o Eça se lhe acabe, e ele tenha de ser ao mesmo tempo autor, tinteiro e pena d'uma Judea sua, e de cahir. É o que algumas vêzes lhe succede: o conto pára, são precisas dobradiças para passar d'um quadro a outro, e vem então um d'aqueles

trexos originaes do snr. Conde, que pela fragran-  
cia e mimo, diz um articulista do *Commercio* « se  
põem ao lado do melhor que Eça deixou ». A Ara-  
bia das miragens, das bracieiras de flores, das fé-  
ras atitudes, das moças veladas, dos beduinos, dos  
presentimentos, dos sonhos, cede logar a uma es-  
pecie de Seteaes onde as meninas *gá-gás*, são Lias  
e Rabecas; sáe-se do paiz das palmeiras para o  
paiz da goma arabica, e vêem-se as caganifancias  
lyricas da ordem, bifurcadas nos adjectivos de toda  
a gente. No mais, a nivelação dos dois, perfeita, se  
bem que o conde ainda nos verbos, incerto... *vós  
fosteis, dissesteis, fizesteis* <sup>(1)</sup>, são coizas de que até  
as cosinheiras se emendaram. Ou adoptará talvez  
s. ex.<sup>a</sup>, por fidelidade de bom pagem, as singula-  
ridades gramaticaes da casa reinante, onde os prin-  
cipes escrevem Afonso com *e* cedilhado e cagalhão  
com *W*?

Assim, n'uma obra em que o snr. Arnoso só  
não transplantou do conto d'Eça as virgulas e en-  
trelinhas, chega-se á conclusão que o Eça está lá  
todo, e ao mesmo tempo, reparando como o espi-  
rito filosofico da narração foi deturpado, como o  
estylo passou de limpico a casposo, e o harmonioso

(1) Na impressão da obra em volume, ha poucos dias  
á venda, aparecem os verbos corrigidos, e emendadas para  
melhor algumas minudencias do dialogo. No mais verá o  
leitor a justeza dos reparos que fazemos.

unisono do thema a uma successão de paineis sem liame dramatico a juntal-os, recapitula-se que não está lá Eça nenhum. As razões d'este esvidamento são obvias. As palavras copiam-se, passam-se, como moedas doces correndo as bolsas sem paternidade investigada, mas não se pasticha a flama espirita que n'uma obra faz d'elas coiza viva, e que é afinal o talento nos impromptos do ser original. O snr. Arnoso transporta, é certo, as efemerias palavras que são apenas fichas de jogo; vae, não póde lá pôr o espirito intransmissivel, porque não tinha que pôr em seu logar. Dest'arte sendo o conto um bocado de poesia, o *mysterio* é um bocado de rolão. Para que indagar então, não é assim? se a peça traz algumas das essenciaes condições entre que a critica usa pedir autoria ás obras d'arte? Sem a condição primacial da « embriaguez concetiva » que cumula irritabilidade na maquina nervosa, toda a laboração artistica é impossivel. A excitação sexual que é embriaguez concetiva, estética, mais velha, diz Nietzsche, a embriaguez que acompanha todos os grandes desejos e emoções, atos de bravura, luta, vitoria, festa — todos os movimentos externos da crueza e destruição — os de certas influencias meteorologicas, o da primavera, o da influencia dos narcoticos, o da vontade acumulada e dilatada, tudo isto determina, por um sentimento vertiginal de força e plenitude, o quer que seja d'um exaspero cerebral extra-lucido, *d'uma embriaguez que tem em si po-*

*tencia d'arte*. « Sob o imperio d'ela, o artista abandona-se ás coizas que o rodeam, força-as a quere-rem d'ele, violenta-as, transforma-as, até que elas lhe reflectam a força, e sejam o breviario da sua perfeição ». Ora qual a embriaguez concetiva do snr. Arnoso ao escrever do seu mysteriosinho? No melhor caso, o proposito de prestar culto á memoria d'um morto, estragando sem-cerimoniosamente o que ele fez. O pretexto filantropico de subsidiar com o produto da peça o monumento a Eça de Queiroz, embora como ideia, delicado, por fôrma alguma resgata o delicto de se deturpar uma obra bela, com uma parodia caricata, pois a meu vêr não se hombra com um talento d'escolha, sem a consciencia de dons equivalentes — aliaz toda a ideia d'extrahir traz comsigo a implicita de sugar. Ora lendo o *Suave Milagre* do snr. Conde d'Arnoso, incolor, semsabor, em coalhos desconexos, logo se vê como Galilea e rabi lhe sejam tão indifferentes fóra da sugestão episodica do Eça, que em nenhum caso venham a lhe produzir o estado d'alucinação ou bebedeira « trazendo em si potencia d'arte ». Efetivamente que sonhou ele de civilizações tão afastadas, de pietismos tão fóra da modernidade cára aos gozadores? Fatos de mascara, lausperenes ou novenas em capelas cheirando a *boudoir*. A sua embriaguez concetiva portanto o que ha-de ser? . . .

Decomponha-se um pouco o estado psiquico chamado embriaguez concetiva, nos dons essen-

ciaes que todo o artista deve ter e transmitir á obra d'arte: acharemos personalidade, character e emoção. A *emoção*, base da estética, devendo ser sincera não tanto no ponto em que ela alvorota o coração do artista (esse alvoroto importaria pouco ao caso d'arte), mas n'aquel'outro, primaz, em que transforme a obra n'um produto sensibilizado contra que vem chapar-se a polarisação sentimental do espetador ou do leitor. Ora, que especie d'emoção ha-de ter sentido o snr. Arnoso ante um assumpto que doutrinariamente era já mystificação no conto d'Eça, e não passa de reproduzir, n'um symbolo sedição, uma teoria do bem e do mal mais velha que o caruncho? *Emoção!* Pois o snr. Arnoso pôde lá ter emoções capazes de se intellectualisarem em factos d'arte? Se s. ex.<sup>a</sup> acaso fosse uma creatura de meditação e reflexão, uma alma contusa, tresviada do seculo, um propagandista da fé refugiando na ideia de Deus uma noção de justiça irrefragavel, ainda se lhe poderia supôr no craneo esse quid maluco que faz as vezanias dos beatos e dos mysticos, e mesmo chega a originar nos espiritos bossaes uma polarisação qualquer sentimental. Mas nada d'isto acontece. O sr. Conde é um produto da civilisação artificial do nosso tempo, amigo de coizas faceis e ligeiras, que se retrata de cabaia e leque, e põe benzina na roupa, e como propagandista catolico vae á missa da uma, tendo a sua hora chic de vêr Deus, entre a da pastelaria e os *rendez-vous*. Que pôde pois a

magia da sua pena transferir ao leitor d'uma convicção que não existe, e d'uma sação d'arte a que a sua versatilidade de janota é indiferente?

... deve o artista, não só sentir, como exprimir d'uma maneira sua e original. É o que se chama *estyllo*, que é a expressão literaria do caracter, e só teem os artistas unos que sociologicamente ao mesmo tempo sejam typos definidos. De sorte que em arte, a *personalidade*, mesmo quando o artista imita, faz da obra uma interpretação, nunca uma copia, e este transfigurante poder desconhecem-no os mediocres, coitados, que suprem o *estyllo* por uma especie de receita. Sobre este ponto cuidou já ter escrito o necessario por onde ajuizar da personalidade estética do snr. Arnoso: tocámos o seu *mysterio* como doutrina e essencia filosofica, como arreglo de modelo estranho, como obra de linguagem, como complexidade inventiva e como todo; e a observação de Ferri sobre as obcessões artisticas dos matoides vem aqui cerce á conclusão de ser o snr. Arnoso um pouco interessante amador de letras gordas.

Mas um artista não se limita na obra a dar relevo simplesmente a detalhes superficiaes, a armar aos sentidos sem por eles acordar o numero d'ideias bastante a nos reter e cativar a atenção profundamente. Ele sabe das coizas o que faz d'elas o valor carateristico, e as originalisa em qualquer ramo, tornando-as typos d'especie, isto é, distinguindo-as d'uma maneira absoluta e inconfundi-

vel (1): e eis o que constitue o *character* na obra d'arte.

Tudo isto são afinal divagações que o *Suave Milagre* não péde, e só aqui vem por um exagerado amor de fazer luz.

Que eu não tenho duvida em incluir o snr. Arnoso na pleiade dos que, como diz Goethe, « consagram vigílias a esclarecer o seculo em que nasceram »; o ponto é que n'essa obra em que s. ex.<sup>a</sup> figura d'autor, me seja apontada a porção de talento com que ele verdadeiramente a esclareceu. Porque afinal de contas onde é que está no *Suave Milagre*, genuinamente d'ele, coiza que se veja? Por exemplo: ideia, frases inteiras, são do Eça; os versos, do Oliveira; a musica, do Oscar; os fatos, do Cohen; as vistas, do Manini: em termos que só encontro vestigios da sua padreação nos disparates.

D'um ponto ultimo me occuparei, por conclusão, e vem a ser se dado o arreglo infeliz do snr. Arnoso, tem s. ex.<sup>a</sup> o direito de sobre ele invocar no cartaz, em grandes letras, o nome do romancista Eça de Queiroz. Dizem que o snr. Arnoso tem pela memoria d'Eça um culto ciumento (respeitavel), levado porém a um absolutismo comico, trivial em espiritos incultos. A tal ponto o snr. Arnoso se imbuuiu da infalibilidade dos seus juizos

(1) L. BRAY — *Du Beau*.

literarios, que para o caso d'Eça nem sequer admite o possivel d'uma divergencia: de sorte que transforma em odio o esforço que se limitaria a gastar n'uma sincera e franca discussão, se fôra lucido.

Cuidava eu que essa admiração fanatica que tão intransigente se mostra sobre o direito que tem cada qual de julgar personagens e coizas *publicadas*, subisse de rigor na proporção da gravidade dos atentados contra o prestigio e gloria do romancista, por fórma a lhe guardar a obra intacta das incursões de colaboradores e interpretes mediocres, que são as argamassas peores do genio e do talento. Pois para mim, o delito grave não é criticar a obra publica d'um espirito, sabido como, da discussão sáe a luz pura da verdade, mas violar, deturpar o que encerra o espirito integral dos que não voltam. Ora pelo que temos dito, o snr. Conde violou e deturpou!—Violou, porque nenhum principio autorisa plumazes da sua craveira a se talharem na obra d'um celebre, ridiculos balandraus de sacristão; d'outra fórma teremos ainda os *Luziadas* em magica, e as *Farpas* em revista do ano.—Deturpou, por não ter entendido absolutamente o espirito do conto, e recosinhar para adultos uma ficção já para creanças pouco exata, e enfim, extrahir da obra d'Eça apenas inexpressivas frases frias, como se extrahe d'um ventre vivo, um feto morto. N'estas circunstancias talvez os invejosos não vejam pelo melhor os arreglos dramaticos do snr. Conde, nem lhe funda-

mentem tam pouco o direito de pôr o nome d'Eça n'um cartaz de teatro ao pé do seu.

Eça de Queiroz vivo, podia sancionar o delito com um decreto da sua real munificencia, e não haveria que dizer: o *Primo Bazilio* daria o braço á *Primeira Nuvem*... Agora com Eça morto, será melhor não proseguir nas extrações, porque toda a afetação de familiaridade é uma falta de respeito.

E volvido este longo sermão de penitencia, vae muita gente supôr faleça ao *mysterio* do snr. Arnoso qualquer coiza formosa sobre que valha a pena incidir nossa atenção. Pois enganaram-se! Ha uma coiza magnifica, de genuino talento, genuina arte, genuina invenção do snr. Conde: os agradecimentos. Donaire, riso, o pé de dança, a perna em arco, a cinturinha de vespa, que perfeição! que volatilisação!—se o genio dramatico estivesse em curvetas d'espinha, a fama do snr. Arnoso excederia hoje a d'Ibsen e a de Hauptmann, tanto o seu estylo de se desverticalisar vále o dinheiro.

Entretanto como este talento especial dos agradecimentos só póde ser cotado em peças que metam chamada ou ovação, resulta que nem sempre n'uma obra dramatica a sua interferencia é dominante. Ora sendo incontestavelmente o snr. Conde o primeiro agradecedor de peças da Peninsula, e não podendo ainda, por um lastimavel atrazo da critica e do publico, o *Suave Milagre* classificar-se de primeira composição dramatica dos dois reinos,

resulta um desparalelismo que só deve cessar arranjando o snr. Conde pessoa que lhe escreva as peças, pelo menos tão bem como ele as agradece.

N'esse dia aqui nos tem para o salgarmos genio, nos Jeronymos.

# SEXTA EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

---

## OS PINTORES (1906)

Grande parte das exposições de quadros abertas por Lisboa, não valem para assim dizer registro detalhado: artes e letras tendo sofrido abandono igual do publico, foram cahindo em repercussões banaes da mesma falta de fé professional, a ponto de hoje pela mór parte parecer estejam sendo exercidas por automatatos. É a impressão causada pelos livros que se escrevem e os quadros que se pintam, os azulejos e estatuas: coizas quazi todas feitas de côr, no entreato de preocupações de vida mais urgentes. É uma tristeza que vem não só da falta de talento, como tambem d'uma especie de paragem na curva evolutiva do character: o portuguez sitando a distancia igual do branco e do negro, aos quarenta anos para-lhe a cabeça, e todas as fontes d'ensimesmação moral como que afrouxam, resultando pousarem em solitarios de Vale de Lobos muito antes de terem escrito a *Historia de Portugal*.

Esta incarnaçãõ a modo escultural do despeitado sem obra, do genio sob palavra de honra que o portuguez pasticha, reedita a certa altura da vida, na profissãõ das letras e das artes cria caricaturas estranhas de falhados, e dá fisionomia a uma multidãõ d'imbecis que d'outra fôrma volveriam sem historia ao cahos da silenciosa anonymia...

Sem móres ofegancias jacobinas, que na minha idade poriam nódoa em vêz de brilho, direi que este envilecimento do intellectual não cessa enquanto lhe não dêrem na vida publica o papel que o cacique politico e a sua espuria córja lhe tirou. Enquanto um bacharel vacãõ com 500 votos em Sarnadas ou Porrinhos tiver na sociedade portugueza mais pezo do que um novelista ou um escultor; enquanto os chefes de partido se jactarem de não lêr senãõ o *Diario de Noticias* e não quererem de partidarios nenhum sabio ou *escrevedor* que lhes dê ordens; enquanto um publico bronco e sem curiosidades d'espírito subsistir na ignorancia em que propositalmente o deixa uma classe dirigente de malandros, sob as vistas d'um rei que passa oito mezes do ano matando entre 5 a 6:000 inofensivos animaes—enquanto isto assim fôr, amigos, é claro que os intellectuaes nunca serão na vida portugueza mentores e sugestores, senãõ carne d'escravos, condenada a esperecer sob as patas do rei, do chefe de partido e do vacãõ, estorvo n'uma sociedade onde o talento é crime e

a probidade um caminho mau para medrar! Se artistas e escritores, chegado um certo ponto de vida, degeneram, é que a função social que lhes cumpria, foi sustada, e nenhum ser inteligente póde viver desintegrado do rodopio vital pra que nasceu. Pintar quadros pra que ninguem olha, escrever livros que ninguem lê, eis ahi funções que em toda a parte seriam grandes, e aqui, entre nós, por sua nula incidencia sobre o publico, quazi que sou forçado a declarar indignas d'um trabalhador altivo e independente.

Todas estas coizas para lhes vir falar da exposição...

Em ponto algum da terra portugueza ha hoje um artista grande e individual que altisonar. O talento artistico entre nós, ou é fragmentario, contraditorio, como em Columbano, e lança uma alternativa de sombras e clarões, ou um produto do metodo, como em Teixeira Lopes, e rezulta uma coiza resfriada onde não fica margem á creação.

Rafael Bordalo foi o ultimo grande temperamento d'artista que se inutilisou n'este contaminado meio de pégas e pavões. Numerosos cultores das artes e das letras singram, estou certo, o lago azul, rente á cidade de torres de marfim, mas são Lohengrins sem cysne, e quanto a cavaleiros do gral, só algum que pisa linhaça nos intervalos do estro, e faz com oleo de ricinos ajudas com que fazer juz ás... encomendas.

Talvez que muitos d'eles tenham o que se

chama propensão, talento mesmo; mas são faculdades de simio, imitativas, sem psyquismo, sem viço, nem qualquer coiza que syntetise o ardor centrifugo d'um cerebro emancipado: inteligencias corticaes que não dão almas, mas sombrinhas, e que na mór parte dos casos, supondo erguer castelos, erguem hombros. Eis o que n'esta exposição se tópa, e o que nas outras todas se tem visto, qualquer o periodo em que venham, quaesquer os tubos da fama que as proclamem. Gente que tem o seu talentosinho como uma herpes, e todas as primaveras o vê bretoejar em paysagens, bustos e azulejos...

Sovarei em primeiro logar S. Magestade, pra que se não diga que um republicano não trata o seu rei, como quem é. Ora sente-se n'esse banquinho o snr. D. Carlos de Bragança. Mãosinhas quietas... Tem o menino um pastel de rochas e de vagas, feito n'aqueles claros tons em que tanto se praz a sua paleta de yatsman, afeita á luz irradial dos seus marinhos. É seu, ou não é seu? Não se faça encarnado. O pastel é feito sobre um kodak fotografico. Não negue! A rocha é solida, forte, bem tocada de luz perspetival. A agua é creme, a espuma, clara d'ovo; quanto ao fundo, ha umas velinhas brancas que parecem mesmo os republicanos que o menino não deixa entrar no parlamento.

O pastel não é feio. Não agradeça! Como mete costa, vamos, é um pastel de marisco, que entretanto nos mostra como o menino é muito melhor pintor do que monarca, e póde ainda aspirar a uma honrosa posição na sociedade, se aceitando o legado Valmor, fôr estudar a Paris a maneira de tornar os pasteis comestíveis... para si. Ah que futuro ridente? viver do seu trabalho, que é uma coiza que o menino aconselha aos outros nas mensagens! Que jubilo para a caça, meúda e grossa (as pêgas excepto, e os monocordios papagaios, que com seu eterno «*é o rei que vae prá caça!*» não seriam mais os cronistas possiveis do reinado) quando lhe disséssem que o seu cruel perseguidor sahia a barra!

Depois do rei, vem o snr. Carlos Reis, que os jornaes já por ahi dizem ser um mestre, e é efeti-  
vamente professor de paysagem na Escola de Belas Artes de Lisboa. O snr. Reis tem no retrato de Bensaúde (123 do catalogo) uma cabeça pintada com cuidado e relativa força d'expressão. É do melhor que em sua vida artistica tem feito, e do pouco por ele gestado em propositos d'arrancar ao modelo esse algo interior que caracteriza e dá selo facial, e geralmente impressiona pouco, na sua justa medida, os pintores retratistas, que ou o exageram nas fisionomias neutras e apagadas, ou

nas excessivamente individuaes o chegam a atenuar e suprimir.

Alguma coiza d'isto succede logo ali no retrato do Conde de Sabugosa (121 do catalogo), cuja cabeça, ainda de certo brilho robusto, tem já o abuso de tonalidades violentas, e efeitos de contraste, preparando a pendente para os retratos dos drs. Avelino Monteiro e Borges de Sousa, que cheiram diabolicamente a pano-talão, *pochades* de cartaz, d'espantar eles!

De feito, como a fisionomia de Sabugosa é uma coiza placida e um pouco extinta (de homem que em pouco tem a fachada, moído acaso de preocupações mais singulares), o pintor sabendo que se trata d'um letrado, quiz corrigir-lhe a expressão como ele entende. Então *revéla-lhe* aquele alérta de bravura mosqueteira, dá-lhe um cenho de panfletario e governador do ultramar, que para logo falseam o modelo sereno, sem melhorar a mascara triste do fidalgo descendente dos Cezares — que supponho nunca o foram de Bazan.

Mas este Sabugosa ainda tem, como dizia, o aspecto d'alguma coiza d'erguido e feito em preamar de sinceridade discreta e altiva petulancia. O pobre do meu amigo Avelino Monteiro (120) esse pintaram-no em estado de lepra adeantado, toda a pele do rosto grulhando de tuberculos; e sua testa rugosa, e o nariz n'um figo de Barbaria, e projetado prá frente, um ventre solto, onde algum difficil almoço lhe dilata os muros d'infra

diafragma!... Com aquelas brancas severas de clinico, o bipartido pigarço da perilha—ai, pobre doutor! quem diria que tão veneraveis cans dessem motivo a te exhibirem nos queixos, restos da *Manhã de Clamart* e outras veneraveis sucatas d'obra prima!

O snr. Reis veio de Paris com um impressionismo teorico que espalhou na pintura muito mais *pochade* do que arte, e entretanto fez o seu tempo, deixando aqui e além um ou outro bocado singular.

Quando a esta *toquade* os pintores sacaram tudo que ela podia dar de mirabolante, cada qual pôz-se a esquecel-a, e só por algum canto de provincia, algum dormido conservador n'ela tropéça e deita a exhibil-a como sua.

Fiar então da teoria das franjas cromaticas, para escorrer no bigode do dr. Borges de Sousa uma pingoeira d'azul ferrete á guiza de côr complementar, é pôr mui longe a confiança na quimica pupilar do espectador, e referir ao genio retratista, habilidades que são méros efeitos de senografo. Porquanto, a todo o pintor de retratos importam dois deveres imprescindiveis. O primeiro que o retrato seja, no possivel da obra d'arte, o retratado, o que para logo afasta toda a ideia de se forçar a nota dos efeitos expressivos, respeitando e conservando a expressão placida ou comum que ao modelo seja habitual. O segundo que o pintor não complique o processo, pois tal compli-

cação, em vêz d'uma fórmula de talento, muito bem pôde ser um módo d'iludir e disfarçar a falta d'ele.

Com a falta de consistencia nos planos constructivos, o snr. Reis arma figuras que estariam bem em panos-talões e cartazes ilustrados, mas como pintura a oleo chócam a vista e só miram impressionar por abuso de tonalidades violentas. Não vejo pois n'este printor senão um mediocre executante, pouco observador e eivado d'artificios, perigoso para os que estudam, e só com algum intervalo lucido que é pena se não amiúde ao longo da sua já comprida galeria.

Malhôa expõe dois quadros velhos, *A Procissão* e *Barbeiro d'Aldea*, constando de senas de povo que ele se tem dado a observar com uma certa fortuna e humor bucolico.

Malhôa é um produto da Academia de Belas Artes de Lisboa e d'um trabalho assiduo de trinta anos, sob cujo ariete a sua maneira tomou rumo proprio, e a sua obra lentamente começa a formar capitulos d'uma odyssea rustica nacional.

De ha muito está evidenciado o erro parvo de se expedir pintores em reforço d'estudos a Paris, por conta do governo.

Ministros tirados em geral de bachareis palreiros, sem ideias precisas nem pontos de vista refle-

tidos, intrigantes d'arcada quando muito peritos em falcatrúas d'eleições, preferem ouvir em casos d'apuro algum dos gazeteiros sabujos que os defendem, a fazer directamente consulta a qualquer ou quaesquer opiniões ou corporações autorizadas.

D'aqui provém que as tentativas feitas por algum, de mór iniciativa, permanecem através as vicissitudes dos gabinetes, anos e anos, mesmo depois de se ter reconhecido que não davam resultado. É o caso dos subsidios a alunos que findam curso nas nossas Academias de Belas Artes, e que ha meio seculo no estado d'ensaio preliminar, significando intenção de se trazer á pintura portugueza morrente, um pouco de sangue francez que a resurgisse, apenas conseguiram melhorar um pouco o *savoir faire* dos artistas, e lá continuam em panacea inutil, mau grado os subsidiados volverem ao paiz tão vagos como foram, e com a agravante de muito mais desnacionalizados.

Ainda os escultores talvez ganhem um pouco, pois a escultura franceza faz cimo, como apogeo d'uma acuidade plastica que parece ser um dos insinuantes dons do cerebro gaulez; mas os pintores, os pintores!... Malhôa, enclausurado, trinta anos, com a sua pertinacia, n'um canto de provincia; sahindo ao campo, todas as manhãs, caçar motivos; observando e praticando os rusticos, e sua circunscrição de plantas e de bestas; creando, pelo trabalho continuo, una gynastica de paleta perita no registro das dinamisações e aflorações da

luz, segundo os ceus e as horas; assimilando-se enfim á vida patria, por um escalrachismo de monge entre as lages da cela bysantina, em verdade consegue mais para a gloria da arte portugueza, do que todos os saltamontes do virtuosismo cosmopolita, do que todos esses pintores viajantes que nunca chegam a dar pela missão concentrica e sagrada que todo o artista invéste, qual a de esvurmar com o sabio e epopeisar com o poeta a utilidade ou beleza do rincão geografico onde o destino o fez brotar.

Os intellectuaes que por fóra d'esta apostolacia nacionalista, racista, seguem rumos estétas, só sendo como Sakespeare ou Wagner, na astronomia do genio, anormaes constelações, é que teem juz á adoração dos povos fechados, como nós devemos sel-o, na teimosia feróz de defender a nacionalidade contra os trusts da fusão do mundo em grandes paizes. Pois quanto distraia esses povos da ideia d'agregação e familia historica, corrompe a alma politica, e é atentatório do culto nacional, territorial, que todos devem ter.

Porque, digam-me d'um só pintor portuguez cujas qualidades volvessem repolidas, amplificadas, virilizadas por qualquer estação em *ateliers* parisienses! A efemera melhora que um ou outro experimenta, provém d'uma fase fatal d'evolução, que tanto se daria em Portugal como em Paris, e ordinariamente lá pára mais depressa, pois n'aquella batalha de competencias os espiritos medianos ou

mediocres (de que o portuguez é typo) cedo naufragam na imitação dos consagrados, volvendo ao paiz em teóricos comicos, como o Anatóle da *Manette Salomon*, em *pasticheurs* inchados de prosapia, d'estudantes ingenuos que foram pobres ovelhas que nunca mais verão pelos seus olhos, nem saberão exprimir por meios seus! Melhor fôra então deixal-os no paiz a trabalhar e a sofrer por sua conta, que se a vocação os mordesse, como em Malhóa, eles completariam dentro em si mesmos o cyclo perfecional, adquirindo por esse digesto havido á custa propria, a individualidade, o eu, que os repatriados de Paris raro conseguem.

D'ahi, como nem só da pintura vive o homem, e presentemente grande parte dos cursos professados nas nossas Escolas superiores não estão á altura das exigencias scientificas do tempo, porque razão não ha-de o Estado conservar aos pensionistas de Belas Artes apenas o legado Valmôr, reservando o mais a subsidiar estudantes de Medicina e cirurgia, Agricultura, Escolas Industriaes, etc., para os quaes questões de hygiene, bacteriologia e operatoria, agricultura e quimica agricola, fabrico de maquinas, tecelagem, tinturaria, gravura d'estofos, urgentemente reclamam estudos tecnicos, cadeiras especiaes que ou se não implantaram ainda entre nós, ou andam na competencia confusa dos méstres em estado de noções nefelibatas? Nos dois quadros expostos por Malhóa, a *Procissão* é pictorescamente composta, cheia de verve rustica e

admiravel viveza d'expressão. As tres figuras de fogueteiros que andam á frente, são tres achados d'atitude, especialmente o rapaz do centro, colhido n'um arraial de Castanheira de Pera ou Figueiró. Na mancha de poviléu que vem traz d'elles, ha lufa-lufa intensa, falario aldeão, côr plebea, solar, d'um paiz de vedonhos e ceus sêcos; logo ao fundo direito, a teoria d'opas, vermelha, na préga de terreno, junto ao pálio, evóca a obtusidade beata do paiz rural com uma intensa poesia melancólica...

Este quadro péca porém por demazia de pormenores, e um abuso de franjas córadas que lhe imprime assim um ar de cromo, pécha frequente nas decorações modernas de Malhóa, e que transportada á pintura d'oleo, fatalmente lhe industrialisa a obra, e é mister banir a todo o transe.

Está o seu *Barbeiro* no mesmo caso. O fundo, de cazótas brancas, na cóva do terreno, é uma aparição dos moradios de cal e telha-vã dos nossos logarejos. O labróste que se apoia ao guarda-chuva barraca, e o de focinhos ao léo, a que mestre escama lh'os descasque... eis umas figuras cheirando plebeamente a estabulo e cortelho, que ninguem contemplará sem recordações regionaes, n'um suave calor de coração. Os mais grupos, bem postos, d'um humorismo manchego; só destacam mal na chã do fundo, pois trajas e rostos teem aproximadamente a côr da terra, dando á primeira vista, da sena, uma aperceção confusa e um pouco fosca.

A serie de velhos e velhas do snr. David de Melo, o *Enterro de Christo* e a cabeça d'estudo do snr. Ruivo Junior, tudo isto são começos de vida que convem não melindrar com máus prognosticos, des'que para a pequena pleiade de futuros artistas esses nomes representem aquisições de plantas já d'algunha fórma abrolhadas pra florir. O mesmo para um ou outro quadrito ou mancha dos snrs. Artur Alves Cardoso, Antonio Manoel Saúde, Francisco Gil, Augusto Ribeiro, João Cardoso, Ribeiro Junior, etc., que por agora, incipientes, e mau grado a ausencia d'ideia e evidente receita com que pintam, todavia n'um ou outro bocado deixam o espectador suspenso na interrogação do « se seria possivel, com estudos mais fortes e observações mais perscrutantes, fazer sahir esses moços da rotina spasmodica e da banalidade imitativa, em que méstres prejudiciaes, publicos forretas, e vidas distrahidas, para viver, em mişteres inimigos da pintura, necessariamente os traz amosendados? »

Querendo completar a resenha, ponham-se os nomes dos snrs. Condeixa, Thomaz de Melo Junior e Almeida e Silva, que no certamen representam a pintura antiga, e as snr.<sup>as</sup> D. Laura Sauvinet, Emilia Braga, Luiza d'Almedina, etc., cujas obras, mau grado o passatempo elegante que as gestiona,

verdade não são melhores nem peores que as que lá põem os considerados profissionaes na pécha de salgalhar tintas em téla.

Todos estes expositores, mesmo os mais velhos, vejo que vão na fáse ingenua, inicial, d'um cyclo que os em cheiro de artistas avançados e supostos méstres prefázem sem immortalidade nem grandeza, com dotes eguaes e irresponsabilidade equivalente, como quem léva no cerebro uma mecanica que em vêz de dar horas ou cozer á maquina, faz pintura. Nenhuma duvida que as obritas expostas não envergonhem quem haja de limitar o criterio da missão artista a uma especie de habilidade manual; mas não é esta, supponho, a pretensão das artes nobres, que como instrumentos de cultura hão-de ter a profundeza complexa que as impaciencias do seculo requerem, em vêz de ficarem, como entre nós fica tudo, n'uma especie de falsificação, de sucata, das atividades sérias lá de fóra. Porquanto, olhando para esta exposição e para quantas em Portugal venham a dar-se, d'arquitectura e artes subsidiaries (escultura, pintura, etc.) logo se vê como nenhum d'esses expositores traz dentro em si, visivel pelas obras, alguma inconfundivel chispa a deixar esperança ao advento d'algum artista grande e original.

Todos teem, percebe-se, um preparo comum que melhor ou peor é *em todos o mesmo*, e representa das artes a parte facil, ensinavel, pela qual discipulos zelosos chegam a egualar-se aos mé-

tres, se os méstres são quotados, ou rapidamente os excedem, se o não são.

Mas esse grito, esse tic, essa iluminação interior que é a parte concetiva, creadora, imortal do cerebro humano; esse dom de tirar agua da rocha informe, de resuscitar com vida d'espírito a materia amorfa e analgésica, de crear fórmãs, fantasmagorias, sonhos que agitem mundos, onde é que se ouve? onde se vê? onde é, que está? Porque sem esse dom sublime, intransmissivel, que se chama talento, genio, faculdade creadora, tudo é cisco, banalidade omanimoda, reduzindo a arte a uma prenda de sala, a um automatismo antro-poide, imitativo...

Para se ser pintor, como para se ser escritor, o indispensavel é um digésto filosofico, uma autonomia mental mobilisavel por maneira que ela permita ao espirito libertar-se em qualquer tempo dos prejuizos da educação anterior, podendo abrir, assim armado, caminhos novos para esféras sublimes, intangiveis, sem perigo do inconsiente hereditario se intrometer, prejudicando os haustos da fantasia espontanea, original.

Sem essa autonomia consiente ou latente que faz do artista primeiro que tudo um cerebral, ninguem vae além da banalidade comum, ninguem faz um passo seguro em qualquer parte.

Para a alcançar é mister não só um talento independente (caso raro n'esta terra onde até o pensamento livre é sabujo), como tambem uma

d'estas culturas fecundas que turgécem a memoria de sucos, e foram o segredo da gloria d'aqueles grandes méstres da Renascença italiana.

Ora, além de que as escólas de Belas Artes não podem exigir nem dar essa cultura, e por outro lado artistas feitos não pensam nem querem tomal-a por sua conta, dos livros, a verdade é que o typo de mentalidade portugueza está sendo em todos os ramos um typo subalternisado e inferior.

Do que vem dito pois póde inferir-se:

*Primeiro*, que as condições d'educação e fortuna de publico não são de molde a aplaudir e subsidiar grandes artistas. Este paiz, além de pobre é por enquanto, e será por muito tempo ainda, se a depressão do regimen politico não cessa, um paiz quazi por completo enbrutecido.

*Segundo*, o rumo dado á educação publica não mira fazer cidadãos dentro da adoptabilidade e compleição psyquica do indigena e das tradições e feição moral da sociedade, senão seres artificializados, pueris, inaptos para perscrutar profundas e esforços de trabalho demorados, preguiçosos, vendo das coizas só os aspectos exhibitivos e brilhantes, e sacrificando tudo ao figurino extra-europeu.

*Terceiro*, a debilidade intelectual da mocidade escolar, a sua ancia arrivista desvirilisada pela inercia e horror ao trabalho sério, explicam categoricamente a falencia das ultimas gerações, e o advento d'esta era de mediocridade que a monar-

quia aproveita para corromper o character e medrar da barbaria ignorante da nação.

No caso restrito de Belas Artes, essa mediocridade ajudada por vicios d'educação dispersiva, vae quazi a interdizer por completo a aparição d'um grande temperamento de literato ou d'artista, que mesmo aparecendo, seria desnacionalizado á nascença, acabando por se dissolver sem obra perduravel.

*Quarto e ultimo.* Em taes condições o regimen melhor quadrante aos artistas d'algum merito, será ainda deixal-os ficar no paiz sem bolsas de viagem, perdidos na turba, forjando o estro na anonymia fecunda dos arrebaldes e dos campos, longe do verniz francez, pedante, funesto a quazi todos.

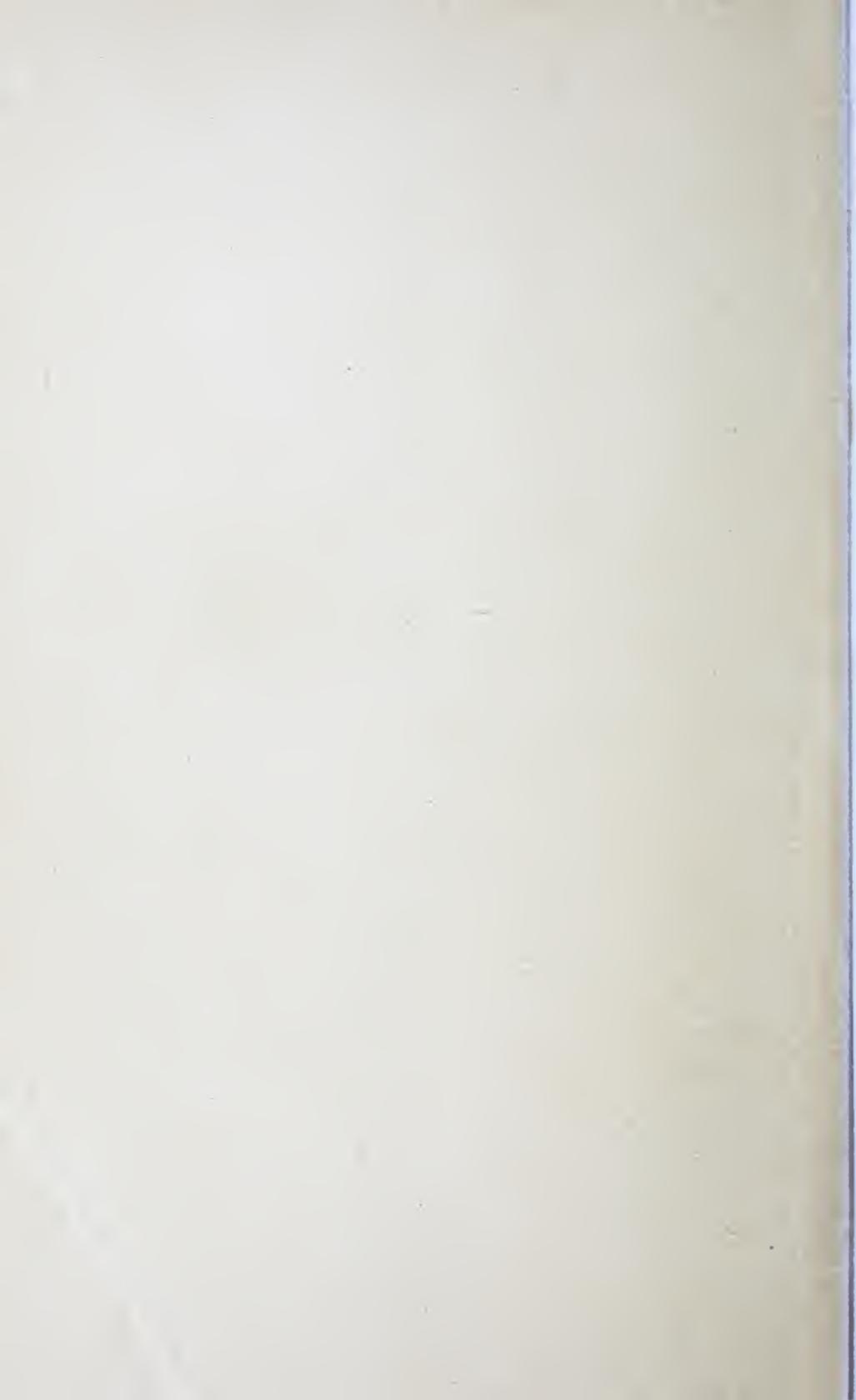
Que assim podia ser que algum surgisse, planta do solo, madura de sucos portuguezes genuinos, capaz d'agitar n'este fantasma de povo a consciencia dormida d'uma patria contra que tudo conspira, sem que os seus filhos a enobreçam e honrem por obras altas.



# INDICE

---

	Pag.
Um juizo do ano . . . . .	5
Lisboa monumental . . . . .	87
Exposição Silva Gouveia. . . . .	145
O Afonsinho... d'Albuquerque. . . . .	153
Coelho Netto . . . . .	161
Literatura <i>gá-gá</i> . . . . .	197
Sexta Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes . . . . .	257



---

---

F. d'Almeida

---

---



---

---

“Barbear,  
Pentear,,

---

---



---

---

600 RÉIS

---

---



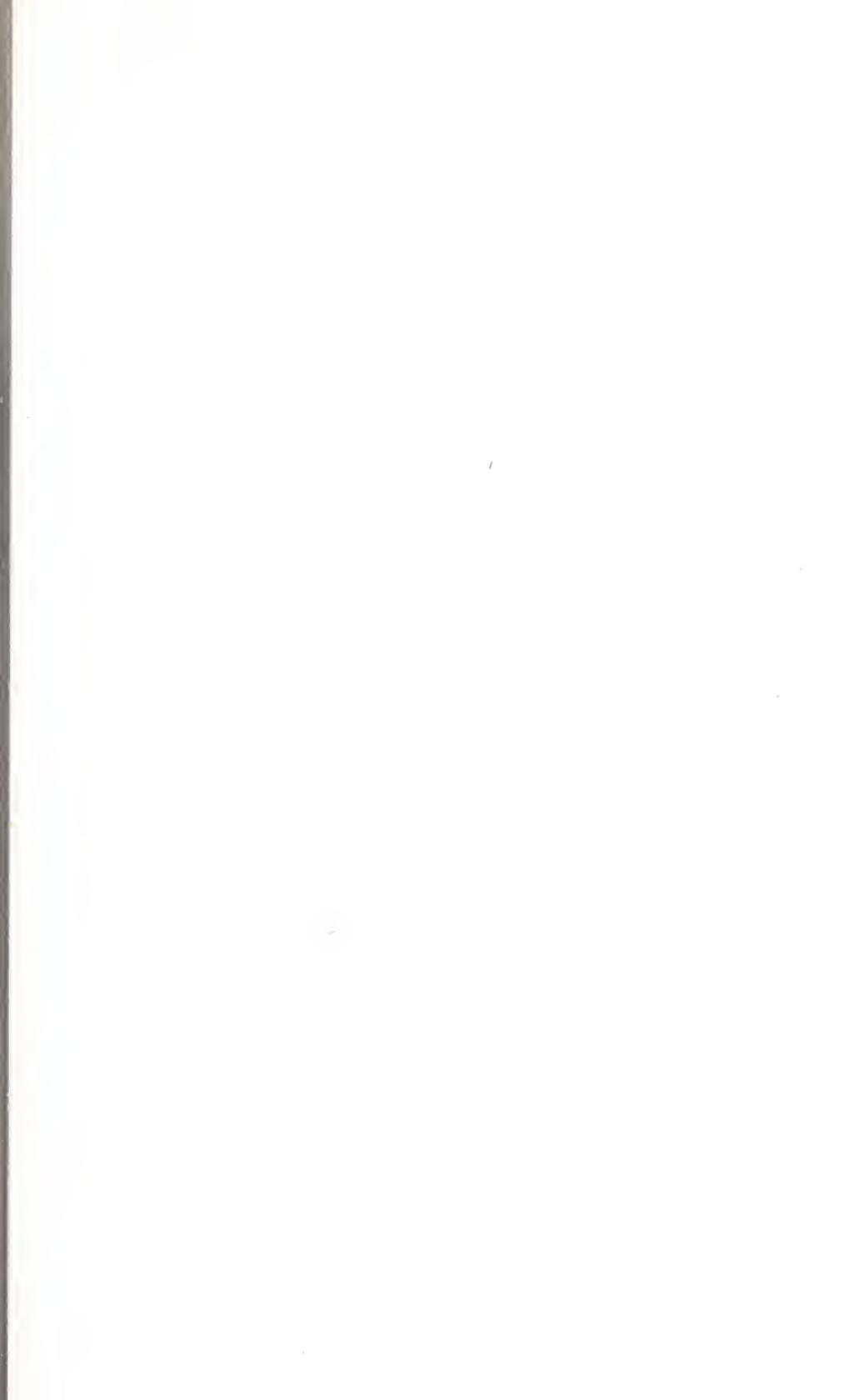


# LIVRARIA CLASSICA EDITORA → →

← Praça dos Restauradores, 20 — LISBOA

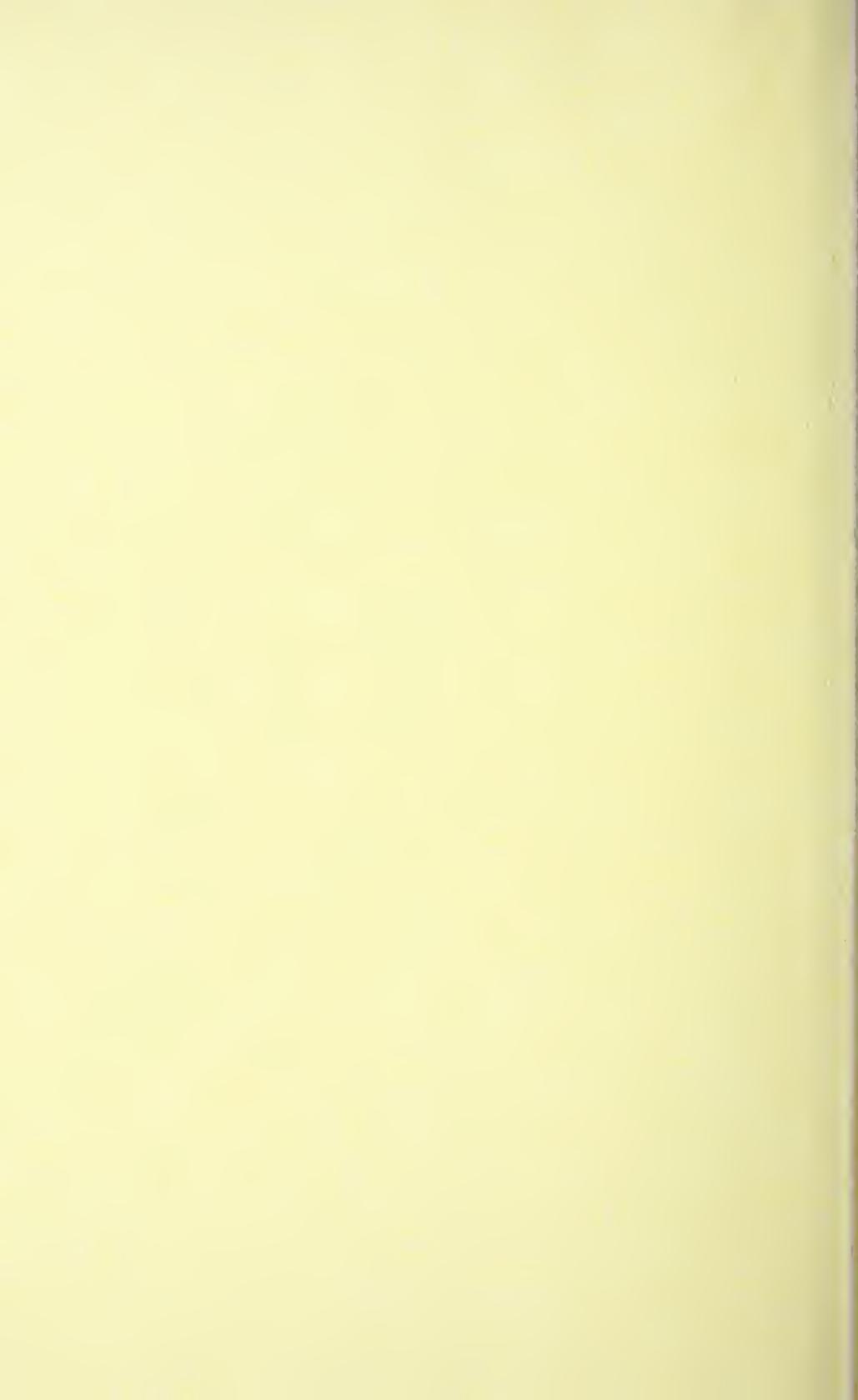
## Ultimas publicações:

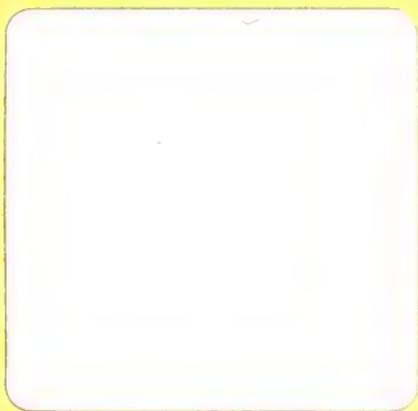
- A Republica Portuguesa** (Resposta aos que a difamam), pelo Dr. Bettencourt-Rodrigues. 1 vol. 200
- A cidade antiga**, por Fustel de Coulanges. Estudo sobre o culto, direito e instituições da Grecia e de Roma, trad. do Dr. Souza Costa. 2 vol. 1\$000
- A mulher não póde instruir nem educar**, por M. Trombetta, trad. de A. Augusto de Brito. 200
- Credito agricola democratico.** Propaganda do credito agricolã seguida do decreto de 2 de Março de 1911 e de modelos d'estatutos de caixas ruraes economicas e de credito, por D. Luiz de Castro. 1 vol. 700
- Diario do seductor** (Arte de amar), por Sören Kierkegaard, trad. de Mario Alemquer. 1 vol. 400
- Gente singular.** Contos por M. Teixeira Gomes. 1 vol. 500
- Inst. de direito commercial**, por C. Vivante, trad. do Dr. J. Alves de Sá. 1 vol. 1\$500
- Litteratura tragica**, por S. Sighele, trad. de E. Vieira. 1 vol. 500
- O Padre Roque** (apicultura). Novella rural, por João da Motta-Prego. 1 vol. profusamente illustrado. 600
- O primeiro beijo.** Peça em 1 acto, por Julio Dantas. 200
- Pastras filolojicas**, por Gonçalvez Viana. I—Vocabulario. II—Gramatica. III—Várias. 1 vol. 700
- Philosophia do direlto**, por A. Groppali, trad. do Dr. Souza Costa. 1 vol. 800
- Sol creador.** Versos de Alberto Monsaraz. 1 vol. luxuosamente impresso. 800
- Telegraphia electrica, aérta, submarina e sem fios**, por A. Ferrini, trad. de Adalberto Veiga. 1 vol. com 125 gravuras. 1\$000











GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00044 7934

